

INTRODUÇÃO

A psicanálise lacaniana apresenta um marco fundamental em sua história. Foi após o *Seminário XI* que Lacan promoveu o período considerado mais propriamente *lacaniano* na construção de sua teoria. Isto quer dizer que nos períodos anteriores ocorreu uma vasta apropriação por parte de Lacan de outros ramos de saber que influenciaram muito a sua produção teórica, como é atestado pelas muitas referências encontradas em sua obra – referências cuja fonte nem mesmo é citada. Mas, não é isto que importa para o nosso trabalho. Importa buscar na teoria lacaniana, nos seus *primórdios*, a especificação do que foi o período do imaginário e do simbólico, sem apelar ao Seminário XI, como é muito comum acontecer entre os leitores de Lacan. É preciso buscar um desenvolvimento – que de uma certa forma se faz cronológico – da obra de Lacan e formalizar qual era a intenção deste psiquiatra de formação clássica ao tentar construir uma teoria que escapava completamente aos moldes de sua formação. Esta forma de pesquisa nos permite construir os conceitos fundamentais para o presente trabalho historicamente e não de modo retrospectivo promovendo uma visão desta teoria não a partir do momento em que ela já está enraizada num solo seguro, mas, ao contrário, procurar encontrar neste desenvolvimento qual a intenção de Lacan em cada um desses momentos privilegiados por este trabalho. Do imaginário ao simbólico, trata-se de saber quais foram as idéias que deram o contorno a uma obra tão comentada, aclamada e intolerável nos últimos anos.

A França dos anos 50 viveu uma grande agitação intelectual pelo aparecimento de um autor que, com seu ensino revolucionário e estilo singular, produziu uma teoria nova sobre o homem. A teoria lacaniana nasceu nos anos 30 com sua tese de doutoramento, tese que, de um lado, se apresentava como uma obra típica da psiquiatria e, de outro, era já uma tese original que abriria caminho, anos mais tarde, para o surgimento da psicanálise lacaniana. Jacques Lacan, durante as décadas de 30 e 40, foi um teórico disposto a promover uma obra original sobre a subjetividade humana buscando influências – na filosofia, na psicologia e na psicanálise – que pudessem ser o esteio para seu programa. Para tanto, durante esses quase 20 anos, Lacan buscou formalizar uma teoria sustentada a partir de conceitos que pudessem responder sobre o homem e seu surgimento, a saber, sobre como é possível pensar uma subjetividade e como se dá esse aparecimento. Neste projeto, nasceu a primeira teoria do imaginário como uma tentativa de produzir uma ciência que tem como objeto as noções de *imago* e de identificação, que apareciam então como os

meios de constituição e possibilidade de surgimento do sujeito humano. Nasce então a noção do *eu* na teoria lacaniana. A *imago*, neste contexto, é a expressão do meio social; ela é externa ao sujeito e caracterizada por ser o outro, ou melhor, um semelhante que permite a identificação e surgimento do eu.

Esse é o ponto de partida para o que vai se transformar numa psicanálise na década de 50, para o começo de um novo ensino sob o signo de um retorno a Freud, em detrimento da ciência psicológica dos primeiros anos. A partir de 53, haverá uma renovação teórica do projeto lacaniano. A psicanálise já não se apresenta mais como uma possível influência, entre outras, para a constituição de uma teoria sobre a subjetividade, mas é ela a própria questão de Lacan. As influências do período anterior não foram abandonadas, elas seguiram juntas neste novo projeto, no entanto, adequadamente organizadas para poderem compor esse novo quadro. Essa transformação foi possível pelo aparecimento da racionalidade estruturalista, ou da nova antropologia lévi-straussiana, que deu o aparato necessário para que nosso autor pudesse sair de um momento inicial para um outro momento e permitiu que, a partir de novas vertentes epistemológicas, sua teoria pudesse ganhar força e ganhar espaço dentro da intelectualidade francesa.

No período do imaginário, Lacan recusa noções que foram fundamentais para a teoria freudiana como, por exemplo, a noção de inconsciente. Ele pretendia então menos um levantamento da obra de Freud e mais constituir uma teoria que pudesse receber a característica de ciência concreta. Com o advento do estruturalismo, surge um novo período, o do simbólico, que permitiu um novo acento na noção de inconsciente, já não mais rechaçado, mas, a partir de sua reorganização, operante sobre o homem e sua subjetividade. É a palavra falada e seu deciframento que nesse novo contexto vai marcar o surgimento da psicanálise francesa. A transição do meio social para a linguagem foi permeada pela lingüística de Saussure, outra importante vertente que influenciou a obra de Lacan. Essas nuances no projeto lacaniano devem ser compreendidas como um desenvolvimento teórico que dá o contorno às teses lacanianas, pois, ao concluir um momento, o outro não é abandonado, mas ocorre um encaminhamento dos seus conceitos para um outro rearranjo teórico, sempre em vista de se compreender o estatuto do sujeito. Se, no período do imaginário, o sujeito, ao se identificar ao outro, passa a se reconhecer como um eu, esse modo da gênese do sujeito imaginário ganha um novo estatuto com o

simbólico. Uma tal gênese não pertence mais ao projeto de uma psicologia; ao contrário, com o surgimento do simbólico que passa a dar respaldo ao imaginário, é uma nova compreensão do sujeito que aparece, diferente até do que Freud falava sobre a instância psíquica do inconsciente. Assim, o simbólico passa, depois de um determinado tempo, a ter um novo estatuto: o significante. Este marca a teoria lacaniana até o seu final. O significante será na obra de Lacan o carro chefe que dará conta da questão sobre o sujeito e o inconsciente.

Este trabalho tem como intenção traçar a gênese teórica de alguns conceitos fundamentais no desenvolvimento da obra de Lacan – do início até os anos 50. Para isso, é preciso questionar o que permitiu e o que precisou ser revisto e organizado para que tanto o simbólico quanto o significante fizessem sua entrada na obra de Lacan a partir do contexto inicial do imaginário; é preciso pontuar o que aconteceu com o período do imaginário que tornou necessária a entrada do simbólico, como tema privilegiado, e a partir deste, a entrada do significante. É sabido que a teoria lacaniana comporta dificuldades incontornáveis: em certos momentos, Lacan elege conceitos que logo são descartados sem maiores explicações, como é o caso da noção de intersubjetividade no início da década de 50; ou ainda, sob o pretexto de reorganizar a teoria freudiana, faz brotar da obra de Freud noções que ali não existiam. Não se trata aqui de apontar se houve ou não um desvio da leitura lacaniana da obra freudiana, ou de questionar se a apropriação que Lacan fez da lingüística é fiel ao que propõe Saussure, mas de levantar as questões forjadas por Lacan para promover um retorno a Freud e se apropriar da lingüística. Trata-se de compreender esse retorno tomado tal como Lacan indica, ao pé da letra: um retorno que significa uma reviravolta. Pois era preciso contornar a instância psíquica sede das representações inconscientes, como um lugar pulsional, e fazer surgir – a partir do contexto cultural em que se encontrava Lacan – uma teoria sobre o sujeito entendido como resultado e expressão da linguagem. Assim, surge a psicanálise lacaniana como uma releitura, a princípio crítica, da obra vienense pelo viés de novas influências.

Para tanto, nosso trabalho recebeu o seguinte contorno. A primeira parte será uma análise do que foi o imaginário no período do seu surgimento, o que significa estar identificado a uma *imago* e daí surgir um eu. Faremos uma análise do texto lacaniano *O estádio do espelho como formador da função do eu*, de 1949 e de como se deu o seu

surgimento. A segunda parte será uma análise daquilo que Lacan formulou como o simbólico e de como a partir disto a linguagem passa a ter um estatuto tão importante dentro da sua obra, visando tanto a clínica quanto a teoria. Buscaremos desenvolver este tópico baseado no texto-chave *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* de 1953, também conhecido como “Discurso de Roma”. A última parte será dedicada a estabelecer o que se pretendeu com o novo estatuto do significante e como a partir daí se fundamentou as noções de sujeito e de inconsciente. O texto escolhido para ser o suporte deste momento foi *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, de 1957.

PRIMEIRA PARTE
PRIMEIRA TEORIA DO IMAGINÁRIO E A GÊNESE DO EU
NA
OBRA LACANIANA

1. INTRODUÇÃO

Aparece, na obra de Jacques Lacan, três momentos importantes no período do imaginário. O primeiro deles ocorre em 1938, quando Lacan, a convite de Wallon, escreve um texto sobre a família para a *Encyclopédie française* no tomo VIII consagrado à vida mental. Este artigo leva o nome “*Os complexos familiares na formação do indivíduo*” também conhecido como “*A família*”. Este artigo é uma referência importante na teoria do imaginário, pois é nele que aparece, pela primeira vez, o estágio do espelho como tentativa de dar conta de questões que ficaram sem resposta ao final da sua tese de doutoramento de 1932, a saber, a *gênese do eu* e o papel do *meio social*¹. E, também, apresenta uma tentativa de Lacan de reorganizar a teoria freudiana quando, ao contrário de Freud, que coloca o Complexo de Édipo como central na sua obra, é no complexo de intrusão que Lacan organiza o momento fecundo da constituição do sujeito, do outro e do objeto. De fato, esse artigo pode ser considerado como a primeira tentativa para a formalização de uma psicologia que Lacan procurava instituir e que destituía qualquer explicação sobre o sujeito humano a partir de fatores biológicos e atribuía importância a sua relação social dentro do funcionamento da família. Esta posição sustentada por Lacan no artigo sobre a família foi apoiada por necessidades teóricas impostas pelas questões que exigiam ser pensadas e que ficaram em aberto desde 32 – e, também, corroborada pela influência exercida de *Politzer* na leitura lacaniana da psicanálise². Desta maneira, em 38, Lacan sustenta a seguinte

¹ J. Lacan apropria-se do meio social para tentar formalizar uma ciência do sujeito como *efeito e dependente* desse meio social. Desta forma, o que aconteceu foi um afastamento de J. Lacan dos dois ramos que atendiam a psiquiatria: da tradição psiquiátrica fenomenológica de *Jaspers*, que visava à compreensão do comportamento humano, e que tomava o sujeito como uma subjetividade absoluta, e também da tradição *organogenética* da psiquiatria, que tinha como paradigma a demência parálitica. A doença psiquiátrica entendida segundo os moldes da organogênese compreendia o corpo como o portador de um determinado desvio e, por conseguinte, o mental era afetado, sendo este entendido como mero epifenômeno. A explicação da doença mental se enquadrava num padrão funcional mecânico-biológico. Todavia, a tese de doutoramento de Lacan não finalizou os dois temas indispensáveis no que se refere à sua explicação da loucura: a *estrutura reacional* que diz respeito à *gênese do eu*; e a *dependência do sujeito*, que remete ao papel do *meio social*. Desta forma, o texto sobre a família é o momento em que Lacan promove uma possível organização do ficou em aberto na tese de doutoramento.

² *Politzer*, em sua obra *Críticas dos fundamentos de psicologia*, fazia elogios ao método psicanalítico por ser a expressão de uma psicologia concreta que dava sentido aos movimentos de um paciente em tratamento. Assim, em *Die Traumdeutung*, conforme leitura de *Politzer*, Freud revela que o sonho tem um sentido que precisa ser desvelado a partir de uma interpretação que o sonhador encontra no relato de seu sonho. No entanto, para *Politzer*, a teoria metapsicológica freudiana comporta uma noção *realista* do inconsciente –isto é, um inconsciente que se traduz por conteúdo *latente* (o submundo psíquico) e o conteúdo manifesto como efeito de superfície dos fenômenos psicológicos – que está em desarmonia com a tentativa de produzir uma

hipótese: a família é responsável pela humanização de um sujeito, que, após seu nascimento, deixa de lado seu referencial natural e, imediatamente, está imerso em um universo cultural que é transmitido por esta instituição³ da qual faz parte.

*“Entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura (...) prevalece na educação precoce, na repressão dos instintos e na aquisição da linguagem (...) rege os processos fundamentais dos desenvolvimentos psíquicos (...)”*⁴.

No texto sobre a família, Lacan tentou articular conceitos forjados da psicanálise na construção teórica da dimensão social refletida na dimensão psíquica, assim como: a influência dos complexos e das *imagos* na constituição do *sujeito*, do *outro* e do *mundo*. Então, o meio social familiar fornecia a base de sustentação para a formação do sujeito a partir da *falha* da natureza humana, e, desse lugar, o que se impunha era uma teoria do imaginário e, a partir daí, a possibilidade do surgimento do *eu*. Tudo ocorre nos primórdios da teoria lacaniana sobre a família como uma tentativa de explicação que parte do meio social, passa pelo complexo – que por sua vez permite o surgimento das *imagos* – e, a partir destas, à constituição efetiva do sujeito.

*“Complexos, imagos, sentimentos e crenças serão estudados em sua relação com a família e em sua função do desenvolvimento psíquico que organizam desde a criança na família até o adulto que a reproduz.”*⁵

O segundo momento ocorre oito anos após esse artigo, no *Congresso de Bonneval* organizado por Henry Ey para tratar do tema da *psicogênese*. Nesta ocasião, Lacan propõe

psicologia científica para dar conta dos fenômenos psíquicos. Segundo Politzer *“(...) é bem verdade, portanto, que a psicanálise apresenta uma dualidade essencial. Ela anuncia, pelos problemas que se coloca e a maneira pela qual orienta suas investigações, a psicologia concreta, mas ela desmente, a seguir, pelo caráter abstrato das noções que emprega, ou cria, e os esquemas dos quais se serve. E pode-se dizer, sem paradoxo que Freud é tão surpreendente abstrato em suas teorias quanto é concreto em suas descobertas”*. Essa chave de leitura da obra freudiana será aquela que Lacan vai utilizar no período do imaginário. Período este compreendido como uma tentativa de reformulação dos conceitos psicanalíticos para que então uma psicologia concreta pudesse ser realizada.

³ Lacan afirma que: *“Coordenados pelo método sociológico, esses dados [da etnografia, da história, do direito e da estatística social] estabelecem que a família é uma instituição”*. (Lacan, Os Complexos Familiares in Outros Escritos, pág. 30: 2003).

⁴ Os Complexos Familiares in Outros Escritos, pág 30.

⁵ Os Complexos Familiares in Outros Escritos, pág 36.

uma formalização radical do problema da causalidade psíquica e, para explicar sua compreensão da loucura, traz à baila novamente o assunto da gênese do eu. Lacan faz uma explanação sobre a loucura⁶ e a sua relação com a constituição humana, revelando que essa é *uma* possibilidade do sujeito humano e não uma doença que apresenta um déficit neuronal. O projeto de constituir uma nova ciência psicológica suficientemente concreta, isto é, individual, para dar respaldo à compreensão de um sujeito psicológico tem suas diretrizes reveladas nesta apresentação de Lacan, quando este defende a idéia de uma psicogênese em detrimento de uma organogênese suposta pela psiquiatria vigente. Após criticar a concepção organo-dinâmica de Henri Ey por este não estar de acordo com uma idéia que abarque uma compreensão da loucura pelo viés da psicogênese, mas compreende a loucura como uma defasagem física, Lacan passa a pronunciar um discurso sobre o que até esse momento seu projeto teórico conseguiu alcançar. A saber, que a loucura é um *fenômeno de conhecimento* e “*vivida no registro do sentido (...) o fenômeno da loucura não é separável do problema da significação para o ser em geral, isto é, da linguagem para o homem*”⁷. Lacan tira a loucura do estatuto de doença e a coloca num patamar de sentido e linguagem. E, para falar sobre a loucura, Lacan apresenta o caso em que trabalhou na sua tese de doutoramento, o Caso Aimée⁸ que permitiu a ele mostrar que todo vivido do sujeito é expressão do meio social humano.

A primeira vez que Lacan trabalhou com o Caso Aimée foi num momento anterior a sua entrada no período do imaginário – e de uma certa forma causou a sua realização. Vale lembrar que nesta época a empresa a que se dedicava Lacan resultou em sua tese de doutoramento e essa tese girava em torno da formalização da *psicose paranóica* e da tentativa de Lacan mostrar que a psicose não apresenta um prejuízo na capacidade de síntese – como acreditava a psiquiatria clássica, colocando a doença mental num patamar de déficit -, mas que constrói a sua maneira uma síntese, isto é, uma personalidade⁹.

⁶ Formulação sobre a causalidade psíquica, in Escritos.

⁷ Formulação sobre a causalidade psíquica, in Escritos pág 166.

⁸ “*Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*”, tese de doutoramento de 1932.

⁹ A tese também levantava questionamentos críticos referentes à doença mental no âmbito da psiquiatria como uma maneira de romper com a *organogênese* em prol de uma *psicogênese*. Para justificar, de um lado, a interpretação paranóica da realidade e, de outro, uma nova teoria psicológica que compreenda uma explicação da mesma, Lacan utiliza-se deste caso clínico denominado de “*Aimée ou a paranóia de autopunição*”. Com isso, foi possível levantar alguns elementos da vida da paciente para poder confirmar que os eventos determinantes que possibilitaram a explosão de sua doença tocavam num *conflito* central de sua personalidade – diagnosticada por Lacan como sendo uma personalidade *paranáica* com finalidade de autopunição e com

Este caso clínico, trabalhado na tese de doutoramento e também em 46, deu condições a Lacan de articular o que estava construindo teoricamente no que concerne à explicação da gênese do eu e da loucura, podendo, desta forma, criar um solo para elucidar as questões teóricas de 32 e formalizar sua crítica à maneira pela qual a psiquiatria clássica via a questão da loucura ou da doença mental. Foi a partir da loucura que Lacan percebeu que seria necessário levantar não apenas uma explicação referente ao que acontece com o homem para que este adoça, mas, também e principalmente, como se constitui uma personalidade, como se dá a constituição de um sujeito ou como o homem pode dizer “eu”.

Por fim – terceiro momento –, no ano de 49, no *Congresso Internacional de Psicanálise* em Zurique, Lacan dedica todo um artigo - “*O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica*” - para tratar do que resultou, durante todo este período do imaginário, do assunto da gênese do eu, também conhecido como sua primeira teoria do estádio do espelho¹⁰. Pode-se afirmar que a fase do imaginário é a tentativa de Lacan de formalizar uma teoria sobre a constituição do

manifestações de sentimento de culpa que envolveu todo o caso. Esse foi o primeiro laço de Lacan com a psicanálise. Por esta dar condições de se fazer uma análise *determinista* da compreensão destes fenômenos, Lacan percebeu, no caso Aimée, que a doença apontava para um determinado sentido pessoal, que ela tinha um caráter intencional e também, que todos os eventos eram regidos por uma lei. Desta forma, Lacan deu um sentido ao delírio da paciente ao mesmo tempo em que tentou justificar sua psicogênese: trata-se de uma *fixação narcísica* de tal modo que todo o comportamento da paciente compõe um ciclo de comportamentos que envolvem um desejo que precisou de satisfação numa situação social. *Grosso modo*, após ter sido internada e abandonada por todos os familiares, vinte dias depois da explosão do delírio, cessou o distúrbio de Aimée. Lacan afirma que, após ter extravasado toda a energia psíquica do seu delírio, as exigências delirantes de Aimée passaram a não mais existir. Isto é, ao ser punida depois de ter sido presa e internada e ser desamparada pela família, ocorreu a suspensão do delírio, a doença acabou, evidenciando que o seu intuito, ou o ataque homicida cometido contra a atriz, na realidade dos fatos psíquicos, fora dirigido para si mesma; Lacan, chegando a essa verificação, pôde diagnosticar a psicose da paciente como uma paranóia de autopunição.

Lacan levanta então a questão de uma causa primeira da psicose, uma causa que pudesse justificar a formação da personalidade mórbida de um sujeito, ou, até mesmo, da constituição humana normal. Afinal, era preciso uma justificativa psicológica que fosse o alicerce do edifício conceitual da constituição humana, e uma das respostas encontradas nesse momento foi a formalização psicanalítica de *fixação* do desenvolvimento da *libido*. Essa noção freudiana foi importada e relacionada no caso Aimée como sendo o dispositivo que permitiu a interpretação da paciente de autopunição. Isto é, um determinado ponto de fixação do seu desenvolvimento psíquico que foi deslocado para o seu meio social, ou melhor, um evento ocorrido com tal paciente e que se fixou em sua psique foi transferido, ou investido pela sua libido, em sua relação familiar. Esses conceitos forjados da psicanálise permitiram a Lacan incrementar a sua construção teórica de uma ciência da personalidade dentro de um patamar psiquiátrico e, portanto, seu envolvimento com a psicanálise aconteceu apenas de forma circunstancial. Lacan era um psiquiatra querendo inovar a teoria psiquiátrica referente à formalização da doença mental e, para isso, queria menos levantar os fatos da vida de pacientes e mais constituir uma ciência da personalidade a partir de uma psicologia concreta que fosse o solo fértil para subsidiar a constituição de um sujeito compatível com uma teoria da psicose.

¹⁰ Este termo foi retirado da obra de Wallon, *As origens do caráter da criança*, de 1934, que descreve as reações de crianças com 8, 9 meses em frente ao espelho.

sujeito humano e, para tanto, compromete-se com uma teoria *antropológica* da constituição humana, assim como também flerta com alguns conceitos da psicanálise freudiana que puderam corroborar seu projeto, enquanto que outros conceitos freudianos foram totalmente descartados e até certo ponto sofreram uma crítica feroz por parte de Lacan¹¹. Cada momento desta etapa da obra de Lacan, de 38 a 49, ora a crítica, ora a relativização da obra freudiana, apresenta-se com sua particularidade, cada um deles traz consigo a tentativa de um psiquiatra de formação tradicional de definir um objeto para uma psicologia nova e descrever uma teoria sobre o sujeito fundamentada em uma determinação social que possibilite a criação de uma instância psicológica. Durante o período do imaginário, o projeto a que se dedicará Lacan será o de tentar reformular o conceito de narcisismo, ou como é possível o surgimento do eu no homem e como se dá sua relação com o meio social. Ou melhor, o empreendimento a que se dedicará Lacan sairá de um patamar psiquiátrico em direção à constituição da psicologia que irá ser respaldada por uma antropogênese que culminará numa formalização do eu pelo viés *da experiência que dele nos dá a psicanálise*¹².

Depois do término deste período e por causa dele, ocorre uma transformação de grande importância no projeto de Lacan: este vai tornar-se então um psicanalista e clamar por um retorno à obra freudiana, o que *parece* implicar, o abandono do seu projeto inicial. Daí surge a questão de saber: o que do período do imaginário, que foi marcado por uma teoria psicológica que desse conta do papel do meio social, levou Lacan a filiar-se à doutrina vienense sustentada por uma teoria do simbólico? Isto é, o que permitiu a Lacan, a partir de sua tentativa de formalizar uma psicologia da gênese do eu a partir do meio social, tornar-se um dos teóricos da obra freudiana relida então, na década de 50, a partir do prisma da linguagem?

Para responder a essas questões, é preciso voltar ao período do imaginário e compreender suas articulações internas e tentar encontrar quais foram os motivos que permitiram que simbólico fizesse sua entrada na obra lacaniana.

¹¹ Como por exemplo: a “*noção, inerte e impensável, de inconsciente*” (Causalidade Psíquica in Escritos, pág 183).

¹² Estádio do Espelho in Escritos, pág 96.

2. A GÊNESE DO EU

Na tese de doutoramento de Lacan (1932), o meio humano aparecia como meio social humano¹³ e os indivíduos eram o modo de expressão desse meio vivido. Esse caráter social era a condição necessária para cobrir a falha humana: a *prematuração psicofisiológica*. Devido a esta falha, Lacan introduziu, em 1938, o conceito de *complexo* (contra a noção de instinto) e de *imago* para dar respaldo à vida subjetiva entremeada por essa condição social. A instituição familiar como condutora de cultura tira o homem de um patamar unicamente biológico para inseri-lo em um contexto social, que em função do *déficit* do instinto no sujeito humano – devido a prematuração psicofisiológica – torna possível substituir os determinantes biológicos pelos culturais, permitindo ao meio social condicionar sobremaneira a ordem psicológica. Mas, daqui surge uma questão: de que modo essa situação social familiar pode dar conta da gênese do eu? É a partir da noção de complexo e *imago* que Lacan irá responder a esta questão.

O projeto lacaniano tem como objetivo a formalização de uma nova ciência psicológica que possa responder sobre o homem enquanto ser psicológico e cultural e *A família* é uma tentativa de colocar em ação esse empreendimento teórico que envolve uma determinada situação social e uma *dinâmica* de *identificação* aos personagens do drama familiar. Esta situação externa atrelada a uma vivência psíquica é o modo pelo qual Lacan define o complexo. Um conjunto de reações, tanto físicas quanto emocionais, que reproduz uma determinada realidade; esta reprodução ocorre de duas maneiras: primeiro, na sua *forma*, o surgimento de um complexo reflete um momento específico do desenvolvimento psíquico e segundo, na sua *atividade*, uma realidade que foi inscrita poderá ser repetida sempre que um evento exigir uma manifestação psíquica ou uma resposta do sujeito a esse evento. É o complexo que organiza o desenvolvimento psíquico e seu novo surgimento ocorre sempre em reorganização ao que ficou de outros conflitos vividos na realidade. Isto quer dizer que um novo acontecimento sempre ocorre na retomada de vivências anteriores. Sendo assim, por ser esse o modo de organização de um complexo – de inscrever uma

¹³ Lacan toma de empréstimo essa idéia de Von Uexküll, um biólogo que atribuía o desenvolvimento dos comportamentos à relação com o meio social.

vivência e de ressurgir como fundo para a possibilidade de compreensão de um novo vivido –, é possível pensá-lo como um momento intermediário entre o social e o psíquico e, portanto, dependente da cultura local, da família, que constitui as relações sociais de um sujeito.

Contudo, essa formalização que Lacan dá para o conceito de complexo marca uma recusa da noção de complexo em Freud¹⁴ e uma reordenação de tal noção se dá a partir de uma psicologia que atribui às relações sociais a possibilidade de uma vida psíquica. Lacan, entretanto, precisa eleger uma noção que dê conta do fenômeno psicológico na relação do sujeito com o complexo, produzido pela realidade familiar. Essa noção é designada pelo nome de *imago* e é um processo psicológico que um sujeito vive através do complexo, uma imagem submetida à subjetividade. A *imago* pode ser descrita como uma imagem unida aos afetos que se manifestam no complexo e, a partir da posição subjetiva em que o sujeito se identifica, passa a interpretar a realidade em que está inserido. A *imago* responde por uma instância psicológica e o inconsciente só pode ser considerado na obra de Lacan – neste momento – como falta de consciência, um conceito meramente descritivo e não como um lugar de representações ou o campo psíquico que causa o sujeito humano. Pois este é o lugar que a instituição familiar – através dos complexos que impõem as *imagos* – vem ocupar, estabelecendo “*desse modo, entre as gerações, uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental*”¹⁵.

Os complexos que organizam a subjetividade são estes: o complexo do desmame, o de intrusão e o de Édipo. Com o estatuto que Lacan deu a noção de complexo e conseqüentemente a noção de *imago*, foi possível formalizar uma constituição do eu dentro de um enquadramento psicológico tão caro ao projeto lacaniano. E é o complexo de

¹⁴ O complexo foi definido por seu inventor, Freud, como um evento inconsciente, intrapsíquico, constituído por fantasias que partiam de uma fonte constitucional ou endógena. Os complexos de Édipo e de Castração nas suas manifestações não são dirigidos pela consciência, mas através das pulsões, noções designadas por Freud com uma fonte endógena. No momento em que Lacan se encontrava, sua leitura do conceito de pulsão (*Trieb*) se fazia de acordo com a tradução inglesa da obra de Freud, a saber, como instinto, remetendo esta noção a um biologismo que Lacan recusava, visto que seu percurso até aqui era formalizar uma teoria que revelasse a questão da constituição do sujeito pelo social em detrimento da natureza. A obra sobre a família tem este intuito: trazer para cultura aquilo que em Freud, segundo Lacan, era biológico. “*Lacan repudiará mais uma vez (como fizera na Tese) o substancialismo da metapsicologia freudiana em nome de uma concepção ‘relativista’ dos fatos psíquicos, como ressalta no privilégio que concederá à noção de complexo*”. (ARANTES, Paulo; in SAFATLE, Vladimir. *Um limite tenso, J. Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo : Editora Unesp, 2003. Pág. 45).

¹⁵ Os Complexos Familiares in Outros Escritos, pág 31.

intrusão o complexo central da teoria do eu, pois é nele que o imaginário se mostra em seu apogeu: a gênese do eu a partir de uma imagem que se converte em um momento fecundo da constituição do sujeito humano culminando numa relação negativa com o outro. Por isso, é possível afirmar que, diferentemente de Freud, Lacan organiza a constituição do sujeito a partir do complexo de intrusão.

O complexo de intrusão, que se passa na relação entre irmãos, tem como ponto central a *identificação* afetiva como pré-condição ao *ciúme* pelo reconhecimento da presença do outro semelhante. Neste momento, o ciúme não é compreendido como *rivalidade vital*, como disputa pelo alimento materno, ele é a consequência de uma *identificação mental*. O outro, o irmão, o rival – tomado como objeto – ocupa um lugar que outrora era seu: o lugar ao peito materno. Esse outro será alvo da *agressividade* do desmamado que, por isso mesmo, identificou-se e confundiu-se com ele. A *imagem* do outro, que a princípio aliena, é o modelo para a constituição de seu próprio eu, como afirma Lacan: “o eu se constitui ao mesmo tempo em que o outro no drama do ciúme”¹⁶. E, em 49, Lacan retoma essa identificação: ele fala então do estádio do espelho, pelo viés da *psicologia comparada*¹⁷ cotejando uma possível relação do filhote do homem com o filhote do chimpanzé¹⁸ onde há um momento em que o filhote do chimpanzé sobrepuja o filhote humano no que se refere à inteligência. Não obstante, ao perceber refletida sua imagem em um espelho, há pouco interesse da parte do filhote de macaco e, ainda, após algum tempo, segue-se um desinteresse total pelo evento. O mesmo não acontece com o filhote humano. Para este, ao ver refletida sua imagem, surge uma *sucessão* de movimentos que ele passa a experimentar com seu meio, acompanhado de um grande interesse por essa *imagem* que o captura. Essa ação por parte do bebê, de êxtase ao ver uma imagem, é uma tentativa de conciliar uma vivência *interna perceptiva* que está relacionada a uma sensação de *júbilo* a partir da visualização da imagem de um corpo em movimentação. Após os seis meses, o bebê, sem ter ainda o domínio de seu corpo, vê uma imagem refletida no espelho e é tomado de um *júbilo* e *êxtase* capaz, a tal ponto, de *antecipar*, nesse bebê, a *fixação* de um detalhe dessa imagem. A comparação do filhote do homem com o filhote do macaco, Lacan

¹⁶ Os Complexos Familiares in Outros Escritos, pág 34.

¹⁷ “O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” in Escritos 1998, pág. 96.

¹⁸ Esse exemplo que Lacan traz da psicologia comparada foi tirado dos experimentos de Köhler (*A inteligência dos macacos superiores*) sobre a imagem especular dos chimpanzés.

a faz para justificar que a reação de ambos se difere no que diz respeito à constituição de um eu. A sensação de júbilo seguido de um grande interesse por uma imagem refletida na qual o sujeito é capturado concorre para o momento inaugural da formação do eu e, também, funciona para revelar o “*papel imaginário da gênese da subjetividade humana*”. Esse acontecimento, afirma Lacan, é revelador tanto de um dinamismo libidinal quanto de uma *estrutura ontológica do mundo humano* relacionado por ele ao *conhecimento paranóico*¹⁹. A estrutura ontológica do mundo humano, ou melhor, o momento em que nasce o eu e o mundo pela apreensão de uma imagem vinda de fora, é o que respalda as compreensões das manifestações nas crenças delirantes no fenômeno paranóico, ou ainda, este é o solo que permite o acontecimento do fenômeno paranóico. A crença delirante nas formações alucinatórias da psicose é semelhante à criança quando atribui uma verdade às imagens que formam seu mundo e seu eu em um mesmo golpe nesse período.

Foi esse momento fundamental da constituição do eu – momento em que a criança é capturada por uma imagem que lhe é externa e a aliena – que Lacan buscou articular com o seu modo de compreender a loucura apresentado no congresso em que foi convidado a falar da psicogênese. E para tanto, em 46, Lacan entrou num debate com Henri Ey sobre a doença mental a partir da sua compreensão do que é a loucura e como esta pode ser relacionada com o eu na sua constituição. Lacan apresenta a *crença* como um evento que não pode ser separado do fenômeno da alucinação e do delírio. Concorda com Henri Ey quando este afirma essa hipótese, mas o critica quando este atribui um *erro* de percepção à crença delirante e, assim procedendo, dissolve tal fenômeno em um juízo. Por mais tradicional que seja a abordagem de Ey, ao situar *nas dobras do cérebro* a crença delirante e afirmá-la como um fenômeno de déficit, Lacan o condena por tomar este caminho errado na formalização de uma concepção da loucura. Pois, para Lacan o erro é sim um déficit de sentido, mas a crença não tem relação com defasagem orgânica alguma, pois ela não é um erro, é *desconhecimento*. Um louco é louco pelo fato de não reconhecer os fenômenos que experimenta e tem relação, seja qual for – automatismo, alucinação, interpretação, intuição –, como produções suas. Estes são fenômenos que devem ser desvelados e tal desvelamento é possível pela linguagem, pois “*na linguagem se justificam e se denunciam as atitudes do*

¹⁹ Estádio do Espelho in Escritos, pág 97.

ser”²⁰. Para se compreender qual é a estrutura deste desconhecimento que caracteriza a loucura – e qual a relação dessa situação com a gênese do eu –, que faz o louco não reconhecer que as suas manifestações delirantes são causadas por ele mesmo devido a um sentido que deu a seu mundo em um determinado momento do seu desenvolvimento psicológico, Lacan traz o caso que deu respaldo a sua tese de doutoramento: o caso Aimée.

Com a apresentação do caso Aimée, Lacan buscou argumentar sobre o evento do *desconhecimento* na loucura como sendo um fenômeno observável desde o princípio e acrescenta logo em seguida: “*Seguramente, pode-se dizer que o louco se acredita diferente de quem é...*”²¹ – como Aimée que se acreditava vítima de um complô para lhe tirarem o filho, então, foi preciso acabar com as ameaças que estava recebendo de uma atriz francesa, *Hughette Duflos*, e para tanto atacou tal atriz na entrada de um teatro; sentidos estes dados pela paciente para os eventos da sua vida que compunham a estrutura do seu delírio. Lacan então apresenta que o sujeito *desconhece* que sua loucura é uma construção de sentido que ele faz do mundo, e este mesmo desconhecimento que está na base da loucura é o mesmo que o homem vive na sua constituição como homem, como um eu: “*se um homem que se acredita rei é louco, não menos o é um rei que se acredita rei*”²². O sujeito normal, ou melhor, aquele que não é encerrado num asilo, que não se diagnostica como louco, possui no cerne do seu ser o fenômeno que é característico de uma manifestação da loucura: o desconhecimento.

Até aqui o que se viu foi a relação entre desconhecimento que está na base da loucura e o sentido que o sujeito dá aos eventos de sua vida; e, para deslindar tal condição a respeito da loucura e sua convergência com a realidade própria do homem, Lacan fala sobre conceito de identificação. A loucura não se dá num acidente que ocorre por um mau funcionamento físico, mas a partir “*das identificações em que o homem engaja simultaneamente sua verdade e seu ser*”²³. Em outras palavras, o que Lacan traz à luz é que aquilo que qualifica a loucura num desconhecimento de si mesmo está na origem do homem e aplica-se ao “*desenvolvimento dialético do ser humano*”²⁴. O processo identificatório é o momento fecundo do desenvolvimento humano, pois é a partir dele que o

²⁰ Causalidade Psíquica in Escritos, pág 168.

²¹ Idem, pág 171.

²² Idem.

²³ Idem, pág 177.

²⁴ Idem, pág 173.

infans passa para a possível realização em si da condição humana. Lacan é concludente nesse momento da sua obra ao dizer que a loucura é a:

“ (...) *virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência... fiel companheira [da liberdade], e acompanha seus movimentos como uma sombra... e o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite da sua liberdade*”²⁵.

A explicação que Lacan desenvolve sobre o fenômeno da loucura e sua relação com a constituição do eu de um sujeito se passa, ao que parece, da seguinte maneira: a crença que está na raiz de um fenômeno da loucura é outra coisa que não erro de juízo, ela é *desconhecimento*. O sujeito delirante – aquele que crê no seu delírio, pois ele *realmente* vê, ouve e vive todos os eventos desses fenômenos – não reconhece que tais eventos são criações suas. Mas, há, no entanto, uma antinomia que envolve o desconhecimento. O desconhecimento supõe um reconhecimento. É louco o sujeito que se acredita rei quando é pobre, entretanto, é louco também o rei que se acredita rei. A loucura é um fenômeno que *evidencia* o desconhecimento que é o mesmo pelo qual o eu vem a se constituir. Por isso, o rei que se crê rei não é diferente do louco pobre que se crê rei, ambos estão no “*coração da dialética do ser*”²⁶. O fato que caracteriza a loucura – o desconhecimento - se aplica aos momentos em que ocorre o *desenvolvimento dialético do ser humano*: na alienação constitutiva do eu que se define a partir de um outro. O desconhecimento não é próprio do fenômeno que caracteriza a crença na loucura, mas ao eu em geral. A maneira como o homem denomina-se como *eu* é resultado de identificações e alienações a uma imagem vinda de fora do sujeito que faz com que acredite que esta imagem é ele. Sendo assim, a loucura não é um acidente que ocorre por um mau funcionamento de aparelhos e órgãos que constituem um organismo débil, ela é da mesma forma que o eu é: resultado das identificações que um sujeito realiza. Assim Lacan apresenta o estádio do espelho como uma tentativa de descrever o poder de constituição desse modo imaginário e, para tanto, faz um percurso que pretende reencontrar de onde vêm tais identificações e “*apreender a*

²⁵ Idem pág 177.

²⁶ Idem, pág 171.

modalidade de forma e de ação que fixa as determinações desse drama (...) identificável com o conceito de imago”²⁷. Nas palavras de Simanke:

“Se a loucura é imanente à realidade humana, é porque esta identificação imediata, primária, que está na sua origem, é um momento logicamente necessário na edificação do sujeito e, portanto, os alicerces da subjetividade estão enraizados num solo tipicamente paranóico de identificações perfeitamente constitutivas, das quais o estádio do espelho busca fornecer o modelo” ²⁸.

A explicação que Lacan oferece é que a loucura é um modo de expressão – de uma certa forma exagerada – do que acontece, enquanto vivência – quando o homem passa a se reconhecer como um eu. Pois, a criança desamparada – por depender de outros para existir, para se alimentar – é tomada de júbilo por causa de uma imagem que a capta e, então, essa criança se agarra àquela imagem como sendo ela mesma. É o que Lacan chama de identificação: *“a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”*²⁹. Eis o que se está querendo reafirmar: a noção de identificação permite compreender o estádio do espelho como o momento em que a criança faz a assunção de uma imagem para si. A identificação a uma imagem vem ficar no lugar do que antes era ocupado por uma verdadeira privação. O *eu* aparece, em sua *forma primeira*, para tomar o lugar da incapacidade de sobrevivência de que é provido o corpo humano quando bebê. Nas palavras de Lacan:

*A assunção jubilatória de sua imagem especular por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de infans parecer-nos-á pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito*³⁰.

²⁷ Idem, pág 179 (Grifos nossos).

²⁸ *Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. 2002. Pág 239.

²⁹ Estádio do Espelho in *Escritos*, pág 97.

³⁰ Idem.

Essa azáfama jubilatória demonstra o quanto a captação da imagem é o momento inaugural da constituição do eu de um sujeito. O sujeito passa a existir, enquanto sujeito, a partir de uma forma que lhe vem de fora e por isso é possível dizer que o *eu é um outro*³¹. Lacan postula: “*desde antes de sua determinação social...*”, a partir da forma que lhe é externa e assumida pelo eu, o sujeito se assenta “*numa linha de ficção*”³². De uma condição negativa, a captação imaginária funda-se como um efeito compensatório, e disto à forma primeira do eu “*para sempre irredutível para o sujeito humano*”³³. Essa forma *antecipada* em que o sujeito se engendra e que lhe é vinda de fora, faz o eu humano crer (semelhante ao fenômeno da crença delirante) pela identificação que a imagem é ele. A partir deste episódio, de encantamento por perceber-se no outro como sendo si mesmo, constitui-se uma unidade corporal que até então não se podia supor na criança. A *Gestalt* – para usar o mesmo termo que Lacan – à medida que é percebida como uma forma limitada pelos aspectos da exterioridade oferta ao sujeito uma:

*(...) forma total do seu corpo(...) uma forma que é mais constituinte que constituída(...) ela lhe parece num relevo de estatura que a congela e numa simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com que ele experimenta animá-la. Assim essa Gestalt, cuja pregnância deve ser considerada ligada à espécie(...) simboliza, por esses dois aspectos de seu surgimento, a permanência mental do [eu] ao mesmo tempo em que prefigura sua destinação alienante...*³⁴

A Gestalt crava no sujeito, a partir dos movimentos revelados pelo êxtase vivido, a forma de uma totalidade para um corpo e ao mesmo tempo destaca a condição de *prematuração* da espécie humana. Não é pouco o que Lacan está anunciando aqui. Trata-se de descrever que uma Gestalt tem sobre um organismo a capacidade de constituição e, além disso, a de reforçar a premissa do imaginário.

Lacan afirma que a história de um sujeito desenvolve-se numa série de identificações ideais e que o eu que o sujeito constitui para si é resultado de uma imagem

³¹ A Agressividade em psicanálise in Escritos, 1948. Pág 120.

³² Estádio do Espelho in Escritos, pág 98.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

com a qual identificou-se. Diferente de Freud, que acreditava que o eu está identificado ao sistema *percepto-consciente* organizado pelo princípio de realidade ou caracterizado por aquele que realiza a *síntese*, foi por um *método fenomenológico*³⁵ que Lacan construiu sua teoria do eu, pelo caminho do conhecimento paranóico, que o levou a um parentesco com a noção de *transitivismo* que se expressa a princípio como “*matriz da Urbild do Eu*”³⁶, a fase mais arcaica do eu, mas que nunca se elimina da vida do homem por completo. Através dos estudos de *Charlotte Bühler* que percebeu o transitivismo através de brincadeiras entre crianças, pôde-se concluir que há uma “*verdadeira captação pela imagem do outro*”³⁷. Ao colocar duas crianças juntas, que estão no primeiro ano de vida, observa-se que ambas estão identificadas uma a outra, pois, quando uma cai, as duas sentem o tombo e choram, uma bate na outra e sente o seu próprio golpe. Estes fenômenos descritos pela autora, que vai do ciúme até as primeiras manifestações de simpatia, aparecem no espelho lacaniano, na medida que “*o sujeito se identifica, em seu sentimento de si, com a imagem do outro, e que a imagem do outro vem cativar nele esse sentimento*”³⁸, o sentimento de si. Esse fenômeno de si mesmo misturado ao outro, e que não se sabe mais quem é um quem é o outro, é o primeiro efeito da imago: o acontecimento da alienação, a imagem do outro através do desejo e do desconhecimento. “*É no outro que o sujeito se identifica e até se experimenta no princípio*”³⁹.

O estádio do espelho, evento que ocorre no complexo de intrusão, fala desta fase arcaica do desenvolvimento humano, quando da assunção triunfante da criança da sua imagem no espelho – imagem do semelhante – levando-a a uma *ação* identificatória acompanhada de mímicas e gestos frente a tal novidade que a capta. Esse é o modo imaginário que tem como efeito a constituição humana, são as *relações imaginárias* de uma determinada *fase do desenvolvimento humano*. Esse evento imaginário vivido pelo homem deve ser compreendido em consequência da prematuridade do seu nascimento, a incompletude e atraso do *desenvolvimento da neuraxe* nos primeiros meses de vida.

³⁵ Causalidade Psíquica in Escritos, pág 181

³⁶ Idem.

³⁷ Idem, pág 182.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

Na sua teoria da gênese do eu, Lacan se fundamenta na defasagem da natureza humana: “a prematuração específica do nascimento do homem”⁴⁰ e ressalta o “nó de servidão imaginária”⁴¹ que aparece no espelho. A falta no real, de um corpo desprovido de autonomia, permite a dominância da *Gestalt*. Portanto, como diz Lacan: o estádio do espelho “é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação”⁴². Ora, o sujeito dotado de uma insuficiência precipita-se a partir de uma imagem externa a ele, em que engendra o domínio do seu corpo, ou, de uma miragem que expressa “a maturação da sua potência”⁴³. Falar em unificação corporal a partir de uma forma externa é o mesmo que falar em antecipação na constituição do sujeito humano.

O estado de dependência e de impotência motora, vivido pela criança devido a prematuração específica do seu nascimento, estabelece o imaginário como um modo compensatório e, dessa negatividade, ocorre a antecipação da forma total de um corpo, assim como o próprio nascimento do eu e do outro. Esse evento – do *Innenwelt* para o *Umwelt* – pode ser representado pelo modelo de uma “dialética temporal”⁴⁴ que abarca toda a história da constituição do homem. Essa dialética realiza o contorno da hipótese levantada por Lacan – a partir de observações clínicas – a respeito da fantasia do corpo fragmentado que é construída no futuro e projetada no passado. Essa fantasia ocorre após a constituição da unidade do corpo a partir de uma imago, ela não é anterior ao evento do espelho, mas lançada no momento *anterior* a este evento, *retrospectivamente*. O futuro que se projeta no passado, ou um passado atualizado pelo futuro. É importante destacar que essa fantasia do corpo fragmentado *não* é uma manifestação da defasagem humana, mas constituída retroativamente quando se atribui uma forma ao corpo por uma imago especular, e a construção dessa forma que se adere ao corpo não suplanta a fragmentação imaginária.

Entretanto, com tudo que se viu a respeito da gênese do eu a partir da imagem do outro é possível compreender que há uma identificação entre *sujeito* e *determinação imaginária* e desta identificação o que resulta, como afirma Lacan, é o “impensável de um

⁴⁰ Estádio do Espelho in Escritos, pág 100.

⁴¹ Idem, pág 103.

⁴² Idem, pág 100.

⁴³ Idem, pág 98.

⁴⁴ Idem, pág 100

sujeito absoluto”⁴⁵, o que torna esta perspectiva imaginária insatisfatória⁴⁶. Aparece, portanto, uma primeira falha nesta compreensão de sujeito que faz Lacan lançar mão de um “*método de redução simbólica*”⁴⁷, ou melhor, de uma composição outra que está para além da ordem imaginária, pois devido ao fato da constituição do sujeito estar baseada apenas em dados subjetivos torna-se ineficaz para a técnica da psicanálise que tem como mira, a partir da *linguagem*, a cura do sintoma do paciente. Ora, Lacan tenta ampliar na teoria da psicanálise – que foi a teoria eleita para compor o seu projeto de uma psicologia concreta – a importância da relação entre técnica e teoria, já que, por uma exigência clínica, o método de redução simbólica, a linguagem, vem para *determinar* essa tal consequência do meio *externo* na formação dos eventos psíquicos. Lacan anuncia:

“... a nos fundamentarmos apenas nesses dados subjetivos, e por menos que os emancipássemos da condição de experiência que nos faz deduzi-los de uma técnica de linguagem, nossas tentativas ficariam expostas à recriminação de se projetarem no impensável de um sujeito absoluto”⁴⁸.

A importância da dimensão simbólica nesse momento se dá também em decorrência de uma outra noção que está na pena de Lacan desde o texto sobre a família. Essa noção é a da *agressividade*. Para Lacan, o complexo de intrusão é apontado como o complexo central na constituição do sujeito e que tem como tema central o encontro rival vivido pelo sujeito na relação com o outro. É o caráter de transitivismo que governa o comportamento da criança na presença do outro. “*Situação que se simboliza no ‘Tu estás outro’ da querela transitivista, da forma original da comunicação agressiva*”⁴⁹. Com esse evento surge, além do eu e do outro, o objeto socializado ou desejado. Pois, se um do par rival deseja um objeto, o outro que está imaginariamente identificado, alienado a esse primeiro, desejará também o objeto que este deseja, assim, *o desejo do sujeito é o desejo do outro*. Ou melhor, um sujeito identificado a outro sujeito desejante tornar-se-á, também, um sujeito desejante

⁴⁵ Estádio do Espelho in Escritos, pág 101.

⁴⁶ Simanke aponta que para não redundar nesse sujeito absoluto, que poderia colocar em risco todo o *projeto epistemológico* Lacan lança mão da linguagem como sendo uma *ordem externa* à dimensão imaginária, podendo, com isso, tentar compor uma *ciência rigorosa e objetiva* (*Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. São Paulo : Discurso Editorial; Curitiba : Editora UFPR, 2002, pág. 329).

⁴⁷ Estádio do Espelho in Escritos, pág 101.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ A coisa freudiana ou o Sentido do Retorno a Freud. In Escritos pág 430.

independente do objeto desejado, pois a relação aí se faz não pela questão do objeto, mas pela identificação ao sujeito enquanto ser desejante⁵⁰.

A estrutura especular, entretanto, é ternária, pois envolve o eu, o objeto e o outro para quem é dirigida a agressividade. A agressividade aponta, desta forma, para a identificação primária pela qual o sujeito se apodera da imagem do outro como sendo ele mesmo. Por isso, o eu é um outro e, portanto, a agressividade é uma força *ambivalente* que afeta o próprio sujeito. O sujeito se fixa a uma imagem que o capta, pois é nela que encontra o seu *eu ideal*, ao mesmo tempo em que a odeia, visto que esta imagem é a de um outro – é o reconhecimento no desconhecimento apontado anteriormente na questão da loucura. A agressividade ocorre em consequência do processo da constituição humana, necessariamente alienante, pois o sujeito aliena-se para se constituir e reparar sua inadequação vital.

A agressividade é consequência da identificação narcísica, vivida no nível da *subjetividade* e não uma consequência do meio social, e, portanto, manifesta-se na experiência da psicanálise que é “*subjetiva por sua própria constituição*”⁵¹, isto é, na clínica da psicanálise. Lacan diz em 1948 que quer transformar a agressividade em um conceito – é preciso lembrar que Lacan, neste período, quer construir uma ciência tomando a psicanálise como teoria eleita para subsidiar seu projeto. “*Resta-me a tarefa de provar perante os senhores se é possível formar dela [a agressividade] um conceito tal que ela possa aspirar a um uso científico(...)*”⁵². Isso acontece quando Lacan faz uma leitura antropológica do homem, influenciado tanto pelo seminário de Kojève quanto pela obra politzeriana – adere ao método terapêutico ao mesmo tempo em que abole a metapsicologia. Lacan precisa, com isso, reformular os conceitos que dão a teoria freudiana seu caráter *substancialista* apropriando-se de um modelo relativista para conferir cientificidade à psicologia que fundamentava com tal reformulação. Ao substituir a metapsicologia por uma antropologia – a constituição do eu se dá pela meio social –, Lacan constrói uma subjetividade mediada pelo outro e constrói uma realidade. Lacan nega da obra de Freud seu fundo biológico que rege os movimentos da teoria das pulsões, do desejo e do inconsciente e, com seu projeto de relativizar a realidade psíquica, confere a essas

⁵⁰ Voltaremos a esse assunto quando da apresentação da influência kojéviana na produção lacaniana.

⁵¹ Agressividade em psicanálise in Escritos, pág 105.

⁵² Idem, pág 104

noções seu fundo relativista. A vida psíquica é mediada pelo outro que é a expressão do meio social. E, com o conceito de agressividade, Lacan dá uma solução para a noção de destrutividade apontada por Freud pelo viés da pulsão de morte. A agressividade surge como uma *intenção* entrelaçada, quando o sujeito se identifica a uma imagem que constitui sua unidade corporal. Esse acontecimento permite afirmar a imanência da agressividade na constituição humana e também geratriz de uma subjetividade para o sujeito. Sendo assim, Lacan instituiu sua noção de agressividade em detrimento da noção de pulsão de morte de Freud, tema central da metapsicologia. Esta forma de compreender a agressividade como imanente ao sujeito humano deve ser trabalhada em análise como um objeto privilegiado que possibilita ao analisando a projeção sobre o analista das suas identificações primeiras que, sendo assim, permitirá – caso o analista compareça como sujeito e interlocutor dessa situação subjetiva – a resolução da neurose do paciente. Comparecer como sujeito significa dizer que o analista *não* deve atuar na análise como um eu (*moi*) ou como objeto de identificação, para que não aconteça nesta relação uma repetição que outrora fora vivido pelo analisando e desta forma despertaria uma tal tensão agressiva que não permitiria a implantação da transferência. Esse modo que Lacan está ofertando teoricamente à técnica da psicanálise já é um primeiro esboço para a reformulação da noção de inconsciente. Isto é, devido à necessidade que está se apresentando por causa do modo como se está compreendendo o sujeito – ou melhor, na tentativa de romper com a idéia de constituir um sujeito apenas nos moldes da subjetividade – há que se empreender uma determinação simbólica para subverter a posição unicamente imaginária. Portanto, o simbólico se apresenta como condição para a relação analítica, como motor na elaboração da relação analítica, isto é, o que permite, a partir das intervenções do analista que está na posição de receptáculo das imagens primordiais projetadas do analisando, o tratamento analítico acontecer. Essa relação será trabalhada por Lacan a partir da década de 50, mais precisamente no *Discurso de Roma* que traz consigo uma reelaboração, pelo viés da noção de *estrutura*, do tratamento analítico.

Antes de concluir a teoria central do período do imaginário é preciso mostrar qual foi a influência que Lacan teve e que permitiu sua formalização antropológica do sujeito e, também, apontar como foi que nosso autor construiu a noção de desejo. Essa influência teve tanto importância na teoria da gênese do eu – pois o modo de constituição pela relação

de um sujeito ao outro excluindo qualquer possibilidade de constituição a partir da negatividade da natureza biológica foi adequado a partir desta experiência filosófica – quanto fornece o meio de se compreender o desejo como sendo desejo de desejo, excluindo qualquer relação a um objeto. Essa influência foi o seminário de Alexandre Kojève.

3. O DESEJO

A influência da filosofia hegeliana na obra de Lacan é marcada pela visão de Alexandre Kojève que promoveu uma interpretação da *Fenomenologia do Espírito* (Hegel, 1807) em um sentido antropológico e marxista colocando o esquema formal hegeliano dentro de um plano dramático e concreto. Segundo Roudinesco, ele “(...) privilegia uma dialética da práxis em detrimento de uma dialética das consciências”⁵³, e compreende a luta por reconhecimento a partir da luta de classes. Ao reintroduzir a filosofia dialética hegeliana na França da década de 30, Kojève apresentou uma filosofia diferente daquela vigente da época, a filosofia analítica kantiana, e anunciou um modo outro de apresentar a relação sujeito e objeto, explicando um esquema que manifesta a existência de outras consciências e, por conta disto, a rivalidade inerente da noção de sujeito relacionado a outro sujeito. Isto demonstra que o modo kojéviano de traduzir a dialética do *Senhor* e do *Escravo* se dá a partir da rivalidade resultante desta relação entre esses sujeitos e uma saída dessa condição é possível através da luta por reconhecimento “(...) o ensino kojéviano (...) não restitui a verdade integral do texto hegeliano, mas traz-lhe um esclarecimento original”⁵⁴.

Em 1919, ao ser obrigado a deixar seu país, Kojève, um moscovita, termina seus estudos de filosofia na Universidade de Heidelberg, na Alemanha. Parte, no ano de 1928, à Paris e, a convite de seu amigo Alexandre Koyrè, em 1933, ministra um seminário na Escola Prática de Estudos Superiores sobre a *Fenomenologia do Espírito*. Desde então, noções como *saber absoluto, reconhecimento, desejo, satisfação, negatividade, dialética* passam a fazer parte do repertório dos ouvintes deste curso que teve duração de seis anos. Entre outros, Lacan compõe a plêiade que se deixa seduzir por este modo de ensino que transformou a inteligência francesa da época. É das aulas de Kojève “(...) a prevalência atribuída por Lacan ao sujeito desejante, gerador de reconhecimento e batalhador do desejo do outro”⁵⁵. A influência da concepção kojéviana de antropogênese aparece no

⁵³ ROUDINESCO, Elisabeth. *A história da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*, vol 2. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988. Pág. 157.

⁵⁴ Idem, pág. 156.

⁵⁵ Idem.

projeto lacaniano quando da necessidade de constituir não só a ordem social como determinante de uma subjetividade, mas, também, de determinar, do ponto de vista do sujeito, uma teoria sobre o seu surgimento, isto é, a gênese do eu. Assim nasce o estágio do espelho a partir de:

*“(...)um processo dialético de supressão/incorporação do desejo do outro, desse outro que é o social reduzido à sua expressão mínima e que fornece aquela que, para Lacan, será, daí em diante, a substância por excelência da subjetividade: o sujeito lacaniano será, até o fim, um sujeito do – e sujeitoado ao – desejo”*⁵⁶

A maneira como Kojève interpreta o desejo – *Begierde* –, como a revelação de um vazio em um sujeito que se constitui em uma relação negativa com o outro, é tomada por Lacan ao mesmo tempo em que o desejo – *Wunsch* – em Freud, que o utiliza para designar a moção inconsciente na busca de satisfação. A partir dessa dupla referência, o que Lacan faz é a transformação do desejo consciente em Kojève – retomando a *Begierde* – para redefinir o desejo freudiano, que envolve o inconsciente como a instância onde repousam as marcas mnêmicas das vivências infantis de satisfação e que se realiza a partir das manifestações do inconsciente tais como: sonhos, lapsos, sintomas e atos falhos. Ao apropriar-se tanto do desejo em Kojève como em Freud, Lacan converge essas noções numa única definição de desejo – *désir* – como não mais referido a um objeto ou a uma forma de satisfação, mas na relação de um sujeito desejante enquanto espera ser reconhecido pelo desejo de um outro sujeito: “... que o desejo do homem encontra seu sentido no desejo do outro, não tanto que o outro detenha as chaves do objeto desejado, mas porque seu primeiro objeto é ser reconhecido pelo outro.”⁵⁷

E, segundo Roudinesco:

*“Lacan se serve do discurso hegeliano-kojeviano para restituir um sentido adequado à visão freudiana. Assim, opera uma junção entre a *Begierde*, ou desejo fundado no reconhecimento ou no*

⁵⁶ SIMANKE, Richard Theisen. *Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. São Paulo : Discurso Editorial; Curitiba : Editora UFPR, 2002. Pág. 428.

⁵⁷ Lacan, *Discurso de Roma*, in *Escritos*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1998, pág. 269.

desejo do desejo do outro, e o Wunsch, de natureza inconsciente e ligado aos signos”⁵⁸.

Essa realização lacaniana será a base para se compreender a intersubjetividade em análise.

A diferença entre o homem e o animal é que o primeiro é consciente de si, enquanto o segundo é unicamente sentimento de si, afirma Kojève. O que isto quer dizer? Como compreender a ontologia kojéviana a partir da noção de desejo antropogênico? Kojève afirma que “*o eu (humano) é o eu de um – ou do – desejo*”⁵⁹ e, para se compreender essa afirmação, será preciso deslindar algumas noções que fazem parte da reorganização dada pelo autor na dialética do *Senhor* e do *Escravo* para que, a partir disto, seja possível verificar como Lacan utilizou-se de noções desta filosofia concreta que foram tão caras a sua formalização de sujeito desejante. Para tanto, analisaremos, *en passant*, o texto de abertura da obra de Kojève, que foi para Lacan um esquema fundamental para a sua constituição do sujeito, a complementaridade para o estádio do espelho que se refere às identificações imaginárias por onde o sujeito se aliena e se forma devido a sua ausência de determinação natural.

Quando o homem contempla um objeto, neste momento quem se revela é o objeto. No conhecimento, o objeto absorve o homem – que está alienado no objeto que contempla – e se revela como objeto. Esse homem volta a si somente a partir de um desejo que o constitui e o revela a si mesmo, como aos outros também. O ser do homem que no ato de conhecer se perde no objeto que contempla, através de seu próprio desejo, um desejo humano, corta esta relação com o objeto e volta para si mesmo, para que desse desejo possa tornar-se consciência-de-si. A satisfação do desejo, que contempla um objeto, ocorre por meio de uma *ação* negadora que destrói este objeto e o conteúdo deste é assimilado pelo vazio do eu. Isto é, não é simplesmente uma aniquilação a ação do desejo sobre o objeto, mas, também, a criação de uma realidade outra. É a passagem de uma realidade objetiva para uma outra realidade, só que desta vez subjetiva “*(...) o Eu do desejo é um vazio que só recebe um conteúdo positivo real pela ação negadora que satisfaz o desejo ao destruir, transformar e assimilar o não-Eu desejado*”⁶⁰. Esse objeto devorado serve a preservação da

⁵⁸ *A história da psicanálise na França: a batalha dos cem anos*, vol 2. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988. Pág. 164.

⁵⁹ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro : ed. EDUERJ, 2002. Pág 12.

⁶⁰ Idem.

vida, tornando o *Eu* do desejo um *Eu-natural*, pois tem a mesma natureza do objeto que assimilou e, sendo assim, esse *Eu-coisa* revela-se apenas como sentimento de si, ainda não como consciência-de-si. O exemplo que Kojève nos traz de desejo é a fome e de objeto, o alimento.

É preciso, para que o *Eu* seja consciência-de-si, diferenciando-se do desejo animal, que o *Eu* dirija seu desejo, não mais para um objeto natural, mas para um outro desejo que esteja num momento anterior ao da satisfação e que não esteja assimilado a nenhum objeto, pois até aqui a única realidade apresentada é a realidade biológica e se faz necessário, para entender o desejo antropogênico, diferenciar o homem dos outros seres. Kojève afirma que é preciso um outro desejo enquanto vazio, “*como presença de uma ausência de uma realidade*”⁶¹, um desejo sem identidade. Esse outro desejo será também assimilado pela ação negadora do primeiro desejo para que este possa constituir-se em seu ser como desejo, como ação, como *negatividade-negadora*, como *dever*. O desejo precisa voltar-se para um outro desejo em si mesmo, um outro desejo como um vazio irreal, e, a partir dessa condição, dessa ação negadora e assimiladora, tornar-se desejo. Kojève está descrevendo o surgimento da consciência-de-si (da qual o homem é portador) a partir do sentimento-de-si (que caracteriza o animal) e, portanto, para essa situação vir a realizar-se, é necessário que o homem esteja inserido em um meio social, em uma *pluralidade* de desejos, o que caracteriza a realidade humana como uma *realidade social*. A realidade humana é uma realidade que comporta desejos que buscam outros desejos para serem desejados enquanto desejos. No entanto, é possível humanizar um desejo, quando este se volta para um objeto natural e este mesmo objeto real é desejado por um outro desejo humano; quando o objeto é mediatizado.

*“A realidade humana, diferente da realidade animal, só se cria pela ação que satisfaz tais desejos: a história humana é a história dos desejos desejados”*⁶²

O desejo que visa objetos reais é um desejo que pretende preservar a própria vida, este é o desejo animal. No humano, esse desejo deve ser superado, arriscando sua própria existência, sua vida animal, em função da humanidade de seu desejo que se humaniza no

⁶¹ Idem, pág. 12.

⁶² Idem, pág. 13.

encontro com outro desejo⁶³. Portanto, falar do nascimento da consciência-de-si é falar, necessariamente, de risco de vida. O desejo é sempre desejo de um *valor*. Para se compreender esse valor, é preciso substituir o lugar ocupado por esse desejo que é desejado por um outro desejo com a seguinte proposta: *o valor que atribuo ao meu desejo deve ser o valor desejado por outro desejo*. O sujeito deve ser *reconhecido* como um valor, “*um valor autônomo*”. O desejo humano, de onde surge a realidade social humana, a consciência que o sujeito tem de si, é um desejo que visa *reconhecimento* do valor que atribui ao seu próprio desejo. Assim, é preciso dois desejos confrontando-se, arriscando a própria vida “*para impor-se ao outro como valor supremo*”⁶⁴, fazendo emergir a situação social antropogênica por excelência: uma luta de morte para que se possa ser reconhecido como um valor, o valor de um desejo. A realidade humana se constitui como uma realidade que deve ser reconhecida e para esta luta por reconhecimento – e reconhecimento de um valor – os combatentes não podem estar no mesmo lugar: um “*deve ter medo do outro, deve ceder, deve arriscar a própria vida em nome da satisfação de seu desejo de reconhecimento*”⁶⁵. Um deverá satisfazer o desejo do outro e reconhecê-lo como Senhor e deixar-se reconhecer como escravo. Um estará na posição de dominação (Senhor) e, o outro, em uma posição de sujeição (Escravo); duas posições distintas e contrárias.

“(...) a realidade humana revelada nada mais é que a história universal, essa história tem de ser a história da interação de dominação e sujeição: a realidade histórica é a dialética do Senhor e do Escravo”.⁶⁶

Para ser realidade humana, deve ser reconhecida por outro. Dois extremos opostos onde num ponto há uma “*entidade-reconhecida*” e noutro ponto há uma “*entidade-que reconhece*”⁶⁷. Surge aqui um novo impasse, pois o reconhecimento que o Escravo oferece ao Senhor é apenas suposto. O Escravo não tem por parte do Senhor o reconhecimento da sua dignidade humana, não podendo assim o Senhor usufruir o reconhecimento vindo do escravo. O Senhor necessita de um desejo que esteja em vias de humanização para o reconhecer e, como para o Escravo esta possibilidade está barrada, à primeira vista, ele

⁶³ É a partir desta determinação de desejo que Lacan apropria-se para formalizar sua própria noção.

⁶⁴ KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: ed. EDUERJ, 2002, pág 14.

⁶⁵ Idem, pág. 15.

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Hegel, *apud* Kojève.

apenas cumpre a tarefa de providenciar os objetos para o consumo do Senhor, que por sua vez não conseguiu negar o dado natural, mesmo tendo colocado sua vida em risco. O Senhor apenas consome os objetos – objetos estes que não tem valor humano algum, pois não estão mediatizados por um outro desejo – do trabalho do Escravo que na sua posição abriu mão de todos os frutos de seu trabalho, no entanto, *negando* o mundo natural. Desta forma, o Escravo não se contenta com essa sua posição, e como é ele quem tem a capacidade de criar o novo a partir do trabalho, supera dialeticamente essa relação de servidão produzindo a diferença ao fazer esta história acontecer formando-se e educando-se por meio do seu trabalho. Quando o Escravo deseja uma autonomia, que supostamente encontra-se na figura do senhor, passa também a desejar os produtos consumidos pelo Senhor, que até então estavam no patamar do natural, e que agora passa a ser cultural e podem satisfazer o desejo do Escravo que até esse momento estava *recalcado*. Neste encontro bélico por reconhecimento, uma volta atrás quando o Escravo negou o dado natural, essa atitude abriu as portas para a possibilidade de seu projeto de humanização, sendo que, no início, se a história humana era a história dos desejos que se desejam mutuamente, torna-se, no futuro, a história dos desejos adiados e realizados quando da transformação de um mundo natural para um mundo histórico humanizado.

Isso dito, pode-se ver como Lacan reproduz, à sua maneira a teoria kojéviana. O que em Kojève se apresenta como surgimento da consciência de si numa situação social que envolve um encontro bélico por reconhecimento, é, para Lacan, esse primeiro momento em que a criança se apreende numa relação com o outro, ou o transitivismo – a não distinção de si a outrem – que permitiu evidenciar a rivalidade inerente desse encontro negativo no complexo de intrusão – momento do espelho lacaniano – que aponta a possibilidade da constituição humana. A filosofia concreta de Kojève respaldou a Lacan um modo de humanização do ser pelo viés da realidade social que demanda o abandono da natureza no homem, pois é um lugar sem possibilidade de um *vir-a-ser*. É uma teoria respaldada numa ordem de determinação antropológica que Kojève oferta à constituição de um sujeito pelo modo imaginário de Lacan.

O desejo – causa da superação da natureza, quando se produz a história por uma ação negadora do objeto natural – é assimilado por Lacan que confere a esta noção um

lugar privilegiado no seu *corpus* teórico, tornando o ser um sujeito desejante constituído a partir do desejo do outro. Segundo Simanke:

*“O que está em jogo para Lacan é o reconhecimento ou desconhecimento desse assujeitamento do sujeito aos seus ‘outros’ imaginários, que o constituíram e o determinaram (...) O que se revela ao sujeito, ao cabo desse processo, é que o seu desejo é, inapelavelmente, o desejo de outro. Se esse desejo o impulsiona à ação, é em nome de outro que ele age, ou seja, é ainda na posição de Escravo que ele se encontra”*⁶⁸.

Ainda segundo Simanke, Kojève permitiu a Lacan contornar a metapsicologia freudiana em termos de tornar consciente o que está inconsciente a partir das interpretações do analista. *“Não se trata de passar de um patamar inconsciente, mergulhado na obscuridade, para o patamar consciente, sede da clareza, através de sabe-se lá que misterioso elevador”*⁶⁹. Lacan transforma – nesta relação subjetiva da assunção do desejo – a experiência da psicanálise num processo que dá ao sujeito a condição de *desconhecer e reconhecer* a questão de seu desejo e do outro. Essa mudança de perspectiva realizada por Lacan inclui um outro modo de se compreender a clínica analítica, pois a passagem que ele estabelece não é a de tornar consciente o inconsciente, mas a passagem para a fala, e uma fala que precisa de um ouvinte. *“Nossa via é a experiência intersubjetiva em que o desejo se faz reconhecer”*⁷⁰. E, mais uma vez, a necessidade de se empreender uma teoria sobre a questão da linguagem em sua relação com a clínica psicanalítica se apresenta na teoria lacaniana.

Importante notar que por mais que a obra lacaniana tenha sido influenciada sobremaneira pela obra de Kojève há, também, diferenças entre os autores produzindo um impasse na teoria do imaginário. Pois, na obra de Kojève há uma relação de *identidade* na natureza e de *diferença* na história, visto que essa (a história) acontece pela ação negadora (que define o fenômeno humano) dessa natureza, pela ação que humaniza o ser e o mundo em que vive, produzindo a diferença e não mais um princípio de positividade (como na

⁶⁸ SIMANKE, Richard Theisen. *Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. São Paulo: Discurso Editorial; Curitiba : Editora UFPR, 2002. Pág 425

⁶⁹ Lacan, *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, pág 146.

⁷⁰ Discurso de Roma, in *Escritos*, pág 281.

natureza). O que na teoria do imaginário não acontece pelo fato de haver aí uma relação de *identidade* do sujeito com o outro na determinação imaginária; teoria essa que vai na contramão do que propõe o processo de humanização pela *diferença* da ação negadora. Esse conflito entre a teoria lacaniana e a teoria de Kojève é também ressaltado por Simanke: “(...) a ação, a diferença, ‘a negatividade-negadora’ dificilmente poderiam harmonizar-se com uma teoria centrada na identidade e na passividade de reflexo especular”⁷¹. É ele que vai impor mais fortemente a influência lévi-straussiana, pois essa vai apontar a Lacan uma saída pelo registro do simbólico, visto que este se institui pelo signo da diferença. Sendo assim, o simbólico fará sua entrada na obra lacaniana como um quarto termo – além do eu, do outro e do objeto –, como uma determinação externa à subjetividade do sujeito para resolver o impasse do imaginário – no que se refere ao sujeito absoluto e a clínica que se fundamenta a partir da fala –, direcionando Lacan a uma nova influência que permitirá um enquadramento da psicanálise nos parâmetros cientificistas do estruturalismo.

⁷¹ SIMANKE, Richard Theisen. *Metapsicologia lacaniana, os anos de formação*. São Paulo : Discurso Editorial; Curitiba : Editora UFPR, 2002. Pág 426.

4. CONCLUSÃO

Na tese de doutoramento, Lacan colocava-se a questão de saber como uma personalidade torna-se mórbida; para isso era preciso encontrar uma causa primeira, uma anomalia que justificasse a morbidez no homem. Entretanto, antes de se descobrir como é que uma personalidade torna-se mórbida, era preciso descobrir como uma personalidade normal se constitui. Em outras palavras, era preciso responder uma das questões deixada em aberto pela tese: *como alguém se constitui como um eu*. Então, a partir da condição de prematuração do sujeito, da falha humana, da carência física do homem, o *imaginário* vinha à baila – isto é, os complexos que presentificavam as *imagos* –, e desse lugar, do imaginário, vinha a possibilidade da constituição do eu e da unificação corporal, do outro e dos objetos, constituição que traz em si, por retroação, o surgimento da fantasia de um corpo fragmentado como o princípio da condição humana.

O que foi visto até aqui nos permite dizer que a psicanálise, assim como suas noções, eram apenas convidadas a dar algum respaldo que subsidiasse o empreendimento lacaniano vigente na época. Lacan era então um crítico das noções metapsicológicas de Freud, incluindo aí, a noção de inconsciente, que até esse momento só era possível definir como um mero fenômeno descritivo, a saber, aquilo que não está passível de consciência. Compreendida desse modo, ela era substituída, no texto *A família*, pela noção de *imago* e, desta, surgia uma esfera psicológica que, por conseguinte, tornava possível a reformulação do narcisismo freudiano.

Para Lacan a noção de sujeito no período da primeira teoria do imaginário era de um sujeito que se constituía a partir do meio social, tomado como uma *imago*, um outro, um semelhante que a princípio o aliena para depois, de identificado a essa *imago*, o sujeito diz “*eu sou isso que vejo*”. Desta relação identificatória a agressividade é a “*tensão conflitiva interna ao sujeito*”⁷² e o eu resultado de seu vivido imaginário. Ao redundar num sujeito absolutamente imaginário, por ter sido posto de lado qualquer possibilidade da constituição a partir do real do corpo, Lacan lança mão de um outro registro para coordenar o projeto que estava tentando formular da realidade humana. Esse registro passa a ser o do simbólico.

⁷² Agressividade em Psicanálise in Escritos, pág 116.

Se o sujeito e o objeto constituem-se num mesmo golpe a realidade humana é, portanto, constituída e não dada desde sempre, permitindo pensar que se tomado o sujeito apenas neste patamar imaginário isto revela a constituição unicamente imaginária do sujeito, isto é, seu *Umwelt*. Para escapar desta teoria centrada unicamente da percepção interpretativa da realidade de um sujeito, Lacan que já está influenciado por uma visão antropológica do sujeito passa a operar com o simbólico para que este possa atribuir a realidade humana, e a clínica analítica que é por excelência *uma troca de palavras* entre analista e analisando – o símbolo tomado como a palavra, isto é, como diz Lévi-Strauss, a linguagem como um dos sistemas de troca simbólica, também a aliança e os bens – uma determinação simbólica constituinte do meio cultural anterior a apreensão imaginária. Desta forma, Lacan atribui a realidade uma visada simbólica em detrimento de uma unicamente imaginária. O simbólico toma seu lugar na obra lacaniana como o modo de se ter a realidade universal, enquanto que o imaginário, a realidade individual constituída pelas determinações simbólicas.

Contudo, é possível verificar que a tentativa lacaniana de constituir uma ciência da subjetividade que visava escapar a determinação realista dos fenômenos humanos, influenciado por Politzer, terminou por colocar Lacan a promulgar um retorno a obra freudiana visando já não mais um modo de subversão explícita desta obra, mas uma reestruturação teoria dos conceitos freudianos em nome de um comprometimento pontual ao que propõe Freud. O que nos faz afirmar que esse retorno só pôde ser operado a partir do momento em que o projeto lacaniano encontrou meios de ser executado pelo viés de um modo diferenciado que permitiu os acertos necessários para se pensar a psicanálise como uma teoria que escapa tanto as idéias biológicas quanto as instâncias psíquicas constantemente presentes em Freud.

Esse percurso levou Lacan a encontrar-se de outra forma com a psicanálise vienense que, doravante, através da influência da antropologia *estruturalista* de Lévi-Strauss e da *lingüística* de Saussure, será o solo de onde surgirá a nova doutrina psicanalítica lacaniana. Desta forma, nos termos de negatividade, desejo, reconhecimento, alienação e desconhecimento, o sujeito se constitui – no campo lacaniano – em seus primórdios como um *eu* imaginário, mas, com a entrada do simbólico a partir da leitura de Levi-Strauss e da lingüística estrutural, o sujeito será um eu (*je*) que se define como sujeito inconsciente que se mostra na e pela linguagem oposto a um eu (*moi*) imaginário. E, para isso, a perspectiva

de Kojève foi “*apesar de tudo, mais apta para ser assimilada ao sujeito desvanecente que Lacan vai propor em seus anos estruturalistas*”⁷³ .

É dessa passagem que vamos nos ocupar no próximo capítulo.

⁷³ Idem, pág 429.

SEGUNDA PARTE

O SIMBÓLICO

OU

**A IMPLANTAÇÃO DA LINGUAGEM NA LEITURA LACANIANA DA
PSICANÁLISE FREUDIANA**

1. INTRODUÇÃO

A década de 50 marca o início de um novo projeto que surge no cenário cultural francês: “*um retorno a Freud*”. Jacques Lacan propõe que é preciso entender qual foi a questão forjada pelo inventor da psicanálise a partir da descoberta da noção de inconsciente. Descentralizando a *verdade* homem da consciência, tal qual prega a filosofia moderna, e, afirmando que é este um lugar de enganos; a psicanálise a localiza no inconsciente atrelada a um sujeito que causa e é causado pela noção de desejo.

Lacan começa o seminário de 53 pelo retorno a Freud. Esse não foi, todavia, o primeiro momento em que esse mote foi lançado. Meses antes – mais precisamente em 26 e 27 de setembro de 1953 - em Roma, no “Congresso dos Psicanalistas de Língua Francesa”, Lacan reivindicava, através da apresentação de sua obra “*Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise*”, o direito de exhibir os desvios que a obra freudiana estava sofrendo por seus praticantes e, não sem demora, a solução para tal desregramento: “*só poderiam ser corrigidos por um mero retorno ao estudo, no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala*”⁷⁴. A *fala* é trazida por Lacan como caminho preciso de tal retorno. A intenção declarada de Lacan é a criação de um novo horizonte no programa freudiano, a partir da *linguagem*, em oposição à doutrina clássica que constituía a atualidade da tão aclamada instituição criada por Freud na primeira década do século XX, a IPA – Associação Internacional de Psicanálise.

“(...) a análise é, enquanto tal, uma técnica da palavra, e a palavra é o meio mesmo no qual ela se desloca. É em relação à função da palavra que as diferentes instâncias da análise se distinguem umas das outras, e tomam seu sentido, seu lugar exato. Todo o ensino que desenvolvermos em seguida não fará senão retornar a essa verdade sob mil formas”⁷⁵.

Na França, a instituição psicanalítica da qual Lacan fazia parte, SPP – Sociedade Psicanalítica de Paris – era filiada a IPA, e com isso, eram legitimados todos os momentos

⁷⁴ Discurso de Roma in Escritos, pág 245.

⁷⁵ Seminário 1, pág. 298.

da formação de um psicanalista, constituindo, desta maneira, uma sociedade mais segura e confiável em relação aos trabalhos com a psicanálise. E no período de 53, por estar Lacan na posição de diretor da SPP, lhe fora feito um convite para participar de um congresso em Roma, mas, entre o convite e a ocasião, ocorre uma ruptura na SPP. Isto é, alguns membros da SPP – Françoise Dolto, Daniel Lagache e Favez-Boutonier – não concordavam com uma política que envolvia, entre outras coisas, um autoritarismo médico⁷⁶ que ia na contramão de um liberalismo universitário pregado por estes autores e, por isso, formam uma nova instituição, a SFP – Sociedade Francesa de Psicanálise – conduzida por modelos menos rígidos de conduta dos psicanalistas que incluía tanto um modelo universitário quanto médico.

Lacan não apoiava a recusa do padrão médico em prol de uma psicologia, ao mesmo tempo em que rejeitava o engajamento de um ensino médico decadente por parte dos conservadores no que diz respeito à condução da prática da psicanálise. Apesar dessa posição ocupada por Lacan – que incluía a não aceitação da ruptura da *sociedade* – entre os membros que haviam renunciado a antiga sociedade, ele fora a figura central de tal conflito, por duas razões: primeiro, por não concordar com as regras impostas pela IPA em relação à formação do analista; segundo, por seu ensino e prática das sessões variáveis⁷⁷, não aceito pelos padrões da IPA. Com relação às sessões de duração variável, Lacan, mesmo na nova sociedade, continuou a atender neste moldes sem justificar a quem quer que fosse sua prática⁷⁸. O paradoxo dessa história mostra que no período em que Lacan está constituindo uma teoria que procurava dar conta do desvelamento da verdade do desejo de um sujeito pelo seu discurso em análise, ele esconde, burla e até mente em relação a sua forma de atender. O silêncio de Lacan em relação a sua prática ocorre para que a nova sociedade – mesmo indo contra a sua maneira de compreender um processo analítico – pudesse se filiar a IPA, o que era necessário, pois, para se integrar à legitimidade freudiana, a nova instituição necessitava ter seus trabalhos reconhecidos por uma instância *controladora*. Além, é claro, do motivo político que impunha a Lacan esse modo de conduzir sua clínica,

⁷⁶ Sacha Nacht queria dar o reconhecimento de analista somente para os médicos; devido a isso, é tirado das funções de diretor e Lacan passa a ocupar tal posto; com uma possível ruptura, Lacan demite-se dando lugar a Daniel Lagache, que provoca a ruptura definitiva.

⁷⁷ A duração das sessões, formalizado pela IPA, girava em torno de 50 minutos. Em Lacan, chegava a durar de 10 a 30 minutos cada sessão, em média.

⁷⁸ Na década seguinte, no entanto, ocorre uma nova ruptura entre Lacan e seus colegas que tem como foco a maneira de Lacan formatar sua psicanálise.

é preciso levar em consideração o motivo teórico e prático que estabelecia a não suspensão das sessões com duração variável.

A IPA impunha – e era obedecida por todas as sociedades filiadas, inclusive a SPP – para as análises didáticas, quatro a cinco sessões por semana com duração de 50 minutos e por um período de quatro anos. Essa regra, no que tange ao tempo em análise, foi criada para que o didata tivesse um determinado limite de tempo para a sua *onipotência imaginária* e permitindo que o futuro analista fizesse uso do tempo, que lhe era concedido previamente, da forma como bem entendesse: com seu silêncio ou com sua fala. Para Lacan, o comércio em relação à análise de formação de um analista, do pagamento e do direito ao uso, não estava de acordo com a demanda da constituição psíquica de um sujeito. Afinal, para ele, o futuro analista não simplesmente repetia o discurso de seu paciente na sua análise de controle, mas deveria estar como *parte* de tal discurso. E, portanto, a regra determinada por Lacan era que a condução de uma análise deveria acontecer segundo a *posição de intérprete da relação transferencial* que permitia ao analista fazer a parada da sessão em determinadas palavras importantes que compunham o discurso do analisando e, desta maneira, *dialetizando* a relação paciente analista. Lacan aponta a necessidade do supervisor colocar seu supervisionando numa posição de subjetividade para que ele mesmo – o supervisor – pudesse ficar numa posição outra que seria considerada uma *subjetividade secundária*, para daí poder servir-se do objeto que está ao alcance do analista que é a relação imaginária, isto é, a relação que o liga ao eu de seu analisando, ou supervisionando. Utilizando-se desse meio numa psicanálise, o analista poderá “*regular o afluxo de seus ouvidos (...) para fazer a detecção do que deve ser ouvido. Pois não existem outro, nem terceiro, nem quarto ouvidos, para uma transaudição – que se pretenderia direta – do inconsciente pelo inconsciente*”.⁷⁹ Assim, essa forma de ação do analista de controle de uma análise didática é expandida para a análise de um paciente que não está em formação. Desta forma, Lacan inicia a década de 50 com uma nova regra que orientará a sua psicanálise e que é a prática da análise independente do tempo cronológico, mas levando em consideração a subjetividade e o tempo de cada um para que o corte do analista no discurso do paciente tivesse o intuito de frustrar e, mais uma vez, como em todas as

⁷⁹ Discurso de Roma in Escritos, pág. 255.

sessões, causar o surgimento do desejo inconsciente trazendo à tona a verdade sobre o sujeito.

“Pode-se perfeitamente admitir que uma escansão oportuna intervenha no discurso do analisando para sublinhar alguma coisa e, ao mesmo tempo, ponha um limite provisório à sua fala na transferência para o analista”⁸⁰.

O tempo em análise não pode ser compreendido como tempo objetivo comandado pelo relógio, mas na relação do analista com seu analisando. Essa condição, Lacan a demonstra com um sofisma que apresenta o movimento lógico intersubjetivo que comanda a ação do homem. Na intersubjetividade, a *ação* do sujeito comanda a *reação* do outro. A certeza de um sujeito nasce apressadamente ao deparar-se com a *ação* de um outro sujeito; esse outro – o segundo sujeito – na sua posição, quando o primeiro toma sua decisão, isto é, quando faz a asserção da uma certeza antecipada, confere um sentido a sua *ação* que vem como resposta ao comportamento do primeiro sujeito, dando um arranjo ao passado “(...) *é a certeza antecipada pelo sujeito no tempo para compreender que, pela pressa que precipita o momento de concluir, determina no outro a decisão que faz do próprio movimento do sujeito erro ou verdade*”⁸¹. É do tempo subjetivo que o inconsciente precisa para ser revelado e o analista deve encerrar a sessão como um modo de interpretação e pontuação no movimento discursivo do analisando e, por isso, é impossível ao analista saber qual é o tempo cronológico de compreender do analisando. Isso se dá pelo fato de a linguagem ser compreendida como o meio em que o analista está ancorado para poder conduzir a escansão de uma análise, pois não é simplesmente interromper o discurso do paciente em qualquer momento do seu discurso. O analista deve pontuar o momento fecundo desse discurso que o analisando traz para a análise, na intersubjetividade, algo que possa ser reconhecido como o discurso que apresente, não só para o analista, mas também para o analisando seu desejo inconsciente, unindo num só instante o tempo de compreender ao momento de concluir.

A resposta sobre estas divergências teóricas – a condução da formação do analista e a duração de uma sessão de análise –, Lacan apresenta em seu discurso proferido em Roma,

⁸⁰ JOËL Dor, *apud*, DOSSE, François. *História do estruturalismo*. São Paulo : ed. Ensaio, 1993.

⁸¹ Discurso de Roma in *Escritos*, pág 288.

no qual também oferece uma *verdadeira teoria estrutural do tratamento*⁸² a partir de um novo eixo para a psicanálise: a linguagem. Nessa posição em que se encontrara, Lacan tornou-se o porta-voz de um inconcusso desejo inovador que, no *Discurso de Roma*, abriu caminho para uma leitura apurada dos campos práticos, epistemológicos e teóricos da psicanálise a partir da linguagem e, por conseguinte, Lacan tornou-se, na França de 53, um líder disposto que com um estilo próprio ganhou sua chancela.

Contudo, a cisão dos membros de uma sociedade e algumas divergências em relação a pontos cruciais da técnica da psicanálise, não foram as únicas influências sofridas no *Discurso de Roma*. Esse texto marca, na produção lacaniana, a passagem de um momento anterior designado como período do *imaginário* a um novo contexto determinado pela implantação da linguagem no campo da psicanálise e designado pelo registro do *simbólico*; de uma concepção genética sobre o sujeito para um modelo estrutural composto por três elementos: simbólico, imaginário e real. Na esteira da pesquisa histórica que possibilitou a entrada em cena do retorno à doutrina psicanalítica pelo encantamento da linguagem na década de 50 por Lacan, ou para se compreender qual o propósito do *Discurso de Roma*, é necessário buscar na entrada do período do simbólico o possível diálogo de Lacan com a racionalidade estruturalista pelo viés da obra de Lévi-Strauss, assim como a lingüística de Saussure pela leitura de Jakobson e destacar como tal interação amiúde influenciou essa retomada fecunda da psicanálise. É por essas e por outras que em Lacan “*a palavra de ordem de um retorno a Freud significa uma reviravolta*”⁸³.

⁸² ROUDINESCO, Elisabeth. *Jacques Lacan esboço de uma vida história de um sistema de pensamento*. São Paulo : Companhia das Letras, 1994.

⁸³ LACAN, *A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise*. in Escritos, pág. 403.

2. UMA BREVE PASSAGEM POR LÉVI-STRAUSS

O que antes, para Lacan, apresentava-se como uma necessidade de reformulação de uma teoria com noções impensáveis, torna-se em 53, com o advento do simbólico, uma palavra de ordem, um retorno devidamente original a uma forma de pensamento que com seus conceitos é a *abordagem mais total da realidade humana*⁸⁴. Esse retorno decretado é mediado, na obra de Lacan, pela influência da obra de Lévi-Strauss quando esta se torna estruturalista pela influência da lingüística estrutural de Saussure promulgada por Jakobson. Lévi-Strauss “*vai buscar nas ciências humanas, mais precisamente na lingüística, um modelo de cientificidade*”⁸⁵, toma a lingüística como ciência piloto para instaurar uma antropologia diferente da filiação naturalista e biológica. Desta forma, *linguagem, simbólico, inconsciente e estrutura* não são termos brotados na obra de Lacan devido à influência da teoria freudiana na construção francesa da psicanálise. Pelo contrário. O acesso a tais noções veio da visada estruturalista concebida na década de 40 e permitiu a Lacan o retorno à teoria freudiana na década de 50 de forma fecunda, consagrando-se como um pensador de destaque no solo intelectual francês da época.

Em linha gerais, na década de 40 Roman Jakobson dava aulas na *New School* de Nova York sobre fonologia estrutural e tinha como um de seus ouvintes Lévi-Strauss que, também, neste período, proferia aulas sobre o parentesco. Da junção destas duas formas de pensamento surge uma nova antropologia que será chamada, a partir da obra *Estruturas elementares do parentesco*⁸⁶, antropologia estrutural. Mais um método que uma filosofia, e segundo Dosse, o estruturalismo surge com um duplo aspecto: a possibilidade das ciências sociais encontrarem um suporte que lhes garantissem a cientificidade dos seus vários campos de saber e, também, como um modo de superação dos valores antigos “*(...) o estruturalismo (...) enquanto expressão de uma certa dose de auto-aversão, de rejeição da cultura ocidental tradicional, de apetite de modernismo em busca de novos modelos*”⁸⁷. Assim, a lingüística como modelo estrutural, a antropologia ampliando o caminho de acesso a esse novo método, a psicanálise bebe desta fonte e na década de 50, sob a pena de

⁸⁴ LACAN, *O simbólico, o imaginário e o real*. Conferência de 8 de julho, 1953, pág. 01. Mimeo.

⁸⁵ DOSSE, Francois. *História do estruturalismo*. São Paulo : ed. Ensaio, 1993. Pág. 37.

⁸⁶ Publicada em 1949, pela PUF “*é um dos mais importantes acontecimentos da história intelectual do pós-guerra e a pedra angular nas funções do programa estruturalista*” (DOSSE, 1993, p.39).

⁸⁷ DOSSE, Francois. *História do estruturalismo*. São Paulo : ed. Ensaio, 1993. Pág. 13.

Jacques Lacan, nasce também estruturalista. É explícita na obra de Lacan a influência exercida por Lévi-Strauss no que diz respeito à reformulação que aquele vem tentando dar a psicanálise vienense desde a década de 40. Com o advento do estruturalismo, Lacan pode silenciar algumas questões que clamavam por uma solução principalmente no que diz respeito às noções de inconsciente, loucura, sentido, entre outras, que fazem parte do projeto lacaniano desde a fundamentação da sua tese de doutorado em 32. A partir da apresentação de Lévi-Strauss do modelo lingüístico, de Saussure pelos ensinamentos de Jakobson e Trubetzkoy, e da nova antropologia estruturalista, Lacan pode, influenciado por esse modo de ciência, aplainar a superfície na qual acomodou os conceitos forjados do seu período do simbólico.

“A fonologia não pode deixar de desempenhar, perante as ciências sociais, o mesmo papel inovador que a física nuclear, por exemplo, desempenhou no conjunto das ciências exatas”⁸⁸.

A antropologia de Lévi-Strauss é fruto de um projeto que visa tirar a proibição do incesto do patamar do natural e instaurá-la dentro do âmbito da comunicação. Semelhante ao projeto de Lacan logo no início da sua produção teórica, Lévi-Strauss está buscando a *“passagem da natureza para a cultura”⁸⁹*. Grosso modo, Lévi-Strauss desconfigurou o temor *natural* do incesto em prol de uma definição da *união dos sexos* como um fator positivo gerador de cultura. Deixou de lado a concepção de família para trazer à tona a de parentesco. *“A proibição do incesto exprime a passagem do fato natural da consangüinidade para o fato cultural da aliança”⁹⁰*. É nesse instante que a lingüística entra em cena, pois com a noção de *sistema* – sistema é um conjunto de relações que se interligam, se influenciam, se transformam e se mantêm e essas relações acontecem independentemente das coisas que as ligam e respondem a um único sistema – apresentado pelo método fonológico, Lévi-Strauss a sobrepôs ao fato social e apreendeu com isso as relações internas e as leis gerais que regem tal sistema. Desta forma, a antropologia estrutural nasce quando Lévi-Strauss toma de empréstimo como referencial científico o modelo lingüístico e estabelece uma paridade entre o evento social e o lingüístico. Isto é, compreendendo a cultura como um sistema de símbolos portadores de regras que

⁸⁸ LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro : 1996.

⁸⁹ DOSSE, François. *História do estruturalismo*. São Paulo : ed. Ensaio, 1993. Pág 41.

⁹⁰ Idem.

organizam o meio, Lévi-Strauss estabelece que os fatos da vida social são do mesmo modo que os fatos lingüísticos, ou melhor, o parentesco é um sistema de comunicação (ou troca) assim como qualquer língua é também um sistema de comunicação.

(...) como os fonemas, os termos de parentesco são elementos de significação; como eles, só adquirem esta significação sob a condição de se integrarem a sistema”⁹¹.

Com a fundamentação de uma antropologia estrutural, Lévi-Strauss abriu campo, de uma forma muito original, para que o modelo da lingüística fosse o suporte para as outras ciências humanas, e também, ordenando que dentro de uma certa equivalência o evento social e o lingüístico fundassem o símbolo, e este por sua vez passa a ter papel central para a nova definição da noção de inconsciente, ou como questiona Lacan:

“Não é patente que um Lévi-Strauss, ao sugerir a implicação das estruturas da linguagem e da parte das leis sociais que rege a aliança e o parentesco, já vai conquistando o terreno mesmo em que Freud assenta o inconsciente?”⁹².

Foi dentro deste contexto que Lacan apoiou seu retorno a obra freudiana, isto é, o meio pelo qual os elementos de um determinado sistema se diferem e se relacionam como, por exemplo, em uma determinada cultura que é fundada por um sistema de comunicação através dos símbolos que a compõe deve ser interpretada não a partir de seu valor intrínseco, mas das noções de diferença e relação entre os símbolos.

Com a influência de Lévi-Strauss, Lacan pôde voltar-se para a psicanálise não mais como um crítico disposto a demonstrar os erros de uma teoria marcada por noções substancialistas, mas pôde voltar-se para a teoria da psicanálise considerando-se um fiel leitor de uma obra que perdia sua autenticidade pela prática de seus seguidores. Formalizando sua noção de inconsciente, pela antropologia lévi-straussiana, Lacan produz o que se chama comumente a leitura mais exata e verdadeira da obra de Freud. Vejamos a seguir como foi a realização desta passagem, de crítico atroz de uma teoria nada passível de cientificidade a um comentador leal de uma obra desviada.

⁹¹ LÉVI-STRAUSS. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro. Tempo brasileiro : 1996. Pág 49.

⁹² Discurso de Roma, pág. 286.

3. FALA E HISTÓRIA: INTERSUBJETIVIDADE EM LACAN

Sendo a *fala* o único meio de que dispõe a técnica da psicanálise, é por ela que Lacan inicia o que será a apresentação de um modo renovado de lidar com a experiência analítica, e é nesse campo que o simbólico entra em cena fundando uma compreensão diferente sobre o sujeito humano. Lacan aponta que é errado buscar no comportamento do psicanalisando o sentido do seu sintoma e que a busca deve ser feita na *fala*, pois é nela que aparece a verdade sobre o ser e esta fala é uma fala que sempre *apela* por uma resposta. É uma fala que roga uma presença, um outro, e, nesse caso, o psicanalista é o ouvinte deste discurso: “*é esse o cerne de sua função na análise*”⁹³. A fala vazia, o aspecto ingrato de uma análise, pois parece que o psicanalisando só está tagarelando, é por onde o tratamento analítico se inicia e é a ponte que dirige o sujeito para um outro nível, o da fala plena. Nesse lugar, o sujeito encontrar-se-á com a sua verdade, com a verdade de seu ser desejante, pela assunção da sua história contada, em seu discurso, para um outro.

O ser que verbaliza um apelo é um ser que está no nível da linguagem, isto é, integrado a um sistema simbólico, e é esse que possibilita o seu desenvolvimento enquanto homem. “(o) *apelo humano (...) se reproduz, justamente num ser que já adquiriu o nível da linguagem*”⁹⁴. Esse apelo verbalizado revela o que se pode chamar de um verdadeiro paradoxo do sujeito humano e o primeiro que se manifesta em análise, pois, ao que parece um processo analítico progride da seguinte maneira: caso venha o psicanalista ofertar respostas para o apelo de seu psicanalisando, respostas que, por mais adequadas que sejam, ou fórmulas prontas para a demanda deste paciente, este se *frustra* muito mais do que se recebesse, da parte do analista, o seu silêncio como um modo de resposta. Esta *frustração*, esse elemento importante da manifestação de um sujeito em análise, acontece pelo fato de ser a frustração inerente à constituição do eu de um sujeito que, quando vai contar a sua história, quando fala de si, reconhece que o seu eu está repousado sobre uma estrutura imaginária, que seu eu é resultado de uma miragem. “*Pois, neste trabalho que faz de reconstruí-la [a obra do seu ser], para um outro [o analista], ele reencontra a alienação fundamental que o fez construí-la como um outro, e que sempre a destinou a lhe ser furtada*

⁹³ Discurso de Roma in Escritos, pág. 249.

⁹⁴ Seminário 1, pág. 101.

por um outro”⁹⁵. Por essa razão, todo tratamento que visa o fortalecimento do ego – ou melhor, a readaptação do ego ao real e tendo como medida o ego do analista –, estará comprometido com o reforço do sintoma do paciente, ainda mais se for um tratamento que tende a desviar o sujeito de reconhecer que é sempre a partir de um outro que se é. Sendo a frustração, portanto, a resposta emocional do sujeito ao deparar-se com sua verdade imaginária, nenhuma resposta findará esse apelo e “*o sujeito tomará por desprezo qualquer fala que se comprometa com seu equívoco*”.⁹⁶ Desta forma, como consequência da frustração que desvenda as intenções imaginárias do discurso do sujeito, surge a *agressividade*.

Esta reação é uma consequência às intervenções do analista em análise, que pela sua pontuação, promove um certo desmoronamento dos objetos constituídos pelo psicanalisando para sustentar suas intenções imaginárias. Isto é, o sujeito constitui para si todo um mundo composto de objetos que estão sustentando o eu em suas relações e que, em análise através de seu discurso quando apresentado a seu analista, como visto acima, acaba sempre em frustração e, a partir disto, do reconhecimento dessa vivência imaginária, a agressividade surge como uma consequência inevitável desse processo. Lacan afirma que essa agressividade é “*a agressividade do escravo, que responde à frustração de seu trabalho com um desejo de morte*”⁹⁷. Nesse momento, na experiência da psicanálise é preciso que o sujeito analisado desvie ao máximo, a partir da condução do analista, uma objetivação grande demais e imaginária desta crença de si mesmo para não reforçar ainda mais a posição alienante que o constituiu “*(...) o eu está estruturado exatamente como um sintoma. No interior do sujeito, não é senão um sintoma privilegiado. É o sintoma humano por excelência, é a doença mental do homem*”⁹⁸. Pelo contrário, o psicanalista, segundo Lacan, deve reintegrar o sujeito ao seu discurso como um [eu] para, a partir daí, o sujeito reassumir seu discurso narcísico, imaginário, para quebrantar, desta forma, suas miragens e suspender as tais certezas que foram construídas para manter firme seu mundo imaginário.

⁹⁵ Discurso de Roma in Escritos, pág 251.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Idem.

⁹⁸ Seminário 1, pág. 25.

Lacan distingue o eu freudiano entre o *je* e o *moi*, ou, o eu imaginário (*moi*) e o sujeito do inconsciente (*je*) representado como [eu]⁹⁹. Para Lacan – partindo dessa divisão em relação à noção do eu freudiano – sua crítica sobre o fortalecimento do ego dirige-se aos teóricos que promoveram uma psicanálise adaptativa que privilegia o ego em detrimento do inconsciente como, por exemplo, a psicanálise norte-americana que tem como técnica uma readaptação do comportamento do sujeito para que assim possa encontrar o sucesso. Esta psicanálise nasceu dos ideais médicos e, portanto, dá ênfase à visão biológica do sujeito rejeitando a “*problemática sexual em benefício da sublimação, o inconsciente em benefício do ego, e a pulsão destrutiva em benefício da cultura*”¹⁰⁰, e, agindo assim, há uma deturpação da psicanálise que é reduzida a uma psicologia acadêmica que tem como foco a percepção, a consciência, o juízo. Na psicanálise, o eu não é um fato de observação e, sim, uma ilusão que a psicologia não consegue dar conta e que precisa ser dissipado pela experiência analítica através das pontuações do analista no discurso do psicanalisando para produzir sentido a essa fala e, sendo assim, dando espaço ao surgimento do [eu], do sujeito inconsciente.

*“É sempre, portanto, na relação do eu do sujeito com o [eu] de seu discurso que vocês precisam compreender o sentido do discurso, para desalienar o sujeito”*¹⁰¹.

Desta maneira, banindo toda descrição objetivante deste eu que se constitui a partir de suas miragens imaginárias. Isto é o que se chama comumente em análise *quebra narcísica*. “*Que se preste atenção a isso (...) porque é na análise que ele (inconsciente) se ordena como discurso*”¹⁰².

⁹⁹ Essa divisão lacaniana se dá como um modo de inferir sobre o sujeito constituído pelo imaginário, aquele que se formou a partir do outro e que constrói toda uma constelação de objetos que possam manter seu mundo imaginário. Esse eu é conhecido na obra lacaniana como *moi*. A outra metade desta divisão é o *je*, também representado por [eu], o sujeito inconsciente – que mais tarde Lacan denominará de sujeito *do* inconsciente – aquele que aparece no discurso do analisando e que revela a sua verdade, como dito antes, a verdade inconsciente e desejante “*(...) eu (moi) como função imaginária do eu, como unidade do sujeito alienado a ele mesmo, do eu (moi) como aquilo em que o sujeito não pode se reconhecer primeiro a não ser alienando, e, portanto, só pode se reencontrar se abolir o alter ego do eu (moi) que, como tal, desenvolve a dimensão, muito distinta da agressão, que se chama em si mesma e desde já, a agressividade*”. LACAN, *O simbólico, o imaginário e o real*. Conferência de 8 de julho, 1953, pág. 11. Mimeo.

¹⁰⁰ ROUDINESCO. *História da psicanálise na França*, vol 2. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988.

¹⁰¹ Discurso de Roma in *Escritos*, pág. 305.

¹⁰² Outros *Escritos*, pág. 452.

O trabalho do psicanalista, de pontuar a fala vazia do psicanalisando, tem como intuito produzir sentido a esse discurso. Esse sentido, entretanto, deve ser achado e assumido pelo sujeito e não ofertado pelo analista. Por isso, essa pontuação muitas vezes pode até ser a interrupção da sessão analítica em momentos importantes do discurso para precipitar um sentido a esse discurso. Pois, Lacan afirma que, por mais que nesse momento a fala apresente-se como um discurso vazio, ela constitui-se como uma verdade, devido ao fato de ter seu valor de comunicação e “*mesmo no auge de sua usura, preserva seu valor de téssera*”¹⁰³. Essa é a única via por onde o analista, de acordo com sua atitude em relação a fala de seu paciente, pode conduzir o analisando a encontrar-se – e reconhecer – sua condição desejante e a revelação do seu inconsciente.

*“Mesmo que não comunique nada, o discurso representa existência da comunicação; mesmo que negue a evidência, ele afirma que a fala constitui a verdade; mesmo que se destine a enganar, ele especula com a fé no testemunho”*¹⁰⁴

Devido essa condição da fala vazia, de comunicar algo, o analista deve apreender-se nesse discurso para ouvir aquilo que o sujeito fala sem saber que fala e intervindo, com sua pontuação, para que o sentido desse discurso surja ao psicanalisando. Para tanto, se “(...) *ele se cala* (o analista), *é para lhe dar a palavra*”¹⁰⁵, a um sujeito que conta a sua história, a história de seu sofrimento, trazendo momentos passados que são *atualizados*, no *hic et nunc* do seu discurso. É a esse momento que Lacan nomeia de *regressão*, completando a tríade – junto com a frustração e a agressividade – de elementos que compõem a fala vazia.

Há uma reativação das fantasias do eu que mantém a miragem da sua integridade, que, quando atacadas pelas intervenções do analista tendem a se reatualizar no discurso para manter a estrutura do eu. Então, o analista deve ouvir a parte significativa do discurso do analisando e a pontuação sobre esse discurso é que permite que um sentido seja dado. Essa pontuação, que permite um sentido, deve ser feita no momento da enunciação de alguma palavra importante na trama deste discurso, pois é aí que se precipitam os

¹⁰³ Discurso de Roma in Escritos, pág 253.

¹⁰⁴ Idem.

¹⁰⁵ LACAN. *A psicanálise e seu ensino*. in Escritos. Pág 440.

momentos conclusivos, operando a regressão que é *atualização, no discurso, das relações fantasísticas restauradas por um ego a cada etapa da decomposição de sua estrutura.*”¹⁰⁶.

As manifestações presentes nesses momentos de uma análise são comandadas pelo narcisismo do paciente, pelo registro do imaginário, pelo eu, e estão ordenadas a seduzir o analista, para impossibilitar o acontecimento da transferência na análise que será por onde aparecerá a verdade sobre o sujeito. É por esse mecanismo de funcionamento de uma análise, que impõe tanto o surgimento do fenômeno da transferência quanto da resistência, que Lacan busca modular o caráter importante da fala como o terceiro elemento na relação intersubjetiva do par analista-analisando.

No momento em que o sujeito está para revelar algo importante sobre si, “*de formular alguma coisa de mais autêntico*”¹⁰⁷, o sujeito sente alguma coisa se transformar em seu discurso “*uma vira-volta súbita que o faz passar de uma vertente a outra do discurso, de um acento a outro da função da palavra*”¹⁰⁸, é a transformação, dentro da experiência da análise, da resistência em transferência. Ou como Lacan aponta: no momento em que a palavra não pode se realizar como revelação, devido à resistência, ela surge como transferência, ou dito de outra forma, no momento em que a palavra agarrou-se ao outro – ao analista – em que se realizou como mediação, é o momento em que a transferência surge e *satisfaz* a resistência impedindo o aparecimento da palavra como revelação. Aparece com isso outro grande paradoxo da análise, pois a transferência deveria ser o evento que transforma a relação paciente-analista em trabalho produtivo de desvelamento do inconsciente. Esse evento, no entanto, na teoria freudiana é descrito como sendo o meio que satisfaz a resistência e para Freud resistência é tudo aquilo que impede o andamento de uma análise. Mas, o que quer dizer a transferência satisfazer a resistência, pois o próprio Freud definiu, a partir das análises que conduzia, que o trabalho analítico só é possível com a implantação da transferência?

Lacan organiza o pensamento freudiano da seguinte maneira: não podendo a fala revelar-se, pois tocaria em algo importante demais que o eu do sujeito não pode ainda reconhecer, surge a presença do analista que faz com que esse discurso que está para ser revelado seja transformado em, não mais revelação, mas em mediação, ou como citado

¹⁰⁶ Discurso de Roma in Escritos, pág 253.

¹⁰⁷ Seminário 1, pág 52

¹⁰⁸ Seminário 1, pag 53

acima, é a transferência satisfazendo a resistência. O analista aí deve ouvir essa reviravolta do discurso e pontuar, através de suas intervenções, esse modo de funcionamento do sujeito para fazer surgir a fala como revelação, não deixar escapar a fala como fala plena, conduzindo o sujeito a reconhecer seus mecanismos de funcionamento, seu inconsciente e seu desejo: “*Trata-se de ligar o sujeito às suas contradições, de fazê-lo assinar o que diz, e de engajar assim a sua palavra numa dialética*”¹⁰⁹. Então, com a possibilidade do surgimento deste outro nível da função da palavra, se apresenta esse outro paradoxo da posição do analista, a saber, a resistência quando se faz muito forte, surge a transferência como obstáculo, ou a transferência *imaginária*.

*“A resistência, com efeito, encarna-se no sistema do eu e do outro. Ela se realiza aí a tal ou tal momento da análise. Mas é de outro lugar que ela parte, a saber, da impotência do sujeito para desembocar no domínio da realização da sua verdade”*¹¹⁰

Lacan fala de resistência como um meio do qual o analista deve se servir para fazer a fala verdadeira se apresentar e como um meio de a interpretação acontecer. A análise da resistência precisa ser compreendida na relação intersubjetiva da fala e é desse lugar que é possível compreender o sujeito implicando-o na sua própria mensagem. O caso do *Homem dos Ratos* em que Freud se serviu da resistência como meio para a interpretação simbólica acontecer é o exemplo em que Lacan se fundamenta, pois Freud não se esquivou de reconhecer os modos de sedução vindos do imaginário de seu paciente, mas serviu-se dessa situação para acionar as ressonâncias da fala de seu paciente para revelar a equivalência simbólica do seu sintoma com o relato de sua história. Por conta dessa forma de se compreender a fala em análise é que a *fala plena* apresenta-se como o contraponto da fala vazia, pois é no seu surgimento em análise que se pode falar em progresso do tratamento analítico. “(...) *a experiência analítica (...) coloca em causa a palavra plena (...) a palavra plena é a palavra que faz ato*”¹¹¹. Essa fala¹¹² é assinalada pelo *valor da anamnese*, da história do sujeito contada para o analista, e por isso é o momento em que se observa, mais

¹⁰⁹ Seminário 1, pág. 262.

¹¹⁰ Idem, pág. 63.

¹¹¹ Idem, pág. 129.

¹¹² No decorrer dos anos, no desenvolvimento da teoria analítica lacaniana, essa fala passou a ser designada de fala verdadeira, não sendo mais oposta a fala vazia, que por sua vez cai em desuso, pois toda fala tem seu caráter de verdade em qualquer sentido.

fortemente, a influência da intersubjetividade como possibilidade da *interpretação simbólica*. O surgimento da fala plena – que para ser liberada é preciso que o sujeito seja introduzido na linguagem do seu desejo, que é o mesmo que compreender que para além do que ele diz é o simbolismo de seu sintoma que ele revela todo o tempo – acontece não somente pela eficácia das intervenções do analista, pois caso fosse essa a condição, cairia o analista numa posição de saber absoluto, e é contra isto que reza a doutrina lacaniana. É na instauração da transferência simbólica que se explica a eficácia da ação do analista.

“Na sua essência, a transferência eficaz de que se trata é simplesmente o ato da palavra. Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência, transferência simbólica – alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença”¹¹³.

A intersubjetividade em análise comporta um locutor e um ouvinte e ela põe em operação a função simbólica da fala. Essa fala inclui o ouvinte como uma subjetividade capaz de lhe devolver o seu próprio discurso sob uma forma invertida transformando uma análise numa *“(...) comunicação em que o emissor recebe do receptor sua própria mensagem sob forma invertida”¹¹⁴*. Lacan aponta que a linguagem por si só na sua expressão inclui a subjetividade quando um fala ao outro: *“Tu irás por aqui e, quando vires tal e tal, seguirás por ali”¹¹⁵*. Pois, esse discurso dirigido ao outro não tem a intenção de informar, mas de evocar uma resposta e essa resposta, Lacan pontua, é um endereçamento do analista ao analisando para a verdade de seu desejo inconsciente, para a sua realidade subjetiva formada pelos símbolos que o constituíram enquanto ser falante. A palavra plena é a palavra que endereça o sujeito ao reconhecimento de que é um sujeito desejante. Um mais-além que também é uma outra palavra, só que uma palavra *“mais profunda”*.

“(...) é ao ato mesmo da palavra enquanto tal que somos reenviados. É o valor desse ato atual que faz a palavra vazia ou plena. O de que se trata na análise da transferência é saber em que ponto da sua presença a palavra é plena”¹¹⁶.

¹¹³ Seminário 1, pág. 130.

¹¹⁴ Discurso de Roma in Escritos, pág 298.

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ Seminário 1, pág. 277.

O analisando traz para a análise um discurso que só pode ser um discurso histórico, e é por esse discurso histórico que o analista tem acesso ao vivido de seu paciente. O progresso todo de uma análise gira em torno desse elemento essencial que é apresentado através da fala: da história contada pelo paciente como um modo de restituição do passado. Isso quer dizer que ao trazer para a análise os eventos formadores da sua existência, o que importa na teoria lacaniana é menos lembrar efetivamente e mais *reescrever* a sua história no registro da palavra. Por esse fato, o da não revivescência, é que Lacan demonstra que o valor da anamnese não está em tornar *consciente* um determinado trauma para suspender, como consequência, um sintoma. Não, o que Lacan assinala é que essa conscientização merece desconfiança, pois, quando da utilização da hipnose, por exemplo, a fala está totalmente dissociada da consciência, o que faz que tal verificação caia em descrédito. Devido a isso, em hipnose, se há eliminação do sintoma, não é por ingerência da consciência.

Lacan aponta o sujeito como sendo o resultado de todos os seus vividos, ou como *gewesend* na linguagem heideggeriana, “*como sendo aquele que assim foi (...) supondo-se outros encontros desde qualquer um desses momentos tendo sido, deles teria saído um outro ente, que faria o sujeito ter sido totalmente diverso*”¹¹⁷. Ou seja, sendo o homem resultado de seus vividos, a experiência analítica tem como mira, a partir da fala, é claro, o modo como conta, como reconstrói a sua história para seu analista. E história não como passado, mas como passado que é pelo discurso reatualizado, historiado no presente. Essa restituição, por parte do analisando, de seu vivido independe do seu conteúdo real e do conteúdo imaginário, mas do sujeito que surge neste discurso. Todo discurso baila entre o vivido real e o vivido imaginário e, por isso, *apresenta o nascimento da verdade na fala* e que neste discurso não é de realidade efetiva que se trata, constatado na realidade vivida do sujeito, mas de verdade¹¹⁸. Lacan argumenta que uma teoria baseada na fala busca uma realidade que *não é nem verdadeira nem falsa*, mas que emerge na fala do paciente como a sua verdade, uma verdade independente de confirmação no real, pois o que visa a “*fala*

¹¹⁷ Discurso de Roma in Escritos, pág. 257.

¹¹⁸ “(...) *toda palavra (...) não é um jogo de signos, situa-se, não no nível da informação, mas no da verdade*”. Seminário I pág. 284

plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir”¹¹⁹.

Para compreender como Lacan reordena a noção de inconsciente a partir da palavra – ou do símbolo –, é preciso entender como tal autor determina o que é história, e melhor ainda, o que é história de um paciente contada em análise para um analista. Esta distinção se faz importante, pois Lacan afirma que na análise os conteúdos inconscientes não são trazidos à consciência, mas são assumidos pelo sujeito analisado pela assunção da sua história, ou como conta a sua história na relação intersubjetiva. “*É justamente essa assunção de sua história, no que ela é constituída pela fala endereçada ao outro, que serve de fundamento ao que Freud deu o nome de psicanálise*”¹²⁰. Essa história assumida e contada na intersubjetividade¹²¹ tem como mira o futuro, não o passado como o vivido. Lacan define que história em análise se trabalha a partir de seu segundo nível e, com isso, subentende-se um primeiro nível. A *função primária da historicização* apresenta-se como os momentos das fixações psíquicas na primeira infância do sujeito e quando estas fixações sofrem um certo número de reviravoltas, ou que são ressignificadas de acordo com as novas vivências e formam, portanto, outros traços psíquicos. Toda vivência já é organizada como vivência subjetiva, pois, uma fixação de uma determinada fase do desenvolvimento pulsional apresenta-se na trama lacaniana como um *estigma histórico* que é esquecido ou anulado por vergonha ou momento de glória que constrange, “*(...) os estádios instintuais já estão, ao serem vividos, organizados como subjetividade*.”¹²² Assim, por exemplo, o estágio anal que é subjetivado pela criança nas diferentes formas de lidar com o controle esfinteriano, é tão histórico quando vivido quanto o é ao ser trabalhado em análise na intersubjetividade. Ao ser contada em análise uma vivência, ou quando uma vivência é reordenada devido a um novo arranjo, por um outro momento, que reatualiza o vivido antigo, é o que Lacan chama de *função secundária da historicização*. É o que versa o termo de *nachträglich*¹²³ (a posteriori) em Freud exemplificado no *Homem dos Lobos*, que, ao

¹¹⁹ Discurso de Roma in Escritos, pág. 257

¹²⁰ Idem, pág. 258.

¹²¹ É compreendida a intersubjetividade em Lacan como sendo o meio por onde a palavra pode ser reconhecida. Isto é, é preciso, para que a palavra seja uma palavra plena, que ela seja reconhecida por alguém, na análise pelo analista, para que tenha seu valor “*Uma palavra não é palavra a não ser na medida exata em que alguém acredita nela*”.(Seminário 1 pág. 272)

¹²² Discurso de Roma, pág. 263.

¹²³ Idem, pág. 258.

assistir ao coito parental, passou, em cada etapa da sua vida, a dar uma significação diferente a esta cena primária. Da mesma forma como acontece em análise, pois cada corte da sessão tem como intuito a ressignificação do discurso do paciente.

“O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformando”¹²⁴

Mas como, a partir do que foi colocado – da análise que mostra o seu valor terapêutico no conjunto discursivo de um paciente que reatualiza seus vividos históricos na intersubjetividade –, é possível a compreensão do símbolo como possibilidade para a estruturação de uma nova psicanálise que compreende agora o inconsciente não mais como um lugar das profundezas, mas localizado na história contada? Como compreender o valor do símbolo quando Lacan afirma: *“O que ensinamos o sujeito a reconhecer como seu inconsciente é sua história”¹²⁵?*

¹²⁴ Idem, pág. 301.

¹²⁵ Idem, pág. 263.

4. O SIMBÓLICO COMO POSSIBILIDADE PARA O INCONSCIENTE LACANIANO.

O homem, segundo Lacan, fala pelo fato de o símbolo o ter feito homem¹²⁶, isto é, por ser constituído pela linguagem simbólica. O símbolo pode ser compreendido como a palavra – como Lacan apresenta “*a função simbólica, ou o que é exatamente a mesma coisa no nosso vocabulário – a função da palavra*”¹²⁷ – que se separa de um determinado objeto e ganha uma vida independente. Essa palavra, ou o símbolo, separada do objeto, separa o pensamento da imagem concreta, podendo, desta forma, a mesma palavra designar vários outros objetos. Portanto, a palavra não tem somente um significado, um único emprego e Lacan afirma que “*atrás do que diz um discurso, há o que ele quer dizer, e, atrás do que quer dizer, há ainda um outro querer-dizer, e nada será nunca esgotado.*”¹²⁸

Essa forma de linguagem – a linguagem simbólica – tira o homem do patamar do natural e o insere na cultura, inaugurando um modo diferente de relação com a realidade e essa diferença basicamente está neste modo de interagir com o meio que passa a ser através do símbolo – que “*são significantes do pacto que constituem como significado*”¹²⁹. Quando o sujeito nasce, ele é inserido imediatamente num mundo simbólico, num mundo de cultura que é estabelecido pela ordem simbólica. A função do símbolo é ordenar o modo de funcionamento de uma cultura e, desta forma, influencia no comportamento do indivíduo organizando suas relações como, por exemplo, a proibição do incesto que gera as regras de casamento e os sistemas de parentesco. Por isso, é possível afirmar que as relações naturais são substituídas por relações sociais. Em Lévi-Strauss, segundo Lepine¹³⁰, a lei natural que regia o acasalamento foi substituída pela regra vivida subjetivamente sob o enfoque *moral da proibição ou da obrigação* fundando um sistema de trocas ou de comunicação. Portanto, o sujeito ao ser inserido nesta ordem simbólica, que está lá muito antes dele, cria a sua estrutura a partir do Complexo de Édipo que nada mais é que a localização que o sujeito vem ocupar neste sistema de relações.

¹²⁶ Idem. 278.

¹²⁷ Seminário 1, pág. 107.

¹²⁸ Discurso de Roma in Escritos, pág. 278

¹²⁹ Idem 273. Tal como afirma Lepine que: “*Os sistemas simbólicos têm como característica a predominância do significante*” (*O inconsciente na antropologia de Levi-Strauss*. Pág 19.)

¹³⁰ LEPINE, Claude. *O inconsciente na antropologia de Levi-Strauss*. Pág. 25

“O Complexo de Édipo é uma estrutura triádica que introduz a criança na ordem simbólica da linguagem objetivante, o que lhe permite dizer eu, ele ou ela, tu e a situa como criança humana num mundo de terceiros adultos”¹³¹.

E a localização do sujeito nesta estrutura é o que organiza toda a experiência da análise *“como marcando os limites que nossa disciplina atribui à subjetividade”¹³²*. A análise vai buscar no discurso do paciente o que ele pôde reconhecer da sua atividade nas relações familiares, que são relações organizadas pelas estruturas complexas da aliança, para com isso identificar quais são os efeitos simbólicos tanto da proibição do incesto como do que foi possível como aliança.

“O contexto da análise não é outra coisa – reconhecer que função assume o sujeito na ordem das relações simbólicas que cobre todo o campo das relações humanas, e cuja célula inicial é o complexo de Édipo, onde se decide a assunção do sexo”¹³³.

A passagem da natureza para a cultura que determina as relações humanas, que organiza as estruturas elementares do parentesco, é regida por uma lei que é idêntica a ordem de linguagem: *imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura*, como afirma Lacan. O sujeito fala sem saber *como* fala, o homem não tem consciência da forma como articula os fonemas, da utilização que faz das regras de linguagem, assim como nas escolhas para formar aliança e seu valor simbólico. Essas escolhas são regidas pelo interdito, por uma lei que não é consciente. A função simbólica, portanto, é o inconsciente e tem como suporte uma lei que em Lacan é o *nome do pai*. A função paterna ou a função da lei é ser o suporte da função simbólica, isto é, regular a relação do sujeito *“com a imagem e a ação da pessoa que a encarna [a lei], daí resultando um modo de compreensão que irá repercutir na própria condução das intervenções”¹³⁴*.

Nesta reformulação lacaniana da psicanálise vienense – do verbo e, com ele, da ordem simbólica permeada pelo *nome do pai* –, o que importa não é a língua enquanto conjunto de convenções estabelecidas por uma sociedade, e sim, a linguagem como meio

¹³¹ idem 24

¹³² Discurso de Roma in Escritos, pág. 278.

¹³³ Seminário 1, pág. 83.

¹³⁴ Discurso de Roma in Escritos, pág. 280.

de comunicação por onde tanto inconsciente como a análise se estabelece pela fala, que é o modo particular de cada um articular a linguagem. Cria-se uma tensão entre fala e linguagem, pois sendo o símbolo comparável ao que é significante no registro da língua e *que envolve toda a vida do homem numa rede tão total*¹³⁵, Lacan atesta que o problema é o das relações, no sujeito, entre fala e linguagem e esta tensão, nestas relações, se apresenta em três paradoxos na psicanálise.

O primeiro deles está na loucura que comporta uma fala que abdicou do reconhecimento, uma fala que não estabelece transferência e objetiva-se, no delírio, numa linguagem sem dialética. Daí porque Lacan declara ser o louco mais falado do que fala, pois não há assunção, pelo sujeito, dos símbolos – *“reconhecemos os símbolos do inconsciente sob formas petrificadas”*¹³⁶. O segundo paradoxo da relação da linguagem com a fala se apresenta na neurose. Aqui, fala verdadeira não se apresenta no discurso concreto do paciente, mas nas formas de manifestações patológicas, no sintoma, por exemplo, que é o *“significante de um significado recalcado da consciência do sujeito”*¹³⁷. O sintoma é a manifestação deturpada da verdade do sujeito, um símbolo que participa da linguagem pela ambigüidade semântica na sua formação e ao mesmo tempo em que expressa um sentido, esconde a verdade. É aí que a análise deve trabalhar, no sentido de libertar esse sentido que está aprisionado quando o sujeito assume a sua história passando da linguagem para a fala. O último paradoxo está no discurso científico da psicanálise que aliena sobremaneira o sujeito moderno. O que Lacan está apresentando com esse paradoxo é que quanto mais o sujeito se objetiva num discurso, mais ele se perde enquanto sujeito. O discurso psicanalítico, como discurso científico, com suas formulações teóricas, oferta ao sujeito mais um espaço para reforçar o muro da linguagem que impede a expressão da fala verdadeira. Ao mesmo tempo em que tal discurso objetiva o sujeito e a linguagem que se coloca como impedimento para a expressão verdadeira do ser, é este mesmo caminho – do discurso e da linguagem – que permite ao sujeito ser conduzido ao ato da palavra, enquanto discurso simbólico.

Aqui, faz-se necessário compreender que, se a função simbolizadora da fala é introduzir um efeito significante, esse efeito da fala nada tem em relação à linguagem-signo

¹³⁵ Discurso de Roma in Escritos, pág. 280.

¹³⁶ Idem, pág. 281.

¹³⁷ Idem, pág. 282.

e, portanto, esse mal-entendido precisa ser desfeito. Para tanto a linguagem animal parece atender a exigência de Lacan ao incluir aí uma ruptura entre a linguagem simbólica e a linguagem expressiva – modo de comunicação que jamais pode ser retransmitida. As abelhas, ao voltarem para a colméia, transmitem às suas companheiras, através de um tipo de dança, o local onde foi encontrado um determinado butim. Essa dança mostra a localização, distância e o modo de se chegar ao local, permitindo que as outras abelhas possam chegar ao determinado destino. Este tipo de linguagem, diz Lacan, expressa uma *“correlação fixa entre seus signos e a realidade que eles expressam”*¹³⁸, tal qual a língua que adquire seu valor nos códigos convencionais para articular o mundo sensível. A linguagem humana, no entanto, na sua expressão, inclui a subjetividade tanto do emissor quanto do receptor. A fala *“implica seu autor ao investir seu destinatário de uma nova realidade: por exemplo, quando por um ‘Tu és minha mulher’ um sujeito marca-se como sendo o homem conjungo”*¹³⁹. Na relação intersubjetiva que é possível reconhecer na linguagem, a fala aparece como valor humano.

*“O que busco na fala é a resposta do outro. O que me constitui como sujeito é a minha pergunta. Para me fazer reconhecer pelo outro, só profiro aquilo que foi com vistas ao que será. Para encontrá-lo, chamo-o por um nome que ele deve assumir ou recusar para me responder”*¹⁴⁰.

Para tanto, o analista, a partir da sua subjetividade, precisa reconhecer na subjetividade de seu analisando, pelo viés do discurso simbólico, de que lugar parte seu ego, essa miragem constituída pelo imaginário e composto de um núcleo verbal, *“em outras palavras, em saber através de quem e a quem o sujeito formula sua pergunta”*¹⁴¹. Esse reconhecimento pressupõe o encontro com a origem do ser do sujeito desejante e a relação deste com a constituição de objeto.

O simbólico é o que permite a instauração e ordenação da cultura separando o homem da sua condição natural e inscrevendo-o no registro da linguagem à maneira de uma lei que estabelece a interdição do incesto, o que em psicanálise é chamado de Complexo de

¹³⁸ Discurso de Roma in Escritos, pág 298.

¹³⁹ Idem, pág. 299.

¹⁴⁰ Idem, pág. 301.

¹⁴¹ Idem, pág. 304.

Édipo – esta estrutura que organiza as relações e a escolha sexual. A ordem simbólica cria o possível das relações do homem com seu mundo.

“(...) o homem, desde antes do seu nascimento e para-além da morte, está preso a cadeia simbólica (...) é em seu próprio ser (...) como um todo, só que a maneira de um peão, no jogo do significante, e isso, desde antes que as regras do jogo lhe sejam transmitidas (...) essa exterioridade do simbólico em relação ao homem é a noção mesma do inconsciente”¹⁴²

Por ser a exterioridade do símbolo o que Lacan compreende como constituinte do sujeito e, portanto, o próprio inconsciente, é possível entender o que quer dizer o inconsciente ser o discurso do outro. Esse discurso do outro é um discurso que vem de fora desta constelação simbólica, que marca todos os eventos da vida de um sujeito; o inconsciente é:

“(...) a mensagem invertida que o paciente recebe de volta; é o que falta no seu discurso concreto. Esse outro é o lugar de onde fala o inconsciente, o campo fora do sujeito de onde lhe volta esta mensagem, o lugar onde o desejo de reconhecimento é transposto em reconhecimento do desejo; é a exterioridade da ordem simbólica”¹⁴³.

¹⁴² LACAN. *Situação da psicanálise em 1956*. in Escritos. Pág. 471.

¹⁴³ LEPINE, Claude. *O inconsciente na antropologia de Levi-Strauss*. São Paulo: Editora Ática, 1974. Pág.

5. CONCLUSÃO

Todo o complexo subjetivo que Lacan pretende fundamentar para constituir sua doutrina compreende três sistemas integrados que marcarão toda a sua obra e que englobam todo o problema da formação humana; tal complexo é “*a junção do simbólico e do imaginário na constituição do real*”¹⁴⁴. O imaginário abarca todo a estrutura da constituição do eu, formando uma unidade corporal a partir da imagem de um outro que toma o sujeito e, por conseguinte, o aliena a esta imagem. Sem mediação da linguagem, esse momento precisa ser superado quando da implantação do simbólico, que é identificado a linguagem. A captação de uma imagem permite ao sujeito integrar suas funções motoras; no entanto, a constituição do eu se dá *a priori*, sendo anterior ao domínio do real do corpo. Essa experiência original, da realização do outro no sujeito, coordenará toda a vida de fantasia de um sujeito, pois essa vivência Lacan a reduz a

*“pura e simples realidade que não se delimita em nada, que não pode ser ainda objeto de nenhuma definição, que não é nem boa, nem má, mas ao mesmo tempo caótica e absoluta, original”*¹⁴⁵.

Em seu seminário intitulado *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, do ano de 1955, Lacan conduzia sua aula na tentativa de clarear os três sistemas que regem seu pensamento sobre o homem psíquico. Para isso, dizia que o homem é homem devido a sua relação à ordem imaginária; caso contrário, seria lua, ou qualquer outra coisa. O que não quer dizer, entretanto, que essa condição basta para a sua realização plena. Por estar o homem, aí, situado no lugar intermediário, que é o lugar que vem ocupar o louco, que só adere ao plano imaginário¹⁴⁶.

No *Discurso de Roma*, o símbolo entra no contexto lacaniano como o meio que permitiu a formalização da noção de inconsciente e, em 55, esse estatuto se alarga em sua conceitualização, quando começa a ser apreendido no termo clássico de nominar e na relação ao tempo. Pois, o símbolo intervém na ordem imaginária, na relação do sujeito ao

¹⁴⁴ Seminário 1, pág 90.

¹⁴⁵ Idem, pág 96.

¹⁴⁶ Por isso, a relação ao símbolo, como foi colocado acima, pela qual o louco objetiva-se numa linguagem sem dialética, não assumindo os símbolos que se apresentam petrificados no inconsciente.

objeto, por onde o sujeito toma a sua forma, a sua unidade. Mas essa unidade é sempre seguida de um *desarvoramento* em relação ao objeto, por ser sempre resultado de uma miragem. E essa miragem, por se realizar de maneira instantânea, necessita da palavra para nomear e dar *consistência* a essa relação.

“A palavra que nomeia, é o idêntico (...) Não é à distinção espacial do objeto sempre pronta a dissolver-se numa identificação ao sujeito, que a palavra responde, mas sim à sua dimensão temporal”¹⁴⁷.

O objeto parece na sua realização identificatória, mas ao receber um nome perdura, sendo constituído pelo viés de um pacto onde outros sujeitos concordam na nomenclatura utilizada. Por isso, Lacan afirma que *o nome é o tempo do objeto*. Esse é outro momento em que aparece a grande influência na obra lacaniana, Hegel. Este, diz Lacan, afirma: *o conceito é o tempo da coisa*. Por instituir a palavra na estrutura da linguagem, que comporta um sempre mais-além – pelo fato de que num discurso o sentido nunca está esgotado – e, portanto, na sua função de criar a coisa e que, segundo Lacan, *“é nada senão o conceito”¹⁴⁸* e, contudo, *“o conceito é o que faz com que a coisa esteja aí, não estando”¹⁴⁹*. É neste contexto que a experiência analítica se desenrola, quando o sujeito consegue nominar seu desejo. *“Tratava-se, pois, de levar o sujeito a assumi-lo [seu desejo] na primeira pessoa do singular em um campo simbólico estruturado como uma linguagem”¹⁵⁰*. Ainda na influência hegeliana, Lacan defende um modo de terapêutica que vai na contramão do mote que *tudo que é racional é real*. A clínica está além da compreensão do fenômeno psicológico particular, por ser o sujeito inconsciente descentralizado da consciência-de-si; isto quer dizer que não se busca a conscientização do desejo por meio da fala, mas implicar o sujeito na linguagem simbólica de seu sintoma que revela aquilo que fala sem ainda saber que fala. *É preciso ouvir o símbolo*. Parafraseando Lacan, a mensagem do analista deve ser escutada por seu paciente como uma resposta do que lhe é particular.

¹⁴⁷ Seminário 2, pág 215

¹⁴⁸ Seminário 1 pág 275.

¹⁴⁹ Idem pág. 276.

¹⁵⁰ SAFATLE, *Um limite tenso: J. Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

“O homem vive num meio artificial de símbolos; não reage diretamente às coisas, mas às idéias que ele tem sobre as coisas; não pode perceber nada senão através da interposição deste meio simbólico que o afasta da realidade física.”¹⁵¹

O sistema simbólico, enquanto equivalente à linguagem que dá a possibilidade do nível da palavra se precipitar, deve englobar o sistema imaginário para que se possa falar em desenvolvimento subjetivo de um ser. A partir dos elementos da linguagem, o *infans* passa a fazer apelos que colocam-no numa posição de dependência do outro e, portanto, colocam-no numa posição que permite a simbolização desse lugar caótico.

“Todo esse processo parte desse primeiro afresco que constitui uma palavra significativa, formulando uma estrutura fundamental que, na lei da palavra, humaniza o homem”¹⁵².

Mas, contudo, essa contribuição na obra de Lacan que permitiu que o inconsciente pudesse ser um conceito pensável, subtraído de sua ênfase substancialista – pois agora está posto fora do homem, mas incorporado ao seu discurso – foi, também, responsável pela ampliação do retorno a Freud tomando o símbolo como fundamental para pensar a teoria e a clínica psicanalítica. Surge no cenário francês um modo de se compreender o homem tomado em sua subjetividade pelo símbolo. É o significante que passa a ser o conceito que dá o contorno ao desenvolvimento da teoria lacaniana. Por ser este entendido como o que predomina quando dá manifestação do símbolo – única forma que até o presente momento Lacan atribui ao significante –, passa a ser tomado por Lacan como a forma de expressão da linguagem humana, que, já neste momento, Lacan a está querendo diferenciar da linguagem signo, como apontado acima. Essa mutação da teoria lacaniana de simbólico para o significante e o desenvolvimento desta será o que buscaremos apresentar no capítulo seguinte.

¹⁵¹ LEPINE, Claude. *O inconsciente na antropologia de Levi-Strauss*. São Paulo: Editora Ática, 1974. pág. 23.

¹⁵² Seminário 1, pág 105.

TERCEIRA PARTE

O SIGNIFICANTE E A TEORIA DO SUJEITO *DO* INCONSCIENTE NA
PSICANÁLISE LACANIANA

1. INTRODUÇÃO

O período do imaginário aponta o quanto Lacan precisou apoiar-se numa abordagem antropológica para estabelecer a supremacia do meio social sobre a precariedade física instintual do homem. Essa foi a primeira relação direta de Lacan com a psicanálise e seu intuito era escapar das teorias psicológicas da época e, também, escapar ao reducionismo psiquiátrico que havia feito parte da sua formação médica. Ao mesmo tempo, ele reformulou noções que faziam parte do *corpus* teórico freudiano. Na década de 50, entretanto, ocorre uma reestruturação conceitual no projeto de Lacan, pois este subverteu o papel dado para o social como produtor de um sujeito. Isto é, uma certa transformação do que era social para o que veio a ser chamado de linguagem. Essa mudança é caracterizada pela influência de Lévi-Strauss na obra de Lacan. A entrada do simbólico também pode ser vista como uma recusa da cientificidade utilizada pela psicologia do ego e como âncora para a prática analítica. Da realidade social, que forma a possibilidade de correspondência entre os sujeitos, para as estruturas simbólicas que permitem a Lacan reordenar a noção de inconsciente. É a encarnação do simbólico no imaginário que Lacan apresentou como fundamental para a compreensão do sujeito constituído pela ordem simbólica. Em suma, Lacan toma *“a noção da função do simbólico como a única capaz de dar conta do que podemos chamar de determinação no plano do sentido”*¹⁵³.

Uma linguagem preexiste ao sujeito e por conta desta situação o faz “escravo” da mesma, pois ao nascer o sujeito é imediatamente inscrito num discurso pelo simples fato de ser chamado por um nome. Esse acento dado à linguagem enquanto fundadora e organizadora do mundo humano foi o que Lévi-Strauss tomou de empréstimo da lingüística, vista como a ciência piloto e modelo para a sua antropologia estrutural. A linguagem é a via de apresentação de um sujeito, por ser o suporte da lei que permite a passagem da natureza à cultura *“(...) é no nível da aliança, enquanto que oposta à geração natural, à linguagem biológica, que são exercidas as trocas fundamentais – no nível portanto do significante – e é aí que reencontramos as estruturas mais elementares do*

¹⁵³ Seminário 5, pág 12.

funcionamento social, a inscrever os termos de uma combinatória”¹⁵⁴. Uma lei que estrutura as relações entre os homens e que leva o acento inconsciente tal qual a constituição da linguagem: “*uma ordenação das trocas que, embora inconsciente, é inconcebível fora das permutações autorizadas pela linguagem*”¹⁵⁵. A cultura é a soma dos sistemas simbólicos e o sujeito, a expressão mínima, individual, desse aglomerado. Lacan, para reforçar a importância da estrutura da linguagem como formadora do homem, a identifica a cultura, substituindo a dualidade etnográfica existente entre natureza e cultura por uma concepção ternária – natureza, sociedade e cultura. Foi a partir desta compreensão que o inconsciente deixou de ser letra morta na teoria lacaniana para ganhar o estatuto de função simbólica que opera em duas direções: na primeira, um sentido objetivo que funda a estrutura social e, na segunda direção, sob uma perspectiva subjetiva que diz respeito ao sujeito enquanto constituído pela função simbólica.

Essa tendência, no entanto, de se compreender o simbólico é mais apurada nos anos seguintes da obra de Lacan. Não há uma mudança de rumo – como, por exemplo, do período do imaginário que funda um sujeito absoluto para o simbólico que constitui um sujeito através da linguagem – mas, uma ordenação teórica através de noções que foram tomando importância maior dentro da teoria lacaniana. Surge uma teoria sobre o significante, que, a partir de uma *releitura* da lingüística de Saussure, justificará a tentativa de transformar a psicanálise numa ciência tomando o significante como algoritmo para ser o suporte desse projeto. Da imago do período do imaginário como objeto para uma ciência psicológica para o significante como o alicerce de uma ciência da subjetividade. Da mesma maneira que o *Discurso de Roma* marca a influência de Lévi-Strauss na implantação da noção de inconsciente na psicanálise francesa, os anos seguintes apresentam essa releitura da obra de Saussure, e foi desta influência que Lacan, à sua maneira, configurou a lógica do significante. Se a noção do simbólico permitiu a Lacan encontrar um arranjo para a noção de sujeito inconsciente, em um outro momento, o significante, dentro da ordem simbólica, encontrou seu fundamento numa cadeia discursiva reordenando o sentido para sujeito e para o inconsciente “*(...) a realidade com que lidamos é sustentada, tramada, constituída por uma trança de significantes*”¹⁵⁶.

¹⁵⁴ Seminário 11, pág. 143.

¹⁵⁵ A Instância da Letra in Escritos, pág. 499.

¹⁵⁶ Seminário 3, pág. 283.

O período da obra de Lacan que se inicia com o *Discurso de Roma*, também, chamado de retorno a Freud, e que culmina na apresentação de *A Instância da Letra*, em 57, marca, segundo Roudinesco¹⁵⁷, o período em que Lacan realizou duas leituras da obra de Saussure. A primeira, a partir da influência de Lévi-Strauss onde privilegia o pensamento simbólico e fundamenta a noção de inconsciente baseada no símbolo, como descrito acima. Já na segunda leitura, a doutrina psicanalítica é pensada a partir de uma teoria da determinação significante à luz de Jakobson que permitiu a Lacan retirar da lingüística uma reorganização completamente original para a psicanálise no âmbito daquilo que vinha chamando de um retorno a Freud.

Mas se o simbólico surgiu na pena de Lacan como fundamental para resolver o impasse do imaginário e para contornar a noção de inconsciente, o que fez Lacan passar desse registro para a fundamentação do significante como suporte à ciência da subjetividade? O que fez com que a descrição das estruturas simbolizantes levasse Lacan a formalizar o inconsciente segundo um outro conceito de forma, a partir de uma lógica que dá uma nova dimensão ao estatuto do significante?

Para tentar responder a estas questões, é fundamental buscar no texto *A Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud*¹⁵⁸ de 1957 qual foi a organização que Lacan estabeleceu à lingüística de Saussure dentro da sua obra; buscar qual o estatuto do significante que permitiu a Lacan forjar uma lógica e quais as conseqüências desta mudança para o que nosso autor vinha propondo para a noção de sujeito e inconsciente.

¹⁵⁷ História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos, vol 2. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1988. Pág. 318

¹⁵⁸ Publicado nos *Escritos*, esse texto fez parte de um debate organizado pelo grupo de filosofia da Federação dos estudantes de Letras no anfiteatro Descartes, na Sorbonne, no dia 9 de maio de 1957.

2. O SIGNIFICANTE

A *Instância da Letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud* foi uma apresentação feita para os estudantes de Letras e que marca, segundo Nancy e Lacoue Labarthe, a passagem de um discurso prático clínico para um discurso sobre epistemologia, “*uma passagem explícita do discurso da análise pelo discurso filosófico*”¹⁵⁹. O que busca Lacan com esta apresentação é uma perspectiva *filosófica* do inconsciente e, a partir dela, levantar as considerações fundamentais que concernem à linguagem. Vale lembrar que Lacan pretendia romper com a maneira como os psicanalistas norte-americanos – que estavam influenciando os praticantes europeus – conduziam a prática da psicanálise, a partir do reforço do ego. Entre esses psicanalistas estavam Hartmann, Kris e Lowenstein que interpretaram a segunda tópica do aparelho psíquico descrito por Freud na década de 20. Esses autores colocaram da noção do eu, o *moi* em Lacan, como a instância central da personalidade e sua terapêutica consistia em reforçar o eu para que o paciente pudesse reordenar-se dentro de um determinado nível de realidade. Essa idéia está comprometida aos olhos da teoria lacaniana, pois o *moi* é um aglomerado de identificações imaginárias que na experiência analítica se apresentam nas fantasias expressas pelo paciente. Portanto, o *moi* não é unificado e, tampouco, é dotado da função de síntese, ele é um engodo. E a clínica lacaniana busca a superação do sintoma a partir da simbolização, isto é, a cura que pretende Lacan no período do simbólico é pela vertente da palavra enquanto mediadora da relação analista e paciente, descentralizando o *moi* desse lugar suposto por esta vertente psicanalítica. Para tanto, Lacan formulou seu discurso teórico – como já vinha fazendo há algum tempo – com o intuito de reconstruir a prática psicanalítica pelo caminho de um retorno que se pretendia originário.

“Era preciso, pois, construir, para constituir o discurso psicanalítico em geral, um sistema inteiro de empréstimos, apelando à lingüística, à etnologia estrutural, à lógica combinatória. Este processo mesmo, no entanto, tornava

¹⁵⁹ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 20.

necessário o discurso de sua própria legitimidade, ou seja, um discurso epistemológico – ou, antes, na medida em que se via constituir-se, dessa forma, não apenas uma ciência, mas uma cientificidade inédita, um discurso sobre a epistemologia”¹⁶⁰.

E, portanto, Lacan elege um objeto para sustentar esse projeto que consiste em rever a prática analítica desviada do seu foco principal, a saber, o reconhecimento do inconsciente como portador da verdade sobre o sujeito e não o eu. Esse objeto eleito é o significante, que antes de 57 já era anunciado por Lacan na relação com o inconsciente:

*“O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. O que, com efeito, caracteriza a linguagem é o sistema do significante como tal”.*¹⁶¹

Era preciso demonstrar agora, fundamentado numa lingüística, a importância do significante. Para isso, Lacan utiliza-se da lingüística de Saussure¹⁶² a partir do momento em que submete esta teoria a reformulações que possam dar conta de fundamentar uma outra teoria sobre o significante e significado não mais sustentada numa ordem de signo, mas num algoritmo que subverte os pressupostos do primeiro. Por mais que Lacan atribua o algoritmo a Saussure, afirmando que é a partir deste que se funda a lingüística como uma ciência moderna, é através de um esquema diferenciado que inicia sua apresentação. Sendo assim, é possível pensar que a lingüística de Saussure permitiu a Lacan tirar algumas conclusões da obra de Freud e, também, construir uma estrutura lógica formal para o significante, podendo pensar a psicanálise a partir de novas bases. Isto é, com texto A

¹⁶⁰ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 20.

¹⁶¹ Seminário 3 pág. 139.

¹⁶² Sendo a estrutura da linguagem aquilo que constitui o sujeito, o que busca Lacan é formular uma ciência da letra que dê conta do inconsciente afastando-o de qualquer visada psicologizante; assim, é a lingüística tomada como ciência que vem respaldar esse projeto. Essa tomada da lingüística foi de tal forma consistente para Lacan que em alguns momentos de seu trabalho declara que psicanálise e lingüística chegam até a confundir-se por manterem uma relação tão estreita na análise de seu objeto “[a lingüística] tem a mais estreita relação com a psicanálise pura e simples. Elas chegam a se confundir. Se examinarmos de perto, veremos que não são essencialmente diferentes uma da outra” (Seminário 5, pág. 14). Entretanto, trata-se na obra de Lacan de uma lingüística reformulada, da apontaremos no decorrer deste trabalho. Desta forma, não se trata, no seguinte trabalho, de apresentar, como mais importante as diferenças entre Lacan e Saussure, mas pontuar amiúde como foi que nosso autor buscou fundamentar, tomando da lingüística, a noção de significante.

Instância da Letra a produção inconsciente se apresenta por uma nova compreensão, pelo viés das vertentes paradigmática e sintagmática, através dos seus efeitos pela metonímia e pela metáfora, apontando que não apenas Saussure, mas também Jakobson, a partir dos trabalhos sobre a afasia, metáfora e metonímia, corroboraram com essa nova perspectiva da psicanálise.

E, assim, é a *letra* em sua especificidade que estrutura o inconsciente determinando a noção sobre o sujeito inaugural na psicanálise. E *letra*, Lacan define, é o “*suporte material que o discurso concreto toma emprestado à linguagem*”¹⁶³. Discurso concreto, afirmam Nancy e Lacoue Labarthe¹⁶⁴, é determinado por sua relação com a linguagem (transindividual) e com a fala (intersubjetividade); “*é o discurso que se pode gravar num disco*”¹⁶⁵. A letra enquanto materialidade é o que compõe este discurso do qual o sujeito pode utilizar-se por ser constituído por essa *literalização*, quando lhe é dado um nome próprio. No momento em que fala com o outro, o homem toma de empréstimo o material que a linguagem fornece e, também, como dito acima, por ser o homem banhado pela linguagem, passa a ser determinado pela letra, entrando na transindividualidade da linguagem e na intersubjetividade da fala.

Por isso, Lacan constrói uma teoria, com o respaldo da lingüística de Saussure, para justificar como é possível pensar o sujeito constituído pela letra – ou pelo significante como veremos a seguir – e, para tanto, essa demonstração se dá a partir do algoritmo que funda esta ciência:

“S
s

que se lê: significante sobre significado, correspondendo o ‘sobre’ à barra que separa as duas etapas”¹⁶⁶.

Encontra-se na obra de Saussure¹⁶⁷, no entanto, um outro esquema no que se refere a este algoritmo apresentado por Lacan, a saber, o signo lingüístico que é constituído por

¹⁶³ A Instância da Letra in Escritos, pág 498.

¹⁶⁴ *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Págs. 35-37.

¹⁶⁵ Seminário 5, pág 18.

¹⁶⁶ A Instância da Letra in Escritos, pág. 500

¹⁶⁷ *O Curso de Lingüística Geral* foi ministrado por Saussure de 1907 a 1911 e publicado em 1916 por seus alunos através de anotações feitas em aula. Portanto, algumas alusões que são feitas ao texto publicado são das anotações realizadas pelos participantes do curso e levam a marca de Saussure como, por exemplo, as flechas de sentido oposto ao lado da célula que envolve o signo lingüístico, conforme ilustração adiante.

duas *faces* indissociáveis¹⁶⁸. Neste, o significante está abaixo da barra e o significado encontra-se acima e este esquema é contornado por uma elipse que demarca o “*apelo recíproco*”¹⁶⁹ entre os dois componentes. No algoritmo apresentado por Lacan, a célula que contorna o signo desaparece, o significante está acima da barra e esta é resistente a significação, demarcando que uma significação não se apresenta imediatamente na relação entre significado e significante¹⁷⁰. Assim, são quatro os pontos importantes que diferem o signo do algoritmo, como citam Nancy e Lacoue Labarthe¹⁷¹: primeiro, a indissociabilidade entre significante e significado é rompida, pois são duas ordens distintas; segundo, a célula que envolve o signo desaparece; terceiro ponto, substituição das duas faces do signo por duas etapas do algoritmo e, por fim, a barreira que separa as duas etapas e que resiste à significação. Mas, enquanto para Saussure o signo traz em si uma teoria sobre significante e significado simultaneamente constituindo uma significação, o algoritmo, em Lacan, o é enquanto não significa. Por isso, a barreira introduzida por Lacan marca um debate já antigo no que diz respeito à questão da arbitrariedade do signo. Saussure afirma que:

*“O laço que une o significante ao significado é arbitrário, ou melhor, uma vez que entendemos por signo o total resultante da associação dum significante a um significado: ‘o signo lingüístico é arbitrário’”*¹⁷².

Mas, Lacan questiona essa relação direta que há entre palavra e coisa “*no ato da nomeação*”¹⁷³. E, esta reorganização que nosso autor pretende com o algoritmo vem demarcar exatamente o que precisa ser composto para fazer surgir a supremacia do significante. Isto é, constituir um algoritmo que sustente uma ruptura entre a ligação do significado com o significante para daí destruir o modo representativo da língua no

¹⁶⁸ Lacoue Labarthe e Nancy exemplificam a indissociabilidade do signo lingüístico pela imagem apresentada na obra de Saussure “(...) a célebre imagem do rosto e do verso de uma mesma folha, ou, então, a dupla indicação de setas investidas que enquadra, na maioria dos casos, o esquema do signo”. Página 44.

¹⁶⁹ Saussure pág. 99 apud. ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Pág. 83.

¹⁷⁰ Como é no signo lingüístico de Saussure, pois para este há uma relação entre as duas faces do signo, como apontaremos a seguir.

¹⁷¹ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 43.

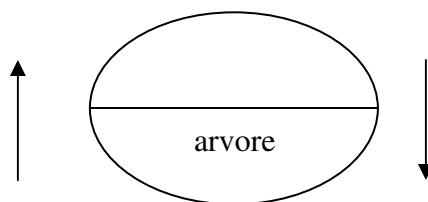
¹⁷² SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Pág. 124

¹⁷³ A Instância da Letra in *Escritos*, pág. 500.

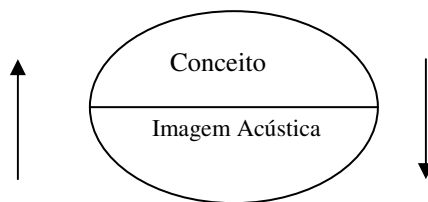
momento da significação. Essa é a tese que Lacan busca demonstrar com o modo como vai propor que se compreenda o significante, a saber: um som sem significação a priori.

“Se formos discernir na linguagem a constituição do objeto, só poderemos constatar que ela se encontra apenas no nível do conceito, bem diferente de qualquer nominativo, e que a coisa, evidentemente ao se reduzir ao nome, cinde-se no duplo raio divergente: o da causa em que ela encontrou abrigo em nossa língua e o do nada ao qual abandonou sua veste latina.”¹⁷⁴

Essa subversão do signo para o algoritmo vem deflagrar, a princípio, não a autonomização do significante, segundo Lacoue Labarthe e Nancy, mas apresenta como primordial a resistência que, ao resistir em significar, funda secundariamente a autonomia do significante. Para representar este esquema do algoritmo, e sua diferença do signo, Lacan substitui o esquema da árvore que em Saussure é representado da seguinte maneira¹⁷⁵:



ou:



pelo esquema que em sua obra se apresenta desta outra forma¹⁷⁶:

ÁRVORE

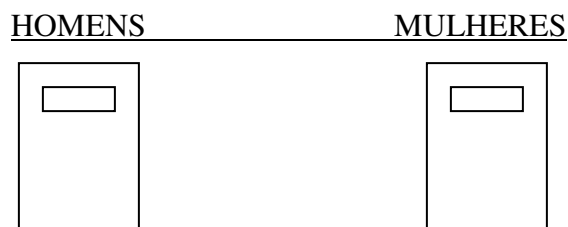
¹⁷⁴ A Instância da Letra in Escritos, pág. 501.

¹⁷⁵ O conceito é o significado e a imagem acústica é o significante. SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Pág. 123.

¹⁷⁶ A Instância da Letra in Escritos, pág 502.

Mas, como o próprio Lacan afirma, além de “*desconcertar com um golpe baixo o debate nominalista*”¹⁷⁷, o que pretende nosso autor com essa modificação no que se refere ao signo, ou melhor, por que pretender uma autonomia para o significante? Se o que Lacan busca é a ruptura total entre o significante e o significando quando afirma que “*a relação do significante e do significando está longe de ser, como se diz na teoria dos conjuntos, biunívoca*”¹⁷⁸, fazendo com que em seu algoritmo apareça uma barra que resiste a uma significação, como compreender a significação?

Para isto, Lacan apresenta ainda uma outra forma¹⁷⁹, num esquema em que ele mesmo afirma que não poderia reproduzir o que se encontra na vivência da verdade:



Esta representação, forjada por Lacan, visa apontar uma organização diferente para o significante que, ao ser duplicado, como visto acima – HOMENS MULHERES –, introduz uma diferença e uma *precipitação do sentido*¹⁸⁰. Essa diferença marca o valor de cada um dos termos, isto é, dois significantes diferentes um do outro que, ao estarem acima da barra, ou melhor, sobre duas portas idênticas – que estão no lugar do significando –, reproduzem a simbolização de uma lei; uma lei, como afirma Lacan, de *segregação urinária* (o lugar determinado para cada um dos sexos quando necessário, pois mulheres *não* podem ir ao banheiro masculino e nem vive-versa) e, que segundo Lacoue Labarthe e Nancy, Lacan teria indicado “*como sendo praticamente universal – e comparável neste ponto às leis gerais da cultura*”¹⁸¹. Isto quer dizer, portanto, uma lei que remete à diferença dos sexos,

¹⁷⁷ Idem, pág. 503.

¹⁷⁸ Seminário 3, pág. 139.

¹⁷⁹ A Instância da Letra in Escritos, pág. 502.

¹⁸⁰ Idem, pág. 503.

¹⁸¹ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 49.

logo, a lei da linguagem¹⁸². Essa diferença deflagrada pelo significante, descrita por Lacan como um *imperativo*¹⁸³ - és homem, és mulher -, marca dois lugares diferentes, um para homens e outro para mulheres; o que nos faz pensar que o significante aponta para uma localização. “*Isto equivale dizer, se se preferir, que não há divisão por existir matéria, mas, inversamente, que existe matéria por haver divisão*”¹⁸⁴. Desta forma, essa duplicação do significante sobre dois significados, que a princípio parecem iguais, mas marcam lugares diferentes não constitui uma significação, mas determina uma lei. A lei da diferença dos sexos masculino e feminino.

Caso este esquema estivesse mostrando como funciona um signo lingüístico, o significado, como proposto por Saussure, seria indissociado do significante e no lugar das duas portas que remetem a banheiros deveriam estar duas formas humanas, uma masculina e outra feminina. É o que pretende Lacan com este exemplo, apresentar uma função diferente que não a de um significado imediato para o significante, mas que o *significante de fato entra no significado*¹⁸⁵. É o significante que faz surgir o significado e não o contrário. Pois foi preciso o significante para determinar o lugar de cada um dos sexos.

Lacan apresenta um outro exemplo no que concerte a essa fórmula que está propondo ao significante:

Um trem chega à estação. Numa cabine, um menino e uma menina, irmão e irmã, estão sentados um em frente ao outro, do lado em que a vidraça dando para o exterior descortina a visão das construções da plataforma ao longo da qual o trem parou: ‘Olha!, diz o irmão, chegamos a Mulheres!’; ‘Imbecil!, responde a irmã, não está vendo que nós estamos em Homens?’”¹⁸⁶.

Os dois irmãos por estarem sentados em lugares diferentes escolhem cada um, após a parada do trem e a partir do que vêem, um nome para a cidade em que estão. As crianças

¹⁸² Em 53, no Discurso de Roma, Lacan afirma: “*Ninguém deve desconhecer a lei: essa fórmula transcrita do humor de um Código de Justiça, exprime no entanto a verdade em que nossa experiência se fundamenta e que ela confirma. Nenhum homem a desconhece, com efeito, já que a lei do homem é a lei da linguagem*” (pág. 273).

¹⁸³ A Instância da Letra in Escritos, pág 503.

¹⁸⁴ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 50. Essa característica do significante apontada por Lacan foi trabalhada no texto *A carta roubada*, texto que a seguir trabalharemos quando formos falar sobre a cadeia significante.

¹⁸⁵ A Instância da Letra in Escritos pág 503.

¹⁸⁶ Idem.

não chegam a uma significação a partir do significante, mas estão separadas daquela pela barra descrita por Lacan como os trilhos do trem. É a precipitação do sentido que acontece pelo significante. Caso as duas crianças, ao estarem na estação ferroviária, se deparassem com dois outros significantes, seriam estes os nomes que dariam para a cidade que acabam de chegar. Partindo deste exemplo, Lacan conclui que há um *centro irradiante* no significante que vem trazer uma luz para as significações inacabadas¹⁸⁷. Para Lacoue Labarthe e Nancy, esse centro irradiante é a castração que fura o significante:

*“Dito de outra forma, um uso puramente significante, puramente toponímico, corresponde a uma posição da diferença dos sexos a partir daquilo que define – a presença/ausência do pênis (mas, desta vez, com a condição de relacionar esta alternativa com a alternativa estrutural onde, como é dito, ainda, no Seminário sobre ‘A carta roubada’) ‘a presença e a ausência pegam seu apelo uma da outra’”*¹⁸⁸.

É por causa do furo no significante ou do centro irradiante que se pode pensar em uma possibilidade de significação, pois o “(...) *significante não depende da significação, mas é a sua fonte*”.¹⁸⁹ É necessário buscar na obra de Lacan como, devido a autonomia do significante, ele pretende dar conta da questão da significação e, também, como é possível compreender o discurso humano, visto que ele, a princípio, é totalmente desprovido de significação.

Lacan quer com o algoritmo, que exclui toda a relação direta entre significante e significado que remeta a uma significação, colocar em evidência a função do significante. Isto é, o algoritmo não se apresenta como signo, ele é “*apenas pura função do significante, só pode revelar uma estrutura de significante nessa transferência*”¹⁹⁰. Ainda não é possível, a partir do que foi posto, pensar em como se dá uma significação dentro do que propõe Lacan com o algoritmo. Pois, até agora, Lacan apresentou o significante com uma estrutura separada radicalmente do significado; esta separação acontece por uma barra que não permite que uma significação aconteça, mas, ao não significar, apresenta uma

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 53. A carta roubada pág. 46.

¹⁸⁹ Seminário 3, pág. 282.

¹⁹⁰ A Instância da Letra in *Escritos* pág. 504.

localização, um lugar e uma precipitação de sentido como funções do significante e o significante, sendo descrito desta forma, permite a Lacan formular que o algoritmo não é outra coisa, por enquanto, a não ser função do significante. Mas, função de um significante que comporta em si um furo, uma falta e “(...) *desta forma, funda-se a lógica do significante, isto é, ao mesmo tempo sua autonomia e seu funcionamento paradoxalmente ‘centrado’ sobre um buraco, uma falta*”¹⁹¹.

Esse funcionamento do significante como algoritmo se dá pelo fato deste comportar uma estrutura que é articulada, tal como os fonemas são compreendidos pela fonologia: a saber, unidades em “*englobamentos crescentes e estão submetidos à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de os comporem segundo as leis de uma ordem fechada*”¹⁹². Esta primeira condição do significante é a mesma dos fonemas¹⁹³, e, portanto, por conta desta estrutura é que a letra é o elemento fundamental do significante: “(...) *ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante.*”¹⁹⁴. Esta primeira propriedade do significante pode ser descrita, então, da seguinte maneira: “*de um lado, sua materialidade e sua aptidão para ser localizado e, por outro lado, sua estrutura diferencial*”¹⁹⁵. Já a segunda propriedade do significante, *de se compor segundo as leis de uma ordem fechada*, está relacionada a uma *topologia*. São os lugares que o significante vem ocupar dentro de uma *cadeia*. É uma seqüência de significantes tal qual a gramática que determina a organização de uma frase, “*anéis cujo colar se fecha no anel de um outro colar feito de anéis*”¹⁹⁶, um significante que se apresenta logo após um outro e assim sucessivamente. Esta noção de cadeia significante aparece na obra de Lacan quando este faz uma análise do conto de *Poe* num seminário que levou o mesmo título da obra analisada

¹⁹¹ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 56-57.

¹⁹² A Instância da Letra in Escritos, pág. 504.

¹⁹³ Podendo pensar, segundo Arrivé, que, se os fonemas se agrupam para formar palavras, há uma outra ruptura de Lacan com a linguística quando este suprime a oposição entre palavra e fonema referindo ambos ao significante. (*Linguagem e psicanálise lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. Pág. 95.)

¹⁹⁴ A instância da Letra in Escritos, pág. 505.

¹⁹⁵ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 60

¹⁹⁶ A Instância da Letra in Escritos, pág. 505.

“A carta Roubada”¹⁹⁷. Essa análise buscou mostrar qual a determinação que o significante dá ao sujeito dentro da cadeia. “Essa própria noção [de cadeia significante] foi por nós destacada como correlata da ex-sistência (isto é do lugar excêntrico) em que convém situarmos o sujeito do inconsciente”¹⁹⁸. Faz-se necessário, a partir do que foi posto, encontrar no texto *A Carta Roubada* qual foi o ponto de convergência que permitiu a Lacan reordenar a questão do simbólico tanto na transformação para cadeia significante, quanto a noção de sujeito que passa a ter um estatuto diferente a partir de então. Pois, as noções propostas por Lacan de *insistência* e de *ex-sistência* como determinantes do sujeito, que a partir de agora é compreendido como *do* inconsciente e da experiência da psicanálise, que fundamenta a noção de cadeia significante, apareceram na obra lacaniana neste período anterior a apresentação da *Instância da Letra* e, portanto, influenciaram o afastamento da concepção lévi-straussiana do símbolo para uma nova apreensão do simbólico sustentado numa noção de cadeia significante.

Sendo assim, a análise que Lacan faz do texto de *Poe* é das duas cenas principais que são retomadas para apresentar a supremacia do significante, qual a determinação deste no destino do sujeito e, por fim, o que vem a ser cadeia significante. A primeira cena se passa nos aposentos da rainha que acabara de receber uma carta e quando está lendo a carta é interrompida com a entrada do rei e de seu ministro em seu quarto. O rei nada percebe, mas não passa despercebido ao ministro que a rainha tentou dissimular tal carta deixando-a sobre a mesa junto a outros documentos. O ministro retira do bolso um papel semelhante a carta da rainha e substitui um documento pelo outro, apoderando-se do segredo da rainha. Toda essa ação foi testemunhada pela rainha, que não pôde fazer nada, pois não devia chamar a atenção do rei. A cena é concluída com a rainha que sabe que o ministro pegou sua carta e este que sabe que a rainha sabe de sua ação. Enquanto que o rei nada sabe.

A segunda cena, Dupin, a pedido do comissário de polícia – que nada conseguiu, depois de meses de investigação, saber onde a carta poderia estar –, pede uma audiência ao ministro. Vai até lá e permanece de óculos escuro, enquanto conversam, e observa com o olhar atento a sala onde estavam. Descobre um pedaço de papel todo amassado deixado ao

¹⁹⁷ Esse seminário foi realizado em 26 de abril de 1955 e reescrito para publicação entre maio e agosto do mesmo ano. Esse texto é considerado um dos mais importantes da obra lacaniana e foi escolhido por Lacan para ser o texto de abertura do seu livro *Escritos*.

¹⁹⁸ *A Carta Roubada*, in *Escritos*, pág. 13.

acaso sobre a lareira. Percebe então que era a carta roubada. Dupin vai embora, mas esquece propositalmente sua tabaqueira para ter um motivo para voltar numa outra época. No dia seguinte, retorna à casa do ministro com a desculpa de buscar seu objeto esquecido. Devido a uma confusão que ocorre na rua e que chama a atenção do ministro até a janela, Dupin substitui a carta roubada por um outro papel em semelhante estado e vai embora. Nesta segunda cena, o ministro nada sabe da substituição da carta, enquanto que Dupin e a rainha sabem.

Na análise de Lacan, a carta é o mesmo que o significante e seu conteúdo o significado. Durante os episódios – do lugar que a carta/significante ocupa e dos personagens que nada sabem e dos que sabem da sua localização –, todos foram determinados pela carta/significante. Ou melhor, a carta mobilizou os sujeitos que nada sabiam do seu significado, ou conteúdo. Pois o conteúdo era sabido pela rainha e talvez pelo ministro que agiu apenas pelo fato de ter percebido que seu conteúdo era comprometedor. Este modo de ação é a forma que Lacan utilizou para descrever o inconsciente, a saber, ele está na cara e ao mesmo tempo sempre alhures; e a relação do significante com o inconsciente descrito neste sentido: os personagens agem de acordo com o lugar em que a carta ocupa dentro da trama; da mesma forma, as substituições significantes no inconsciente determinam o destino de um sujeito. Isto porque o significante está situado, por ser um existente, numa cadeia simbólica. Cadeia vem apontar um certo deslocamento sucessivo daquilo que determina o sujeito por ser este fundado pelo símbolo. Esse deslocamento, Lacan afirma, é determinado pelo lugar ocupado pelo significante que, por sua vez, ao estar dentro da cadeia discursiva de um sujeito, passa a ordenar a ação do homem. A cadeia significante constitui o sujeito através dos significantes que a constituem. Por ser o significante “*símbolo de uma ausência*”¹⁹⁹, isto é, aquilo que substitui uma coisa ou um objeto, este pode sempre mudar de lugar até mesmo por ser um equivalente plurívoco, sobredeterminado. É aqui que o significante se afirma, nesse deslocamento simbólico, como se inscreve no inconsciente – entendido não como um lugar ou uma

¹⁹⁹ Idem pág. 27

instância psíquica, mas como uma insistência²⁰⁰ –, e se expressa através da fala, determinando desta forma o destino do sujeito.

*“A supremacia do significante se traduz, portanto, eletivamente, por uma dominação do sujeito pelo significante, que o predetermina lá mesmo onde ele crê escapar a toda determinação de uma linguagem que ele pensa controlar”*²⁰¹.

Portanto, Lacan conclui em 57, no que diz respeito a estrutura do significante, que:

*“São essas as condições estruturais que determinam – como gramática – a ordem das invasões constitutivas do significante, até a unidade imediatamente superior na frase, e – como léxico – a ordem dos englobamentos constitutivos do significante, até a locução verbal”*²⁰².

Mesmo assim, pelo fato dessa estrutura da articulação significante ser descrita *“segundo os dois eixos saussurianos do sintagma e do sistema”*²⁰³, ainda não apresenta um meio para que a significação possa se dar. Em sua obra, Saussure afirma que as combinações fônicas *“têm como suporte a extensão, podem ser chamados sintagmas (...) num sintagma, o valor de um termo surge da oposição entre ele e o que precede ou que se*

²⁰⁰ A insistência da cadeia significante, onde convém situarmos o inconsciente, foi apontado por Lacan para contornar o que em Freud é compreendido como *Wiederholungszwang* (traduzido por Lacan como insistência repetitiva, mas traduzido para a língua francesa como *automatisme de répétition*). É quando liga a função da fala e da morte – *“não diria da morte como tal, porque isso não quer dizer nada, mas da morte na medida em que é contra ela que a vida resiste”* (Seminário 2, pág. 257) – que Lacan fundamenta sua noção do simbólico já não mais remetendo-se a influência antropológica, mas em uma ênfase que recai na idéia de uma insistência que passa a ser compreendida como uma cadeia significante. Esta insistência está na *“raiz da linguagem”* (idem) nesta linguagem em que o mundo está submetido e que constitui o inconsciente – até aqui Lacan ainda está na influência de Lévi-Strauss –, e por conta desta relação – da linguagem com a morte – que Lacan levanta a seguinte questão: *“qual é a relação dessa função (de insistência) com a noção à qual sua mediação, também ela insistente, conduz Freud, a saber, a função da morte?”* – aqui passa a figurar a reorganização que se pretende para o simbólico.

Ao tentar dar conta desta relação entre a linguagem com o automatismo de repetição Lacan coloca a ordem simbólica para *além do princípio do prazer* identificada ao instinto de morte, pois o eu se inscreve no imaginário e a libido também, logo o eu é libidinal. Essa idéia Lacan a retira do texto freudiano *Além do Princípio de prazer* onde seu autor afirma, segundo Lacan, que a ordem simbólica não se encontra neste lugar libidinal, ela é expulsa deste lugar do narcisismo, do lugar do eu, do imaginário. Tornando-se, desta maneira, o instinto de morte – este impulso constante num sujeito – *“a máscara da ordem simbólica”* (Seminário 2, pág. 407). Portanto, o que repete, ou como Lacan havia pontuado, a inércia simbólica característica do sujeito é a linguagem na sua insistência que, a partir de então, será tratada pelo seu determinante, o significante.

²⁰¹ DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: ed. Artes Médicas, 1989. Pág. 45.

²⁰² A Instância da Letra in *Escritos*, pág. 505.

²⁰³ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 60.

lhe segue, ou ambos”²⁰⁴ e, também, que “*A frase é o tipo por excelência do sintagma*”²⁰⁵. Mas, em Lacan, por mais que se apresente de uma forma semelhante, deve permanecer a condição de significante destituído de significação. Sabendo, agora, que a busca de uma significação é possível na medida em que se compreende que é na relação de um significante a outro significante e não a um significado. Dito de outra forma, o significante articula-se com outro significante numa cadeia discursiva, entretanto, não articulado a um sentido, mas antecipando-se a este. Lacan propõe que a articulação significante constitui uma cadeia onde o “*sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse mesmo momento*”²⁰⁶. Um discurso ou uma cadeia significante destaca não a significação que se possa engendrar na relação entre os signos, mas a antecipação do significante sobre o sentido. Isto é possível observar, como por exemplo, nas frases em que são interrompidas antes do seu término, antes do ponto final: “*Eu nunca..., A verdade é que..., Talvez, também...*”²⁰⁷. As frases para existirem e terem um nexos precisam estar acabadas, não obstante, estas frases interrompidas não deixam de fazer *sentido* por estarem supostamente inacabadas. Mas, é no momento em que o efeito nelas é um efeito significante, ou melhor, no momento em que o sentido que se produz se dá pelas combinações significantes. Estas frases interrompidas “*produzem um efeito significante justamente naquele ponto em que param de colocar signos e suspendem o sentido*”²⁰⁸.

É preciso buscar em Saussure a teoria *dos reinos flutuantes*²⁰⁹ para compreender o que Lacan pretende com essa explicação do sentido que surge das combinações significantes. Saussure expressa a oposição do significante e do significado, segundo Lacan, neste esquema das duas curvas que, na parte de cima, é caracterizado pelos pensamentos, ou a “*massa sentimental da corrente do discurso, massa confusa*”²¹⁰. Na parte de baixo, onde caberia identificar o significante – pois se trata aqui de modular o

²⁰⁴ SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Pág. 208.

²⁰⁵ Idem, pág. 209.

²⁰⁶ A Instância da Letra in Escritos, pág. 506.

²⁰⁷ Idem, pág. 505.

²⁰⁸ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 60.

²⁰⁹ Saussure descreve este esquema para dar conta de como a língua pode ser compreendida como um sistema de valores puro, a partir dos dois elementos que compõem seu funcionamento: as idéias e os sons (*Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Pág. 190).

²¹⁰ Idem.

esquema saussuriano de signo – encontra-se uma “*pura cadeia do discurso*”²¹¹. Há na lingüística de Saussure a idéia de que a língua se funda na correspondência entre as duas curvas, isto é, entre as duas massas amorfas e, portanto, neste sentido é que se compreende o signo como comportando os sons e os pensamentos:

*“Poderíamos chamar à língua o domínio das articulações (...): cada termo lingüístico é um pequeno membro, um articulus em que uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia. A língua é também comparável a uma folha de papel: o pensamento é uma das faces e o som a outra: não podemos cortar uma sem cortar a outra (...)”*²¹².

A língua é, portanto, um sistema onde os signos apresentam sua significação na reciprocidade dos pensamentos e dos sons e esses, por sua vez, nas suas relações a outros signos delimitando, assim, seu valor. Isto é, o valor de um termo se dá sempre por oposição a outro termo dentro da cadeia discursiva. A significação do signo lingüístico aponta a articulação do seu conteúdo, enquanto seu valor, a relação de oposição que mantém com os outros signos. “*Fazendo parte de um sistema, cada palavra está revestida não só de uma significação, mas também e, sobretudo, de um valor [...] o valor de qualquer termo é determinado pelos que dele se aproximam*”²¹³.

Este esquema é utilizado por Lacan para descrever o oposto do que ele está articulando em relação à cadeia significante e a possibilidade de significação que se possa engendrar a partir dela. Mas, como dito anteriormente, é ao desarticular este esquema – das duas curvas que flutuam juntas uma sobre a outra e que articuladas formam um discurso – que Lacan pode começar a falar do modo de significação a partir do “*deslizamento incessante do significado sob o significante*”²¹⁴. Segundo Lacoue Labarthe e Nancy²¹⁵, Lacan só pode falar em deslizamento do significado porque mantém a independência deste com o significante, indo na contramão do que propõe Saussure, que subordina sempre a coextensão da cadeia dos significados à cadeia significante na flutuação dos reinos.

²¹¹ Seminário 3, pág. 296.

²¹² SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978. Pág. 192.

²¹³ Idem, pág. 196.

²¹⁴ A Instância da Letra in *Escritos*, pág. 506.

²¹⁵ *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 62.

Não é do “duplo fluxo paralelo do significante e do significado, distintos e fadados a um deslizamento um sobre o outro”²¹⁶ que um sentido pode ser proposto para um discurso, mas pelo viés de um outro esquema que Lacan finalmente propõe. É do *ponto de basta* (*point de capiton*) que nosso autor passa a tratar para dar conta dessa *esquiva* constante do significado em relação ao significante no deslizamento de um e de outro termo dentro da cadeia discursiva.

É no ponto de basta que deve a análise de um discurso concreto se fundamentar, pois é no momento em que ocorre um rompimento deste deslizamento que o significado se amarra ao significante formando uma significação. “É o ponto de convergência que permite situar retroativamente e prospectivamente tudo o que se passa no discurso”²¹⁷. No momento em que a palavra é tomada, já não no seu sentido de signo como Lacan vem buscando exaustivamente descrever, mas dentro de uma cadeia que comporta vários significantes e significados que deslizam isoladamente; e, neste deslizamento constante do significado sob o significante, é necessário que haja uma interrupção, pelo viés de uma pontuação, causando, enfim, uma significação. Na pontuação, há uma interrupção do deslizamento do significado, que, ao se ancorar num significante, ambos se entrelaçam formando uma significação,

“(…) é preciso, para que se efetive uma significação num dado momento que, em geral, de lugar em lugar, o significante interrompa o deslizamento do significado como que por fenômeno de ancoragem que dá lugar à pontuação”²¹⁸,

e desta, ocorre um entrelaçamento do significante “(…) a massa sempre flutuante das significações (...)”²¹⁹. O ponto de basta permite a associação de um significante a um significado dentro da cadeia discursiva e Lacan afirma, com a representação de um grafo²²⁰, que uma significação só acontece quando o último elemento da frase estiver concluído determinando, desta forma, que é sempre *a posteriori* que o sentido acontece. Quando há a pontuação da frase, quando ela é interrompida por uma pontuação é que se pode pensar no

²¹⁶ Seminário 5, pág. 15

²¹⁷ Seminário 3, pág. 303.

²¹⁸ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 62-63.

²¹⁹ Idem.

²²⁰ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano in *Escritos*, pág. 819.

sentido para o primeiro, segundo, terceiro e assim por diante, termo da frase. É sempre na conclusão da frase que se pode acomodar um sentido retroativamente para a primeira palavra da frase.

“Desse ponto de basta, encontrem a função diacrônica na frase, na medida em que ela só fecha sua significação com seu último termo, sendo cada termo antecipado na construção dos outros e, inversamente, selando-lhes o sentido por seu efeito retroativo”²²¹.

Com a pontuação no discurso de um sujeito além de permitir que um sentido surja para a cadeia significante, pois há um momento em que significante e significado se entrelaçam, ocorre também o surgimento do que vem a ser a questão do sujeito. Se retomarmos o que foi posto no capítulo anterior a respeito da suspensão da sessão analítica – que uma sessão não deve ser comandada pelo tempo cronológico e sim pelo tempo lógico de um sujeito – veremos que o ponto de basta corresponde exatamente ao que Lacan já estava esboçando tempos atrás, isto é, a interrupção da sessão para que surgisse o desejo inconsciente.

“(...) é uma pontuação oportuna que dá sentido ao discurso do sujeito. É por isso que a suspensão da sessão(...) desempenha aí o papel de uma escansão que tem todo valor de uma intervenção, precipitando os momentos conclusivos”²²²

Trata-se com isto de conferir às experiências do sujeito relatadas ao analista um sentido pela pontuação neste discurso através da escansão da análise. Ou melhor, a sessão analítica tem por determinação a suspensão de uma sessão num momento importante do discurso do sujeito, por parte do analista, para poder surgir uma significação, ou uma ressignificação das vivências passadas que estão no discurso do sujeito. Portanto, os eventos da vida de um sujeito que ficaram incompreensíveis, ou que passam a interferir no desenvolvimento de sua vida formando sintomas, serão retomados dentro da clínica unicamente a partir do relato desses eventos, ou no discurso, na presença do analista que pontua esse discurso para que o sentido desses eventos possa se dar por retroação. É a pontuação do discurso imaginário que permite esse acesso a verdade inconsciente que

²²¹ Idem, pág. 820.

²²² Discurso de Roma in Escritos, pág. 253.

Lacan falava em 53. Quando dá pontuação para que os termos da cadeia produzam um sentido, cada vez que determinado assunto surja, num momento diferente no discurso de um sujeito, poderá tomar várias outras formas de significação permitindo mais uma vez atribuir a essa forma de pensamento tanto a autonomia do significante como a temporalidade da cadeia significante e a questão do sujeito.

Lacan propõe que não é a *linearidade* que constitui a cadeia discursiva “*em conformidade com sua emissão por uma só voz e na horizontal em que ela se inscreve em nossa escrita*”²²³. É contra essa “*articulação sintagmática, a horizontalidade sintática da cadeia*”²²⁴ que a análise de um discurso deve se deter a favor de uma “*profundidade paradigmática ou sistemática, o jogo das correlações semânticas ou léxicas*”²²⁵.

Veremos como foi que Lacan buscou fundamentar a análise da cadeia discursiva que não comporta, como em Saussure a horizontalidade sintática, mas, é pelo deslizamento metonímico que produz um efeito metafórico que a cadeia toma seu sentido no discurso e por onde a verdade inconsciente do desejo se apresenta. Desta forma, podemos concluir como Lacan passou a formalizar a noção de inconsciente e de sujeito pelo viés do discurso.

²²³ A Instância da Letra in Escritos pág. 506.

²²⁴ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 64.

²²⁵ Idem, pág. 64-65.

3. METÁFORA E METONÍMIA

É ao pontuar o discurso de um sujeito, a fim de que um sentido surja daí, isto é, daquilo que ele está trazendo para a análise como sendo sua história, que Lacan formaliza uma teoria do inconsciente a partir da linguagem, pelo viés do significante. É preciso tirar toda determinação de profundidade psíquica para a questão do sujeito e apontar as leis deste inconsciente – *linguajeiro*: a metáfora e a metonímia vão ocupar o lugar daquilo que em Freud é deslocamento e condensação das representações psíquicas. Assim, torna-se possível empreender uma leitura lingüística da obra de Freud, reordenar todo um campo teórico e acomodar os conceitos da psicanálise na esteira da linguagem. A determinação metonímica e metafórica no discurso de um sujeito vem tratar desta tentativa de formular uma lógica para o significante e a condição de sentido para a cadeia significante. Após ter desarticulado o significado do significante, o sujeito é apresentado como produto do significante e o significante como única forma de expressão por parte de um sujeito. Com isso, pode-se compreender que os elementos da estrutura que Lacan constitui para a compreensão da subjetividade são os significantes. Pois, ao serem articulados entre si, pela metonímia e pela metáfora, os significantes colocam o sistema em movimento constante produzindo o funcionamento estrutural do inconsciente. Portanto, metáfora e metonímia tomaram o lugar do que em Freud era conhecido como condensação e deslocamento para que o inconsciente pudesse se exprimir na consciência, permitindo que haja um funcionamento deste sistema.

Condensação e deslocamento são os dois modos de operação que as representações inconscientes encontram para sair do estado de latência para o estado manifesto. Isto é, sair do inconsciente e tornar-se consciente. Nos sonhos, nos sintomas, nos chistes, enfim, nas formações inconscientes descritas por Freud, o conteúdo latente precisa ser transformado para poder ultrapassar a censura e tornar-se conteúdo manifesto, ou consciente. Essa transformação acontece pelo deslocamento, que é a substituição de uma representação por outra, enquanto a condensação comporta-se de modo a aglomerar representação formando uma outra representação.

A “*Ciência dos sonhos*”²²⁶ é para Lacan o mesmo que a letra do discurso, ou o significante, e este texto freudiano do começo do século passado é a *via de apresentação para o inconsciente*. Também essa obra vienense, assim como a letra, designada como significante, deve ser tomada ao pé da letra, como sugere Lacan. Isto porque nosso autor afirma que as imagens no sonho são significantes pelo fato do sonho ser um rébus. Esta hipótese lacaniana já havia sido proposta no *Discurso de Roma* quando Lacan fomenta sua teoria da constituição do homem através do símbolo e da estrutura da linguagem:

“(...) o sonho tem a estrutura de uma frase, ou melhor, atendo-nos à sua letra, de um rébus, isto é, de uma escrita da qual o sonho da criança representaria a ideografia primordial, e que reproduz no adulto o emprego fonético e simbólico, simultaneamente, dos elementos significantes que tanto encontramos nos hieróglifos do antigo Egito quando nos caracteres cujo uso a China conserva.”²²⁷

Mas o sonho descrito como ideograma não deve comportar nada além de seu valor significante, sem buscar a sua interpretação fundamentada numa significância. Lacan repete com o sonho o mesmo que formulou com o discurso “*o papel constituinte do significante no status que Freud fixou de imediato para o inconsciente*”²²⁸. Esse inconsciente que em Freud se apresenta não apenas nos sonhos e na neurose, mas em todas as ações do homem e que em Lacan está localizado na linguagem. Ou melhor, em Lacan esse inconsciente é forjado tal qual o algoritmo que se apresenta como pura função do significante. Sendo assim, se em Freud o inconsciente, para burlar a censura e poder se manifestar precisa do deslocamento e a condensação, em Lacan, como o inconsciente é produto da linguagem, este mostra seus efeitos através da metáfora e da metonímia.

A metonímia é caracterizada por tomar a parte pelo todo²²⁹, isto é, “*a substituição de um nome por outro em virtude de uma relação extrínseca, qual é a que existe entre duas partes de um mesmo todo, ou duas modalidades de uma mesma coisa*”²³⁰. A metonímia dá

²²⁶ A Instância da Letra in Escritos, pág. 513.

²²⁷ Pág. 268.

²²⁸ A Instância da Letra in Escritos, pág. 516.

²²⁹ Como por exemplo, o nome do autor pela obra: ler Machado de Assis; do continente pelo conteúdo: tomar um cálice de vinho. Exemplos tirados de GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: ed Fundação Getúlio Vargas, 1998. Pág. 94.

²³⁰ MAGNE, Augusto *apud* GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: ed Fundação Getúlio Vargas, 1998. Pág. 93.

a possibilidade de empregar uma coisa com o nome de outra, ou mesmo, uma palavra por outra e mesmo assim permitir que haja sentido compartilhado. O exemplo a que Lacan se apropria é o de “*trinta velas*”²³¹ e acrescenta logo de saída que trinta velas não deve ser tomado como real, mas na ligação de palavra a palavra em que velas deve ser compreendida como navio pelo significante: “*Onde se vê que a ligação do navio com a vela não está em outro lugar senão no significante, e que é no de palavra em palavra dessa conexão que se apóia a metonímia*”²³². O sentido na metonímia não tem relação com a realidade, mas é no deslocamento radical de uma palavra a outra que o sentido se mantém. A metonímia faz surgir por contiguidade um significante no lugar de outro significante suplantado. Ela é a “*(...) forma retórica que se opõe a metáfora*”²³³; logo, supõe a contigüidade (ligação entre a parte e o todo, por exemplo) em oposição a similaridade (substituição do significante) no uso significativo da linguagem no qual se qualifica a metáfora.

Essa outra vertente, a da metáfora, se constrói na substituição de um significante por outro, ao passo que o significante substituído continua na relação com a cadeia significante²³⁴. A metáfora designa uma coisa por meio de outra.

*“Ela brota entre dois significantes dos quais um substitui o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia”*²³⁵.

A figura de significação, um tropo de palavra, designa um objeto por alguma característica própria e direta, afirma Garcia²³⁶.

Enquanto a metonímia produz pouco sentido, como afirma Lacan em 58²³⁷, na medida em que nela não há nenhuma significação que remeta a outra significação e, portanto, o que se reproduz é o mais comum entre as significações; na metáfora, o sentido

²³¹ A Instância da Letra in Escritos, pág. 509.

²³² Idem.

²³³ Seminário 3, pág. 251.

²³⁴ Um exemplo de metáfora retirada da obra de Garcia (*Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: ed Fundação Getúlio Vargas, 1998. Pág. 88) é “*A neblina, roçando o chão, cicia em prece*” (Olavo Bilac, “*Vila Rica*”, *A tarde*).

²³⁵ A Instância da Letra in Escritos, pág. 510.

²³⁶ *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: ed Fundação Getúlio Vargas, 1998. Pág. 85.

²³⁷ A Direção do Tratamento e os Princípios de seu Poder in Escritos.

se produz no “*não-senso*”²³⁸, o que vem apenas confirmar o que Lacan está buscando promulgar: que a significação é articulada fora do significado e se engendra apenas no puro significante. Na metáfora, a significação “*arranca o significante de suas conexões lexicais*”²³⁹.

A relação desses dois campos da linguagem em que o sentido se constitui fornece a supremacia do significante e a possibilidade de se ouvir a expressão inconsciente, pois, para Lacoue Labarthe e Nancy²⁴⁰, a metonímia fornece os rodeios e desvios para a metáfora acontecer, ou como Lacan indica, que o “*uma palavra por outra*” dá a possibilidade da “*palavra a palavra*” acontecer. Sendo assim, é possível subverter o que para Freud era condensação e deslocamento, respectivamente, para metáfora e metonímia; e estas duas noções desempenham na obra lacaniana as condições fundamentais do processo inconsciente que permitiu a Lacan defini-lo *estruturado como uma linguagem* e o significante como sua unidade. Portanto, a fórmula simbólica que Lacan descreve para representar como o processo metonímico se comporta na cadeia discursiva é:

$$f(S...S') S = S (-) s^{241}$$

O sinal (-) vem apontar o que falávamos acima a respeito do pouco sentido da cadeia metonímica, a saber: a barra não é transposta pelo significante, pois na metonímia a barra se mantém para firmar que o sentido se apresenta na conexão entre S e S'. Isto é, na ligação entre um significante que se apresenta de imediato com um significante antigo com o qual mantém uma relação de contigüidade. Por exemplo: trinta velas. Velas, o significante atual, está no lugar de barco – a parte pelo todo –, o significante suplantado. É a horizontalidade do discurso. Portanto, é neste deslizamento metonímico que o desejo se firma. Pois, se o desejo não é um desejo que aspira um objeto, Lacan afirma que, portanto, o desejo no homem é sempre “*desejo de outra coisa*”²⁴². Isso que dizer que se o desejo visa o reconhecimento em ser desejante – e não de objeto – sua força é indestrutível, sua

²³⁸ A Instância da Letra in Escritos, pág. 512.

²³⁹ Seminário 3, pág. 249.

²⁴⁰ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 85.

²⁴¹ A Instância da Letra in Escritos, pág. 519.

²⁴² A Instância da Letra in Escritos, pág. 522.

saciação é impossível, pois não há o que lhe supra a suposta força desejante. Portanto, o deslizamento metonímico dá a característica do desejo. O deslizamento do significante a significante permite a continuidade da cadeia que sustenta a permanência do desejo não satisfeito.

A fórmula da metáfora é:

$$f \frac{S'}{S} S = S (+) s^{243}$$

um significante que está no lugar de outro significante produzindo uma significação. Enquanto na metonímia ocorre a manutenção da barra, na metáfora ocorre a transposição da barra e a emergência de uma significação. Essa transposição da barra – união de uma significante com um significado – é o que Lacan chamou provisoriamente *o lugar do sujeito*. Se tomarmos o exemplo *ela é um “doce”*, não é um significado para mulher, mas um significante que se articula ao significante mulher para tentar descrever como é a mulher. Houve uma substituição de um significante por outro que determina ternura, simpatia, gentileza, etc., – (S'/S) – e houve a emergência de uma significação – (+). Pois, sabe-se que a tal mulher não é doce porque está açucarada. Desta forma, Lacan localiza na metáfora o sintoma como expressão de uma verdade subjetiva: “*o sintoma, aqui, é o significante de um significado recalcado da consciência*”²⁴⁴ ou, também, “*Entre o significante enigmático(...) e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma*”²⁴⁵. Por isso, como foi posto na segunda parte do presente trabalho, o paciente em análise fala sempre mais do que crê falar.

Dentro deste quadro em que Lacan apoiou sua releitura da obra de Freud – de reordenar os conceitos de acordo com teorias que na época de Freud não havia e, portanto, não fizeram parte de sua composição teórica –, esses dois conceitos, deslocamento e condensação, Lacan ordenou-os para apresentar o que em Freud seria a *Entstellung* (deformação) das representações inconscientes para burlar a censura. Portanto, em Lacan é pela metonímia e pela metáfora que é possível o sentido de um discurso neste deslocamento

²⁴³ Idem.

²⁴⁴ Discurso de Roma in Escritos, pág. 282.

²⁴⁵ A Instância da Letra in Escritos, pág. 522.

significante que segue a cadeia discursiva, ou a transposição da barra do algoritmo que conduz a uma significação e funda uma lógica para o significante.

Contudo, o que Lacan busca, em 57, é, também, um levantamento da obra de Freud para apontar os erros do atual debate sobre a psicanálise e, mais importante, construir uma teoria que permita forjar esses conceitos freudianos numa perspectiva que introduz um inconsciente reformulado, o surgimento da noção de sujeito – que em Freud não existia – e o significante como o enigma da causa e da expressão desse sujeito a partir da substituição e combinação significante, pela metáfora e pela metonímia. É preciso, portanto, neste momento, desenvolver melhor essa idéia da teoria do sujeito lacaniano a partir do significante. É disso que nos ocuparemos no próximo capítulo.

4. O SUJEITO

O significante, além de determinar o sujeito, está localizado neste, e qualquer efeito de significação a partir da relação de significante a significante se dá na busca da verdade em que o sujeito se propõe ao utilizar-se da língua. Assim, ao situar a significação, segundo Lacoue Labarthe e Nancy, sem o sujeito e fora dele²⁴⁶, mas na linguagem, Lacan está rompendo com a idéia atribuída a Freud da profundidade da instância psíquica em que se localiza o inconsciente e a verdade sobre o homem enquanto esse ser que se constitui pelas representações fixadas no decorrer de seu desenvolvimento histórico. Nos anos da implantação do imaginário, Lacan formulou sua teoria, não fundamentada numa concepção de inconsciente, mas voltada para os sistemas de imagens que permitem ao sujeito uma identificação imaginária e a constituição do eu, como já dito anteriormente. Esse movimento inicial de sua obra visava menos uma formalização do inconsciente e mais uma reflexão sobre o sistema consciente, isto porque o inconsciente não poderia ser pensado como um lugar psíquico ou representacional, tal qual descrito pela obra de Freud. O mesmo se dá com a idéia de um lugar pulsional, pois para Lacan não havia a diferenciação deste para os instintos, o que causava uma ruptura total entre os dois pensadores da psicanálise. Já em 57, logo no início de sua apresentação, Lacan comunica que

“(...) para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente. Pondo desde logo o espírito prevenido em alerta, porquanto é possível que ele tenha que reavaliar a idéia segundo a qual o inconsciente é apenas a sede dos instintos”²⁴⁷.

Quando da implantação do simbólico na teoria lacaniana, o sujeito era tido como sujeito inconsciente e este era composto pelos símbolos que estruturavam a vida de um sujeito. Na junção do imaginário e do simbólico na constituição do ser que se torna um ser que fala e que, quando fala, numa relação intersubjetiva – como, por exemplo, a análise –, o que aparece é sempre o inconsciente como a expressão de uma palavra simbólica que diz

²⁴⁶ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 73.

²⁴⁷ A Instância da Letra in Escritos, pág. 498.

sempre mais do que o eu do homem acredita dizer. Assim, o inconsciente surge como *je*, isto é, como sujeito do discurso que revela que seu núcleo é o desejo. “*Qual será essa parte, no sujeito, que fala? A análise diz – é o inconsciente (...) esse inconsciente é algo que fala no sujeito(...)*”²⁴⁸. Na aula de 15 de dezembro de 1954 Lacan questiona: “*o que é o sujeito?*”²⁴⁹; e logo em seguida responde:

*“O sujeito é ninguém. Ele é decomposto, despedaçado. E ele se bloqueia, é aspirado pela imagem, ao mesmo tempo enganadora e realizada do outro, ou, igualmente, por sua própria imagem especular”*²⁵⁰.

Ao afirmar que o sujeito é ninguém, o propósito de Lacan é romper com a idéia de uma substância para o sujeito. Sendo o eu uma ilusão que se constitui por uma identificação, o sujeito, que não é o eu, localiza-se no inconsciente que é constituído pela estrutura e suporte da linguagem simbólica. O sujeito está “*(...) no inconsciente, excluído do sistema do eu, o sujeito fala*”²⁵¹. Por isso ao traduzir de forma diferenciada dos teóricos da sua época a frase trabalhada por Freud em sua conferência XXXI que trata da questão do eu e do inconsciente, que Lacan encontra o sujeito: “*Wo Es war, soll Ich werden*”²⁵². O que Lacan propõe não é a substituição do *id* pelo eu, mas de pontuar uma clivagem, portanto, distinguir o sujeito do inconsciente do eu: *Là ou fut ça, il me faut advenir*²⁵³. É uma tentativa de romper com a idéia de um eu absoluto que Lacan faz surgir um sujeito que se mostra na fala e, que esse eu busca constantemente suplantar. É da passagem do imaginário para o simbólico que se pode começar a pensar em sujeito na obra de Lacan. Portanto, se a estrutura da cadeia significante aponta “*(...) a possibilidade que eu tenho (...) de me servir dela [da língua] para expressar algo completamente diferente do que ela diz*”²⁵⁴, ao invés de pensar a cadeia discursiva como uma forma de acomodar um pensamento a um som e este a uma coisa, Lacan mostra que o sujeito utiliza-se da língua, pelas relações significantes e pode expressar outra coisa que não o mesmo descrito pelo signo.

²⁴⁸ Seminário 3 pág 52.

²⁴⁹ Seminário 2, pág. 74.

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ Seminário 2, pág. 80.

²⁵² A Instância da Letra in Escritos, pág. 528

²⁵³ idem. Lá onde isso foi, ali devo advir

²⁵⁴ Idem, pág. 508.

“(...) a constelação significante opera mediante o que podemos chamar de um sistema de transformações, isto é, um movimento giratório que, se examinarmos mais de perto, cobre a cada instante o significado de uma maneira diferente e, ao mesmo tempo, parece exercer sobre este uma ação profundamente remanejadora”²⁵⁵.

Este modo de compreender a expressão de um sujeito visa *“(...) indicar o lugar desse sujeito na busca da verdade”²⁵⁶*. A verdade já foi tratada por Lacan no *Discurso de Roma*, ela é a fala do sujeito, portanto, ela *“depende só(...) da palavra e de nenhuma outra coisa que se trataria de designar”²⁵⁷*. E se, para Lacan, o sujeito que no ato da fala expressa sua verdade, isto destaca não uma interioridade disposta a aparecer quando das pontuações analíticas, mas um sujeito, *“um ser vivo que fala (...) é que a estrutura escraviza o sujeito, fragmentando-o em efeitos de significante”²⁵⁸*. Pois, o sujeito, se é efeito do significante, ele é *“o que o significante representa, e este não pode representar nada senão [o sujeito] para um outro significante”²⁵⁹*. Sendo assim, o sujeito constitui-se a partir do significante e, ao falar, só pode exprimir, dentro da uma cadeia significante, sua própria estrutura significante.

“O sujeito lacaniano é, pois, instituído no e pelo significante. Assim é que se repete e se teoriza a pré-inscrição do sujeito por seu nome ‘próprio’, tal qual a evocava a primeira página do texto [A Instância da Letra]. A teoria da letra como que se afivela bem com uma teoria do sujeito. A entrada no sujeito não pode ser, desde então, senão uma entrada no significante – enquanto que o sujeito do significado desliza para fora de si e que sua teoria

²⁵⁵ Seminário 4, pág. 310.

²⁵⁶ Idem.

²⁵⁷ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 76.

²⁵⁸ MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1988. Pág. 24.

²⁵⁹ A posição do inconsciente in *Escritos*, 1960. Pág. 849.

afivela-se, por sua vez, com a da letra. Desta forma, mais uma vez se é reconduzido ao significante”²⁶⁰ .

Pode-se presumir do que Lacan aponta como uma nova concepção de inconsciente - “*como uma cadeia de significantes que em algum lugar se repete e insiste*”²⁶¹ – que as combinações significantes produzem um sujeito; um sujeito que deve ser pensado como *do* inconsciente, pois é na tentativa de redefinir o inconsciente freudiano pela visada estruturalista que este ganhou seu estatuto de simbólico *a priori* para encontrar-se com uma conotação significativa que, em sua estrutura e operação combinatória, funda um sujeito, um sujeito ex-cêntrico. Assim, é possível perceber uma mutação da importância do símbolo para o significante determinante do sujeito, um sujeito não mais inconsciente, mas que ao se exprimir firma sua ex-centricidade na insistência do inconsciente. Assim, se o inconsciente insiste movido pela cadeia metonímica para produzir um efeito metafórico pode-se concluir que o sujeito é resultado deste efeito.

Lacan reordena sua explicação acerca da questão do sujeito, ao colocar um novo acento na forma de se compreender o sujeito com a fala. “*Há dois outros que se devem distinguir (...) um outro com A maiúsculo e um outro com a minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala*”²⁶² . O eu do sujeito se constitui na relação ao outro, o seu semelhante, e nesta esteira é formado seu desejo. Esta dimensão da alteridade é contraposta a uma outra dimensão na qual Lacan, a princípio, situou a posição do analista em relação ao discurso do analisando. O Outro se encontra, nesta relação, para além do “*muro da linguagem*”²⁶³. A linguagem comum utilizada por dois sujeitos que falam é sempre uma linguagem que objetiva o mundo dos seres. Tanto o eu quanto o outro são tomados também como objetos por serem denominados, isto é, utilizando-se da linguagem o eu dirige-se ao outro quando fala e, ao mesmo tempo, nesta relação imaginária, há identificação de um com o outro e o mundo tomado como objeto, a partir da forma do eu. Mas, em uma análise deve acontecer, por parte do analista, uma relação para além desta caracterizada pelo narcisismo. A fala plena deve ser endereçada para os

²⁶⁰ NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991. Pág. 79.

²⁶¹ Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano in *Escritos*, pág. 813.

²⁶² Seminário 2, pág. 297.

²⁶³ Idem, pág. 307.

“(...) verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos (...) estão do outro lado do muro da linguagem, lá onde, em princípio jamais os alcanço. São eles que fundamentalmente, visto cada vez que pronuncio uma fala verdadeira, mas sempre alcanço a’, a’” (os outros semelhantes), por reflexão”²⁶⁴.

A intersubjetividade, que Lacan apontava em 53, ganha um novo estatuto a partir do Outro. Se o Outro é tomado como o lugar da fala, a mensagem que o sujeito recebe como sua própria mensagem de forma invertida quando afirma, por exemplo, *“Tu és minha mulher”*, implica que ao mesmo tempo afirma *“Sou teu homem”*, o Outro pode ser compreendido como esse lugar: o lugar da ordem simbólica.

“Qual é, pois, esse outro a quem sou mais apegado do que a mim, já que, no seio mais consentido de minha identidade comigo mesmo, é ele que me agita?”²⁶⁵

O sujeito está aprisionado à ordem simbólica por intermédio de suas relações imaginárias e ao utilizar-se da fala esta é sempre dirigida ao Outro, mas alcança o outro. *“Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem é feita para remetermos de volta ao outro objetivado”²⁶⁶*. Não obstante, a análise é conduzida pelo analista que se faz de *“morto cadaverizando sua posição”²⁶⁷* e não participando com seu eu. Então, se o paciente se dirige ao analista com seu eu tomando-o como outro eu, objeto de identificação, o analista deve dirigir-se para além deste semelhante que é o tudo *“em si (...) um Outro absoluto”²⁶⁸*.

“(...) uma visão mais dialética da experiência, diremos que a análise consiste precisamente em distinguir a pessoa deitada no divã analítico daquela que fala. O que, somado à que escuta, já dá três pessoas presentes (...) convém dizer que a situação não é a três, mas a quatro, com o papel de morto (...).²⁶⁹

²⁶⁴ Idem, pág. 308.

²⁶⁵ A Instância da Letra in Escritos, pág. 528.

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ A Coisa Freudiana ou o Sentido do Retorno a Freud em Psicanálise in Escritos, pág 431.

²⁶⁸ Seminário 3, pág. 287.

²⁶⁹ Outros Escritos pág. 151.

Assim, quando a ordem simbólica passa a ser pensada como o lugar do Outro, Lacan reformula sua máxima ao dizer que “*O inconsciente é o discurso do Outro*”²⁷⁰; e esse Outro é o que garante que a verdade sobre o inconsciente venha à tona pelo viés da transferência que coloca o analista na posição de fazer surgir essa fala do analisando, mas uma fala endereçada para este lugar que está além da relação imaginária. Mais tarde, Lacan irá compreender o Outro como o campo dos significantes, isto é, o campo da linguagem, portanto constituinte do sujeito e para onde a fala é endereçada. Sendo assim, se o Outro se distingue do eu, ou o outro enquanto semelhante, se ele é compreendido como um lugar fora do sujeito, como o lugar simbólico e para onde a fala é dirigida, um lugar ao qual o sujeito está mais apegado que a si mesmo, é possível afirmar que o sujeito é a própria expressão desse lugar, o lugar da ordem simbólica do campo dos significantes que constituem o inconsciente.

Contudo, podemos concluir com o que Lacan diz a respeito do sujeito ao subverter o cogito cartesiano: de “*cogito ergo sum*” para “*penso onde não sou, logo sou onde não penso*”²⁷¹.

²⁷⁰ A Psicanálise e seu Ensino in Escritos, pág. 440.

²⁷¹ A Instância da Letra in Escritos, pág. 521.

5. CONCLUSÃO

Se a verdade se apresenta “*nas entrelinhas*” quando o sujeito fala – uma verdade que precisa ser assumida por aquele que a profere –, quando, a partir da cadeia significante, o sujeito é apresentado para outro significante, podemos pensar no sujeito como o que aparece quando a fala expressa esse significante. Desde então, já não se deve mais buscar a questão do homem no seu submundo psíquico, mas como o próprio discurso significante como Lacan vem pontuando insistentemente. E é nesta relação do sujeito com a fala que Lacan fundamenta sua psicanálise. Apropriando-se do significante como veículo desta fala, o campo da obra lacaniana se enraíza como uma teoria da linguagem; uma teoria que visa, a partir de uma prática clínica, desfazer sintomas, desvelar verdades e fazer surgir uma subjetividade que se compõe pelo mesmo modo como se expressa, pelo significante.

No deslizamento de uma cadeia de significantes articulados nos dois eixos da linguagem, paradigmático e sintagmático, a metáfora e a metonímia permitem que sejam encontrados sentidos para uma fala; e, desta fala surge tanto um sujeito quanto o desejo que compõe a estrutura do inconsciente. Formulando assim a teoria, Lacan constrói uma psicanálise que, por mais que se diga herdeira da obra vienense, está sustentada numa visão lingüística e filosófica; não obstante, estas apropriações por parte de Lacan, ao mesmo tempo em que acontecem, são remodeladas, submetidas a reformulações, para poder compor os termos necessários do seu projeto: uma teoria da subjetividade humana.

Do simbólico ao significante, a teoria lacaniana, até o momento em que lidamos com ela, apresenta um campo estruturado por elementos da vida de um sujeito que o constituíram enquanto sujeito desejante e que revela sua relação intrínseca com a linguagem, que é a possibilidade para o inconsciente. Essa ordenação teórica, Lacan a fez falar a partir de Freud, independentemente de Freud.

CONCLUSÃO GERAL

Depois de tudo que foi posto sobre a gênese da psicanálise lacaniana pode-se presumir que, se Lacan a princípio buscava formalizar uma ciência concreta da subjetividade, o segundo momento, quando fundamenta uma psicanálise, não é tão diferente quanto se imagina. Pois, o projeto de dar contornos a subjetividade a partir de uma cientificidade não é abandonado.

Lacan retirou a noção da gênese do imaginário da psicologia e dele produziu um sujeito que se diz eu pela identificação ao outro e, implicando nesta relação dual, o desejo. Lacan fundamentou-se nas idéias de Politzer para contornar algumas questões da psicanálise freudiana, para que uma nova compreensão a respeito da subjetividade ganhasse campo no patamar de ciência concreta. Neste período, a posição lacaniana é bem precisa: reordenar as noções metapsicológicas, construir uma teoria psicológica que desvie de uma compreensão organogenética do que é o mental e atribuir um caráter a realidade humana a partir da realidade social. E, por isso, Lacan ampliou esse plano ao fundamentar seu projeto, também, pelo viés de uma antropogênese que permitisse pensar o meio social como o lugar da possibilidade para a subjetividade. Lacan precisou, além de contornar as idéias substancialistas da metapsicologia, determinar uma psicologia que escapasse ao caráter naturalista do homem especificando que o homem é resultado das suas relações sociais, isto é, relativizar a realidade humana.

Para tanto, desde o momento em que precisou buscar uma explicação para a gênese do eu Lacan não pôde mais escapar de uma tese segura a respeito do sujeito, que a princípio era baseada na psicologia e, depois, na psicanálise. O cientificismo que busca nosso autor é o de tomar a subjetividade a partir de uma teoria objetiva que inicia com a psicanálise como o modelo para a ciência psicológica concreta escapando do realismo científico que marcava a psiquiatria. Assim, nasce o imaginário e a gênese do eu e, dentro deste contexto, a *imago* como o objeto para a ciência em gestação. É a substituição dos conceitos metapsicológicos como uma estratégia para compor seu projeto e, portanto, os determinantes sociais se enquadram perfeitamente nos parâmetros relativistas que Lacan busca para a sua psicologia. Ao mesmo tempo em que nasce uma teoria sobre a gênese do eu, impasses começam a ganhar corpo dentro deste contexto. A começar pelo fato de que ao constituir-se um eu, nasce, também, um sujeito considerado apenas pelo viés do imaginário, absoluto.

Desta forma, a entrada do estruturalismo no projeto lacaniano permitiu contornar alguns desses impasses como, também, aderir às intenções do projeto de Lacan. Enquanto sob a influência de Kojève Lacan formulou que o desejo é o desejo do outro, sob a influência de Lévi-Strauss e o símbolo Lacan substancializou a realidade humana tanto em seu estatuto universal quanto individual. Se antes a *imago* era responsável pela subjetividade, da psicologia à psicanálise ocorre a passagem do imaginário para o simbólico sem a perda da compreensão da gênese do eu, pois a *imago* não deixa de ser a noção fundamental do imaginário e o inconsciente, com a entrada do simbólico, ganha um contorno fundante da subjetividade ao ser identificado com a ordem simbólica.

Neste primeiro momento da obra de Lacan, foi preciso relativizar a realidade psíquica e, com os parâmetros científicos do estruturalismo Lacan pôde, através de novos termos, prosseguir em seu projeto de construir a ciência da subjetividade. Assim é a passagem da crítica das noções metapsicológicas para a redefinição dos conceitos que compõe o novo quadro da obra de Lacan: um sujeito histórico que dá às suas experiências significações pessoais. Foi preciso mudar o ramo de saber que possibilitava a Lacan formular sua teoria, mas para continuar com o mesmo projeto: a ciência da subjetividade. Entretanto, não é mais o meio social que permite a constituição de um sujeito: a passagem da psicologia para a psicanálise, do imaginário para o simbólico, é também a passagem do meio social para a linguagem, ou como mais tarde será chamado, o significante.

Com a apreensão da linguagem como a possibilidade para o inconsciente e para a noção de significante, há uma retomada da psicanálise freudiana, que dá a Lacan os meios de construir um discurso científico sobre o homem. É a ciência do significante²⁷² que Lacan vem propor em 57. É uma tentativa de cientificidade que o significante aponta a Lacan, ou melhor, é a tomada de empréstimo que nosso autor faz do rigor científico proposto pela lingüística que ele procura para sua psicanálise ao se apropriar do algoritmo atribuído a Saussure. Distanciando-se da psicologia, Lacan busca atrelar-se à cientificidade que a lingüística estrutural propõe para as ciências humanas. O algoritmo empresta a Lacan um meio de apresentar a sua nova ciência do homem. A ciência da letra se expressa em uma lógica de combinações promovida pelo significante metafórico arrastado pela cadeia metonímica que, ao produzir uma significação, faz surgir um sujeito para este discurso –

²⁷² Como citado por Lacoue Labarthe e Nancy na primeira parte de sua obra.

noção esta que esteve presente em todo o projeto lacaniano. Vale lembrar que na obra de Lacan não há uma diferenciação muito clara daquilo que ele promoveu como cadeia significante, significante e significação. Estes termos devem ser tomados unicamente como significante, pois o discurso é sempre um discurso significante de modo geral.

Se o projeto lacaniano de formalizar uma ciência foi alcançado ou não, se apresentou paradoxos que não foram trabalhados e apenas descartados, não é a intenção do nosso trabalho pontuar, ou sequer tentar mostrar quais foram esses reveses da teoria, mas assinalar através do desenvolvimento histórico e conceitual do presente trabalho que, antes de proclamar a sua psicanálise como uma ética do *Bem-dizer*, estava no projeto de Lacan transformá-la em uma ciência tal qual apresentada pelos parâmetros estruturalistas vigentes na década de 50. Se há uma idéia que se encontra tanto no primeiro momento quanto no segundo momento da teoria lacaniana, é o cientificismo da teoria da subjetividade, que, a princípio, se apresenta como uma psicologia, mas que abriu caminho para a formalização da ciência psicanalítica lacaniana, que, por sua vez, também abriu caminho para um novo movimento na obra de Lacan. Mas isto já é assunto para um outro trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LACAN. “*Da psicose paranóica em suas relações com a personalidade*”. Rio de Janeiro : ed. Forense Universitária, 1987
- LACAN. “*A agressividade em psicanálise*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*A carta roubada*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise*. in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar.
- LACAN. “*A direção do tratamento e os princípios de seu poder*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*A psicanálise e seu ensino*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar.
- LACAN. “*Formulações sobre a causalidade psíquica*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*Os complexos familiares na formação do indivíduo*” in *Outros Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar, 2003
- LACAN. “*O estágio do espelho como formador da função do Eu*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*O simbólico, o imaginário e o real*”. Conferência de 8 de julho, 1953. Mimeo
- LACAN. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar, 2003.
- LACAN. “*Situação da psicanálise e formação do analista em 1956*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar.
- LACAN. “*Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*” in *Escritos*. Rio de Janeiro : ed. Jorge Zahar
- LACAN. “*Seminário 1. Os escritos técnicos de Freud*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1986.
- LACAN. “*Seminário 2. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1985.
- LACAN. “*Seminário 3. As psicoses*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1988.
- LACAN. “*Seminário 4. A relação de objeto*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1995.

LACAN. “Seminário 5. *As formações do inconsciente*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1999.

LACAN. “Seminário 11. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*”. Rio de Janeiro ed Jorge Zahar, 1998.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR:

ARRIVÉ, Michel. *Linguagem e psicanálise lingüística e inconsciente. Freud, Saussure, Pichon, Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

DOR, Joel. *Introdução à leitura de Lacan*. Porto Alegre: ed. Artes Médicas, 1989.

DOSSE, François. “*História do estruturalismo*”. São Paulo : ed. Ensaio, 1993.

KOJÈVE, Alexandre. “*Introdução à leitura de Hegel*”. Rio de Janeiro : ed. EDUERJ, 2002.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: ed Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEPINE, Claude. “*O inconsciente na antropologia de Levi-Strauss*”. São Paulo: Editora Ática, 1974.

LÉVI-STRAUSS, C. – *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro : ed. Tempo Brasileiro, 1967.

OGILVIE, Bertrand – *Lacan, a formação do conceito de sujeito*. Rio de Janeiro : ed. Zahar, 1991.

MILLER, Jacques-Alain. *Percurso de Lacan, uma introdução*. Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 1988.

NANCY, Jean-Luc; LABARTHE, Philippe-Lacoue. *O título da letra uma leitura de Lacan*. São Paulo: Escuta. 1991.

ROUDINESCO, Elisabeth. “*História da psicanálise na França: a batalha dos cem anos, vol 2*”. Rio de Janeiro : ed Jorge Zahar, 1988.

_____. “*Jacques Lacan – esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento*”. São Paulo : ed Companhia das Letras, 1994.

SAFATLE, Vladimir. *Um limite tenso, Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo : Editora Unesp, 2003.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

SIMANKE, RICHARD T. – *Metapsicologia lacaniana. Os anos de formação*. São Paulo : Edufpr/Discurso Editorial, 2002.